



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGED)**



IRACI SOUZA NUNES MARQUES

**A SALA DE PROFESSORES COMO LUGAR DE MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE
DOCENTES APOSENTADOS EM ARACATU - BA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

Iraci Souza Nunes Marques

**A SALA DE PROFESSORES COMO LUGAR DE MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE
DOCENTES APOSENTADOS EM ARACATU - BA**

Texto de defesa para avaliação da banca examinadora do Programa de Pós-Graduação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) para avaliação da Banca Examinadora.

Linha de Pesquisa: Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

M318s

Marques, Iraci Souza Nunes.

A sala de professores como lugar de memórias: narrativas de docentes aposentados em Aracatu - Ba. \ Iraci Souza Nunes Marques, 2024. 127f.

Orientador (a): Dr. Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2024.

Inclui referências. 108 – 111.

1.Sala de professores - Memória social. 2. Docente - Experiência. 3.Saberes. 4. Práticas educativas. I De Benedictis, Nereida Maria Santos Mafra. II. Programa de Pós Graduação em Educação – PPGED. III.T.

CDD 370.71

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

Iraci Souza Nunes Marques

**A SALA DE PROFESSORES COMO LUGAR DE MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE
DOCENTES APOSENTADOS EM ARACATU – BA**

Texto de defesa para avaliação da banca examinadora do Programa de Pós-Graduação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) para avaliação da Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. **Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
(Orientadora)

Prof.^a Dra. **Shirlene Santos Mafra Medeiros**
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(Examinadora Externa)

Prof.^a Dra. **Denise Aparecida Brito Barreto**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
(Examinadora Interna)

Prof.^a Dra. **Sandra Mara Vieira Oliveira**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
(Examinadora Interna)

Vitória da Conquista – BA, 29 de fevereiro de 2024.

À comunidade aracatuense.



EXPECTATIVAS

“Um lugar bem aconchegante para o descanso [...] sabe aquele lugar que o médico tem o conforto? Então o professor precisa [...].”

“Bem arrumada, com sofás confortáveis para recarregar as forças.”

“Um espaço arejado, decorado com leveza e suavidade porque muita informação esgota quem já está cansado.”

“Um lugar acolhedor, limpo e agradável.”

“Um lugar para o descanso [...] acho que o professor merece.”

“Lugar onde o professor pudesse encontrar tranquilidade.”

REALIDADE

“Lugar de encontro para discutir sobre tantas coisas [...] alunos, aulas, projetos, mas também contar de nossa vida fora da escola.”

“Lugar de conversar sobre a aprendizagem de nossos alunos, pensar atividades diferentes, lugar de aprender e ensinar [...] quanta coisa linda já fizemos ali [...].”

“Ali a gente fala de currículo, situação de alunos, pais, colegas, nossa família, sonhos [...] é um lugar de prosa.”

“Lugar de encontrar os colegas para falar de trabalho, mas também, para falar das leituras que fazemos, leitura de livros, filmes, séries, Bíblia, leitura da vida.”

“Espaço de conversa sobre aprendizagem de nossos alunos, troca de atividades pedagógicas, projetos, planejamento, correções de provas [...].”

“A sala de professores tem dentro dela uma infinidade de universos porque cada professor é um mundo. Então tem exatas, pragmáticas [...] tem quem dá um bom conselho, quem olha com solidariedade, mas encontra-se quem tem inveja, quem quer apenas falar e não se dispõe a escutar [...] é um lugar plural.”

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

AGRADECIMENTOS

“Por tudo dai Graças”!

(1Ts. 5.18).

O reconhecimento da necessidade de estabelecer relações com o “outro” nos permite exercitar a virtude humildade, capaz de nos conduzir a atitudes altruístas, mas, sobretudo, nos oportuniza a experiência da sensibilidade de perceber quem é o outro e traz a reflexão de que somos o outro do outro! Nessa “parada” para fechar esse ciclo chamado Mestrado, sinto necessidade de externar o sentimento de gratidão que permeia meu coração por todas as vivências desse tempo de Graça!

Ao meu Deus por ter me dado a oportunidade de conhecer estudos sobre a memória, tornando-me uma divulgadora desse conhecimento tão importante à construção da identidade pessoal e profissional. Ao Senhor que me capacitou cada dia nesse percurso de crescimento pessoal e intelectual.

Ao meu pai, Raul Nunes dos Santos (*in memorian*) e a minha mãe Maria Ambrozina dos Santos pelo tempo dispensado ao ensinamento de princípios, orientações e exemplos de vida.

Aos meus filhos, Ana Maria, Caio Augusto e João Vítor, sem a alegria e a esperança que vejo em vocês, certamente esse tempo vivido não teria o mesmo sabor nem o mesmo saber.

À minha orientadora, Profa. Dra. Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis, por ter valorizado meu projeto, pela paciência em me ver dar os passos em direção à postura pesquisadora.

Às professoras Dras. Sandra Mara Vieira Oliveira, Denise Aparecida Brito Barreto e Shirlene Mafra Medeiros, membros das Bancas de Qualificação e Defesa. Muito obrigada pelas contribuições valiosas ao nosso trabalho e pela generosidade no trato com as necessárias revisões.

Ao Sr. Afrânio, Dona Iris e Robério pelo acolhimento e disponibilidade em dar informações preciosas acerca da história da educação em Aracatu. Somos gratas pela colaboração, contando a história real, dando voz a pessoas invisibilizadas pela história oficial.

Às colegas Valdicélia e Ariomar pela atenção e cuidado ao responderem nossos questionamentos, participando do momento de “validação” na produção de

dados.

À Dona Cleide pelo belo serviço na cantina do Colégio Estadual de Tempo Integral de Aracatu (CETIA), que preparou um cafezinho no dia da Oficina de Memória.

Aos professores aposentados, participantes desse estudo pela disponibilidade em lembrar feitos, narrar sobre sua trajetória, reconstruindo memórias de um tempo vivido que não se quer esquecido.

À minha turma de Mestrado, minha gratidão pela convivência respeitosa e empática. Construímos memórias preciosas no quesito formação humana e subjetividade!

Aos professores do PPGED pelas indicações de leituras e autores, pelas orientações e encaminhamentos favoráveis à desconstrução, ampliação e construção de conhecimentos.

À coordenação e funcionários do PPGEd pelo atendimento atencioso e responsável.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) pelo acolhimento não apenas como discente, mas, sobretudo, como pessoa que necessita de ambiência promotora de crescimento pessoal e profissional.

Às colegas nos estudos iniciais sobre memória, Tayse, Mariana e Rosilda pela motivação e inspiração.

À Irlandia pela generosidade e sensibilidade. Mestre Irlandia, sua postura altruísta nos convida sempre a rever nosso conceito de alteridade.

À Irene que incansavelmente ouviu minhas dúvidas e inquietações, sugerindo sempre encaminhamentos práticos e eficientes. Leitora e revisora de meus textos, me animava dizendo: manda aí pra eu dar uma “olhada”. Meu carinho e admiração!

Aos meus caros colegas professores e equipe gestora do CETIA, professoras Olga e Cláudia, pelo cuidado e compreensão quando necessitei me dedicar às demandas do Mestrado.

Aos meus irmãos e irmãs que entenderam minha ausência em muitos momentos de encontros, assumindo minhas tarefas com resiliência nos cuidados com nossa mãe idosa.

Às colegas amigas e irmãs, Katiane e Helena, obrigada pela partilha de conhecimentos e sentimentos. Certamente nosso encontro não foi por acaso!

Ao Núcleo de Análise em Memória Social Espaço e Educação (NUAMSEE) pelas reflexões pertinentes e discussões teóricas que oportunizaram crescimento e

autonomia na busca pelo conhecimento, especialmente o cuidado em despertar para a consciência de que a postura pesquisadora não se encerra no fechar de um ciclo, mas é permanente, assim como as relações estabelecidas.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos só. Não é necessário que outros homens estejam lá. Que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

(Halbwachs, 1990, p. 26).

RESUMO

Este trabalho intitulado “A sala de professores como lugar de memórias: narrativas de docentes aposentados em Aracatu – BA” teve como objetivo compreender a sala de professores como um lugar de memórias de professores aposentados que construíram e reconstruíram narrativas e testemunhos na implantação do Segundo Grau naquela comunidade, na década de 1980, concluindo a primeira turma de ensino profissionalizante no ano de 1984 no curso de Magistério. As análises aqui construídas tiveram como alicerce um levantamento teórico por meio do Estado da Arte que apontou em âmbito nacional, um mapeamento e análise do que havia de produção acerca da temática em estudo de 2017 a 2022. A pesquisa exploratória buscou compreender o conceito “sala de professores” e o contexto em que ocorreram as práticas educativas daquele momento inicial até o ano de 2013, sinalizando o tempo de exercício da docência dos quatro participantes desse estudo. O contexto das narrativas e testemunhos aconteceu por meio de um professor da área de Matemática e três da área de Linguagens, todos com formação inicial média, desenvolvendo formação continuada ao longo da trajetória profissional. Para além da coleta dos testemunhos foram realizadas discussões com teóricos, como Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Benjamin (1987), De Benedictis (2020), Nora (1993), Bondía (2002) dentre outros. Esses teóricos foram importantes para o estabelecimento de diálogos com os participantes por meio de narrativas e testemunhos subsidiários da pesquisa, fundamentando esse processo de (re)construção de memórias nas experiências pedagógicas. A pesquisa foi desenvolvida com base no Método Fenomenológico-hermenêutico, dando voz aos participantes da pesquisa, de modo a valorizar as suas contribuições e impressões sobre as memórias construídas na sala de professores, bem como o entendimento acerca desse espaço. As narrativas foram coletadas por meio de entrevistas com questões semiestruturadas e uma dinâmica denominada “oficina de memória”, as quais possibilitaram maior interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Como resultado da pesquisa, consideramos que a sala de professores é um lugar de memórias, e estas, uma vez (re)construídas, presentes nas narrativas dos participantes, se constituem como geração de saber, de conhecimento e, por isso, são relevantes marcas de memória social de Aracatu, Bahia.

Palavras-chave: Experiência; Memória social; Saber; Sala de professores.

ABSTRACT

This work entitled "The teachers' room as a place of memories: narratives of retired teachers in Aracatu – BA" aimed to understand the teachers' room as a place of memories of retired teachers who built and reconstructed narratives and testimonies in the implementation of the High School in that community, in the 1980s, concluding the first class of vocational education in 1984 in the Teaching course. The analyses built here were based on a theoretical survey through the State of the Art that pointed out, at the national level, a mapping and analysis of what was produced about the theme under study from 2017 to 2022. The exploratory research sought to understand the concept of "teachers' room" and the context in which the educational practices occurred from that initial moment until the year 2013, signaling the teaching time of the four participants in this study. The context of the narratives and testimonies took place through one teacher in the area of Mathematics and three in the area of Languages, all with average initial training, developing continuing education throughout their professional career. In addition to collecting testimonies, discussions were held with theorists such as Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Benjamin (1987), De Benedictis (2020), Nora (1993), Bondía (2002), among others. These theorists were important for the establishment of dialogues with the participants through narratives and testimonies that are subsidiary to the research, grounding this process of (re)construction of memories in pedagogical experiences. The research was developed based on the Phenomenological and Hermeneutic Method, giving voice to the research participants, in order to value their contributions and impressions about the memories built in the teachers' room, as well as the understanding of this space. The narratives were collected through interviews with semi-structured questions and a dynamic called "memory workshop", which allowed greater interaction between the researcher and the research participants. As a result of the research, we consider that the teachers' room is a place of memories, and these, once (re)constructed, present in the narratives of the participants, constitute a generation of knowledge, of knowledge and, therefore, are relevant marks of social memory of Aracatu, Bahia.

Keywords: Experience; Social memory; Know; Staff room.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Objetivos Específicos da Pesquisa	18
Figura 2 - Carimbo com autorização do curso de Magistério	21
Figura 3 - “Prédio Escolar”	32
Figura 4 - Mapa rodoviário de Aracatu	39
Figura 5 - Pôr do Sol em Aracatu: um convite à rememoração.....	40
Figura 6 - Lagoa que deu origem ao município	41
Figura 7 - Colégio Estadual Coronel Cândido da Silveira Santos	43
Figura 8 - Sala de Professores reformada	66
Figura 9 - Ata de conclusão de curso da primeira turma de Magistério em 1984.....	68
Figura 10 - Sala de Professores como lugar de memórias	75
Figura 11 - Encontro com a Professora Superação	78
Figura 12 - Encontro no Centro de Cultura	79
Figura 13 - Sala do 2º encontro com a Professora Arrependida	79
Figura 14 - Oficina de memória/Biblioteca CETIA - 2023.....	82
Figura 15 - Convite para Oficina de Memória.....	82
Figura 16 - Cartografia Narrativa da Pesquisadora	88
Figura 17 - Cartografia Narrativa da Professora Arrependida	89
Figura 18 - Representações imagéticas da Sala dos Professores	100

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ACs	Atividades Complementares
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BA	Bahia
BDBTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CC	Conselho de Classe
CEA	Centro Educacional de Aracatu
CEAB	Clube de Educadores Aposentados de Brumado
CEAC	Clube de Educadores Aposentados de Caculé
CECCSS	Colégio Estadual Coronel Cândido Silveira Santos
CPAG	Clube de Professores Aposentados de Guajeru
CETIA	Colégio Estadual de Tempo Integral de Aracatu
DIREC	Diretoria Regional de Educação e Cultura
DO	Diário Oficial
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
KM	Quilômetros
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NUAMSEE	Núcleo de Análise em Memórias Espaço e Educação
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PPGEd	Programa de Pós Graduação em Educação
PPGMLS	Programa de Pós Graduação em Memória Linguagem e Sociedade
PPP	Projeto Político Pedagógico
PR	Paraná
PRES	Programa Retorno Escolar Seguro
SEC	Secretaria de Educação e Cultura

TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UFP	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

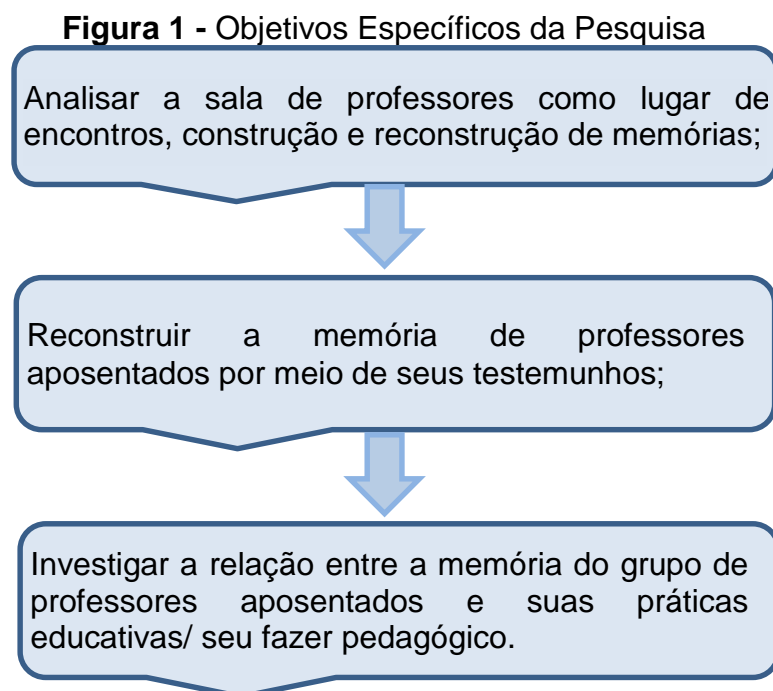
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....	20
1.2 RECORDAÇÕES	24
1.3 REMEMORAÇÕES: RECORTES DE UMA VIDA DE PROFESSORA	25
1.3.1 Anseios de uma professora: percurso formativo	26
1.3.2 Quando a teoria transforma a prática: experiências transformadoras.....	28
1.3.3 a necessidade do desapego: a finitude dos ciclos	30
1.4 UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DE PESQUISA.....	30
1.5 CAMINHO PERCORRIDO	34
2 EDUCAÇÃO DE SEGUNDO GRAU EM ARACATU: A BUSCA PELOS RASTROS DA HISTÓRIA REAL	39
2.1 PESQUISA EXPLORATÓRIA: PRIMEIRAS APREENSÕES.....	42
2.2 A ESCOLHA E PROPOSIÇÃO DA SALA DE PROFESSORES COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA	44
3 ESTADO DA ARTE	52
3.1 MAPEAMENTOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES	54
3.2 BUSCA NOS CATÁLOGOS	57
3.3 TRABALHOS SELECIONADOS	60
4 A SALA DE PROFESSORES COMO LUGAR DE ENCONTROS, CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS.....	66
5 A MEMÓRIA DE PROFESSORES APOSENTADOS POR MEIO DE SEUS TESTEMUNHOS.....	77
5.1 OFICINA DE MEMÓRIA.....	78
5.2 UM ZERO À ESQUERDA: QUAL O VALOR DO PROFESSOR?.....	84
5.3 QUANDO A APOSENTADORIA NÃO É UM FIM.....	86
5.4 CARTOGRAFIA NARRATIVA	87

6 RELAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA DO GRUPO DE PROFESSORES APOSENTADOS E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS/SEU FAZER PEDAGÓGICO.....	91
6.1 MEMÓRIAS QUE PRODUZEM SABERES: A EXPERIÊNCIA DA SALA DE PROFESSORES PARA ALÉM DO ESPAÇO FÍSICO	94
6.2 MEMÓRIA IMAGEM: INFERÊNCIAS.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICES	112
Apêndice A – Roteiro da Entrevista Semiestruturada.....	112
Apêndice B – Cartografia Narrativa	114
Apêndice C – Categorias Trabalhadas na Pesquisa.....	116
ANEXOS	119
Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP UESB/BA.....	119
Anexo B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	120
Anexo C – Termos de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos.....	124
Anexo D – Autorizações para Coleta de Dados	126

1 INTRODUÇÃO

O presente texto teve como proposição compreender a sala de professores como um lugar de memória para professores aposentados em Aracatu – BA. O recorte temporal da pesquisa abrange o período de 1982 a 2013. O período referendado diz respeito à última etapa do ensino básico que foi implantado no Centro Educacional de Aracatu (CEA), acolhendo jovens para a conclusão da Educação Básica, sobretudo, aqueles que não possuíam condições econômicas para se deslocarem para outras cidades circunvizinhas. Essa realidade foi um direito conferido pelo marco legal da educação por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 5.962, de 11 de agosto de 1971 (Brasil, 1971).

Como o trabalho buscou a compreensão da sala de professores como lugar de memória, foram delineados objetivos específicos, os quais possibilitaram o olhar, como “lanternas” para o caminho que buscamos percorrer a fim de alcançarmos os objetivos, quais sejam:



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Os objetivos apresentados nortearam o percurso desse estudo e possibilitaram o registro de memórias individuais e coletivas, construídas e reconstruídas na sala de professores, por educadores que, ao compartilharem suas memórias, colaboraram e

colaboram na construção da memória social da escola e da própria sociedade aracatuense.

O nosso objeto de estudo, possibilitou fomentar reflexões e discussões a respeito das memórias construídas pelos educadores aposentados nas relações estabelecidas na sala de professores. Logo, essa pesquisa possui relevância no âmbito de um Programa de Pós-Graduação em Educação por despertar para a importância do conhecimento dos espaços da escola, dentre eles, a sala de professores.

O recorte temporal escolhido, de 1982 a 2013, marcou a trajetória da atuação pedagógica dos educadores colaboradores nesse estudo. Podemos inferir que estes professores aposentados vivenciaram momentos importantes para a sociedade aracatuense, possibilitando uma contribuição para a formação de jovens, cujo percurso formativo foi influenciado pela presença dos educadores, bem como as escolhas profissionais reveladas nas diversas situações de aprendizagem. Nesse sentido, nosso objeto, conforme dito anteriormente, propõe o olhar como lanterna para um lugar de encontro, interações e subjetividades, o qual até então não fora concebido como um lugar de memória.

Portanto, ao pensarmos sobre este lugar tivemos as seguintes inquietações: Como a sala de professores se constitui como um lugar de memória? Como os professores aposentados concebem a sala de professores? Como foi constituída a memória individual desses professores na sala? A sala de professores possui alguma relevância para eles? O que aprendiam lá? Quais experiências foram constituídas na sala? Como ocorriam as vivências com outros docentes, a direção e coordenação pedagógica da escola na sala? Como se constituíram suas memórias em relação à prática pedagógica? Como era a relação com a escola e com a comunidade? Estes questionamentos nos municiaram para melhor reflexão e apreensão do nosso objeto.

O estudo em questão está inserido na Linha de Pesquisa Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia. Este objeto de estudo refere-se às relações estabelecidas entre educadores que foram pioneiros nas práticas pedagógicas destinadas à última etapa da Educação Básica, no Colégio Estadual Coronel Cândido Silveira Santos (CECCSS), uma escola estadual, situada na sede da cidade de Aracatu – Bahia, com o propósito de ofertar o Ensino Médio à população local.

A presente Dissertação está organizada por capítulos, sendo o primeiro a Introdução, seção em que apresentamos os sujeitos da pesquisa, recordações (conceito de recordar segundo o olhar dos participantes), memórias: recortes de uma vida de professora, uma reflexão sobre a questão da pesquisa e o caminho percorrido.

O segundo capítulo traz dados significativos acerca dos passos dados para a busca de informações voltadas para a implantação do Segundo Grau em Aracatu, por meio da pesquisa exploratória: primeiras apreensões, destacando a pesquisa exploratória *in lócus*, esclarecendo e situando nosso objeto de investigação. Ainda no referido capítulo, discutimos a proposição da sala de professores como objeto de estudo. Fazemos referência à origem do município, retratando a beleza do pôr do sol e alguns elementos da cultura local.

No terceiro capítulo, abordamos sobre a pesquisa realizada nos bancos de dados oficiais, o que demarca o nosso Estado da Arte. Logo após, temos o quarto capítulo, no qual fazemos uma análise da sala de professores como lugar de encontro e re(construção) de memória, discorrendo acerca dos saberes e das experiências na carreira docente.

No quinto capítulo, apresentamos o desafio da abordagem de uma participante, bem como relatos e testemunhos na “oficina de memória”. O sexto capítulo destaca a relação entre a memória do grupo de professores aposentados e suas práticas educativas/seu fazer pedagógico. Alguns relatos marcam a relação ora pontuada como saber relativo às memórias construídas pelos professores aposentados. Além disso, enfatizamos as inferências e impressões a respeito da memória imagem produzida nos grupos sociais. Na sequência, passamos para nossas considerações finais, ponto no qual abordamos nossas percepções e sentimentos ao longo do percurso, as constatações que o caminho escolhido nos oportunizou e as sugestões para novos e possíveis desdobramentos relativos à sala de professores como lugar de memórias.

1.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Para esta pesquisa tivemos como colaboradores os professores aposentados que atuaram na implantação da educação em nível médio, na cidade de Aracatu - BA, processo que teve início nos anos 1980, mais especificamente, em 1982.

Conforme relato de um colaborador durante a pesquisa exploratória, essa primeira equipe de docentes era composta por sete professores, hoje aposentados, moradores de Aracatu. Os quatro professores selecionados deixaram a regência entre 2008 e 2013. Estes exerceram a docência na primeira turma de formação de professores em nível médio, de acordo com o ato de criação do curso de Magistério em 1982, conforme documento arquivado pela instituição.

Esse documento, ao qual fizemos referência, é um carimbo apresentado na Figura 2, pois não foi encontrado registro de autorização de funcionamento do curso profissionalizante em Magistério, Nível Médio, em forma de Ata ou cópia do Diário Oficial.

Figura 2 - Carimbo com autorização do curso de Magistério



Fonte: Arquivo da escola (1982).

Conforme dito anteriormente, os participantes colaboradores residem em Aracatu e desempenham outras funções, fazem parte de outros grupos sociais, construindo assim, novas memórias em outro tempo e espaço. Abordados via rede social *WhatsApp*, entre 05 de outubro e 07 de novembro de 2022, foram convidados a participar da nossa pesquisa, após conhecimento do tema e objetivo do nosso estudo. No primeiro contato presencial cada professor escolheu um nome de acordo com o sentimento experimentado com nossa conversa inicial, assim nomeados: **Recordar, Saudade, Arrependida e Superação.**

Recordar, além da docência foi diretor e Secretário de Educação do município, tem um escritório em casa, lugar onde escreve poesias, narra fatos marcantes em sua trajetória e também, atividades contextualizadas de Matemática para os professores do Ensino Fundamental. Gosta de cuidar das plantas que cultiva em casa.

Saudade cuida da casa e dos filhos que moram com ela. Ao retornar para casa, após o momento inicial do tratamento de saúde que a fez deixar a sala de aula,

segundo ela, precocemente, começou a confeccionar artesanatos para decorar salões de festas, atividade realizada por alguns anos. Hoje ela é solicitada para “orientar” acerca de especialistas no tratamento do câncer, segundo uma ex-colega, esse é um serviço que **Saudade** faz com respeito e gratidão.

Arrependida tentou dar aulas de reforço em casa, mas não deu certo, segundo ela porque precisou se dedicar aos cuidados com uma neta, visto que sua filha só confia em deixar a criança com ela. Em 2023, atuou como “aplicadora” na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), experiência que a fez repensar sua condição de “arrependida”, pois entendeu ali, diante dos desafios que já havia cumprido seu papel de professora.

Superação pediu um afastamento para tratar de um câncer de mama por três anos, retornou à sala de aula até completar seu tempo de docência, ficou viúva em seguida e sua atividade atual é administrar um comércio com o filho e os netos.

Esses colaboradores foram abordados individualmente (via *WhatsApp*/presencial) em dois momentos e um terceiro encontro coletivo com a participação de **Saudade** e **Arrependida**, acolhidas por duas ex-alunas da primeira turma de Magistério e ainda uma colega docente daquela época que permanece trabalhando.

Vale ressaltar que a adoção de narrativas/testemunhos foi fundamentada no trabalho desenvolvido por De Benedictis (2016, p. 118), que aponta o testemunho como técnica eficaz na reconstrução das memórias individuais e coletivas, ao considerar que: “Portanto, o testemunho desempenha a função de reconhecer as memórias evocadas, de realizar uma conexão da vida atual com o vivido, de trocar experiências”. O testemunho é considerado como “ponte” entre o presente e as experiências do passado, ligando as lembranças evocadas ao que se pretende observar nesse tempo. As recordações partilhadas foram tomadas como elementos significativos para a leitura dos resultados.

Discutimos as memórias das relações interpessoais no fazer pedagógico de professores aposentados, e também das experiências que marcaram suas trajetórias de vida que ultrapassam os muros da escola e retornam ao interior deste, num movimento constante de construção de saberes, por meio de entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) e de análises das referências bibliográficas que tratam da temática em questão.

Em sintonia com De Benedictis (2016), no tocante ao valor do testemunho, o estudo realizado por Vieira (2022) atesta a eficácia da referida técnica nos estudos e sobre a reconstrução da memória ao afirmar que:

Nesse sentido, os testemunhos surgem como uma **alternativa de valorização das vivências e experiências de pessoas ou grupos**, muitas vezes ignorados no seu contexto social, dando voz a pessoas comuns, que trazem em seus testemunhos a contribuição que nos ajuda a compreender a riqueza da memória social (Vieira, 2022, p. 93 grifo nosso).

A valorização dos testemunhos teve o intuito de denunciar o silêncio que, muitas vezes, promove o esquecimento de sujeitos agentes no processo de construção social. Dessa forma, a arte de escutar torna-se necessária para que os testemunhos sejam, efetivamente, um meio para anunciar a presença desses professores aposentados na memória coletiva aracatuense, ultrapassando os muros da escola, perpassando outros grupos sociais nos diversos papéis desempenhados por esses educadores.

Buscamos entender, por meio dos testemunhos, quem são esses participantes que optaram por contribuir na formação humana de estudantes que fazem parte de suas memórias coletivas. Nesse contexto, investigamos a função da sala de professores, bem como o significado das vivências e experiências que este espaço oportunizou por meio das relações interpessoais no exercício da docência, compartilhada nesse tempo ora rememorado.

Trata-se, portanto, de um grupo social ancorado num espaço, no qual o participante adentrou com sua memória individual para a construção coletiva. Outro questionamento se faz necessário para o entendimento e reconhecimento da participação dos educadores na formação da sociedade, a saber: Quais memórias foram construídas na sala de professores?

De acordo com relatos orais de profissionais da educação, o ensino de Segundo Grau em Aracatu foi implantado no início da década de 1982, com o curso de Magistério, como curso profissionalizante. Duas professoras sinalizaram que foram alunas dessa primeira turma, tendo concluído o curso em 1984.

O Centro Educacional de Aracatu contava com sete docentes que já encerraram suas atividades profissionais, exceto uma educadora que permanece ativa, com 40 anos de regência. Quatro pioneiros foram colaboradores nesse estudo,

sendo um deles da área de Matemática, inclusive esse é também poeta. Curioso! O temido professor de Matemática escreve nas horas vagas, retratando as riquezas e a beleza de seu lugar. Os três professores colaboradores com graduação em Letras tiveram formação em nível médio, contudo, participaram de formação continuada.

Optamos por quatro participantes, entendendo que estes, por residirem em Aracatu, facilitariam nosso percurso, indicando-nos detalhes importantes na (re)construção das memórias produzidas nesse tempo social, na sala de professores, visto aqui como lugar de memória, uma vez que esse espaço abrigou um grupo social, cujos membros carregam uma memória individual, compartilhada na coletividade.

1.2 RECORDAÇÕES

A palavra recordação diz aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; reminiscência, lembrança. A recordação traz memórias de um tempo vivido, no qual pessoas e acontecimentos fizeram parte da formação pessoal e profissional de cada sujeito. Por essa razão, indagamos aos participantes **Recordar, Saudade, Arrependida e Superação**: O que é recordar para você?

Evocar essas lembranças é refletir sobre um tempo vivido: Eu viajei de trem para estudar em Caculé [...] levava até três dias para chegar lá. Mas valeu a pena demais! Tive excelentes professores. Aprendi sobre muitas coisas do mundo. Recordar então, para mim é viver! (Entrevista concedida por Recordar em 2023).

A resposta de **Saudade** deu-se entre um suspiro e um silêncio saudoso; a professora escolheu esse codinome pela motivação de sua saída prematura da escola. Com um diagnóstico de câncer de mama, viu-se “obrigada” a deixar a sala de aula para submeter-se ao tratamento em 2003 e ela respondeu: “Recordar para mim é motivo de emoção, pois naquele momento de saída brusca eu tive muito medo de não ver meus filhos crescerem, eles eram crianças ainda [...] poder relembrar agora é uma vitória!” (Entrevista concedida por Saudade em 2023).

A professora aposentada **Arrependida** se diz arrependida por ter solicitado afastamento definitivo da sala de aula, visto que esse ofício proporcionava não apenas ocupação, mas, sobretudo, a sensação de cumprimento de um dever social, pois fora preparada para esse fim. Segundo a professora **Arrependida** recordar é sempre uma oportunidade de pensar de novo o que vivemos, para ela:

Recordar é voltar no tempo, é pensar em coisas que fizemos, tentando compreender como e porque fizemos [...] acho que é uma oportunidade de entender os motivos que me fizeram pedir aposentadoria naquele momento [...]; vivi esses anos todos arrependida (Entrevista concedida por Arrependida em 2023).

Com a professora **Superação** foi uma surpresa porque havíamos entendido o silêncio dela como uma negativa em colaborar com nossa pesquisa. Meu retorno foi com a intenção de compreender e registrar a resistência dela com relação ao nosso estudo. No entanto, escutamos ali suspiros profundos acerca das recordações manifestadas pela professora aposentada e, ao responder sobre recordar, ela disse:

Recordar é relembrar de coisas e acontecimentos, de pessoas. Como aqueles alunos se dedicavam para aprender, para se tornarem professores! Tempo em que a solidariedade era uma realidade por aqui! Tempo de desafios também, pois estávamos começando o Segundo Grau [...]; acho que recordar é pensar de novo o que fizemos e como fizemos, mas hoje pensamos diferente (Entrevista concedida por Superação em 2023).

As recordações narradas pelos professores aposentados despertam nosso olhar para diversas questões que envolvem o ser e fazer professor na perspectiva do cuidado com o profissional, sem descartar a pessoa participante não só do grupo social docente, mas agente em tantos outros grupos para além dos muros da instituição responsável pela educação formal, numa sociedade imediatista e, ao mesmo tempo, carente de “lugares de memórias”.

1.3 REMEMORAÇÕES: RECORTES DE UMA VIDA DE PROFESSORA

Creio que a palavra professora seja sinônimo de ensinar e aprender. Em cada experiência com meus professores nos cursos de formação, com meus alunos em cada escola por onde passei, com cada colega em nossas trocas a respeito das situações de aprendizagem intencionalmente preparada ou até mesmo nas omissões, foram momentos sobre os quais tivemos a oportunidade de fazermos reflexões acerca do papel do professor. Tempo de amadurecimento, tempo de fazer-se e ser professora!

Professora, mãe e sexta filha de uma família de nove irmãos, nasci no então distrito denominado Guajeru - BA (território pertencente ao município de Condeúba –

BA), emancipado em 1985. Bisneta de um professor itinerante (1947-1955) e neta de um educador nato, cujas atitudes eram sempre permeadas de lições de sabedoria. Meu pai entendeu, sem esforço, que deveria oportunizar aos filhos a vivência da construção do conhecimento escolar. Como educadora, tive o privilégio de conhecer e vivenciar diversas realidades escolares e, acerca do papel do professor numa sociedade excludente e desigual, sempre me perguntava: Como contribuir para mudar tal realidade?

1.3.1 Anseios de uma professora: percurso formativo

Ainda cursando o Ensino Médio (Magistério) sonhava em conhecer a universidade, entretanto, a mesma só me foi apresentada alguns anos mais tarde por conta da maternidade. Cursei Pedagogia treze anos depois. O ambiente acadêmico me deixou fascinada! Superou minhas expectativas. Ali, no *campus* XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Guanambi, vivenciei situações pedagógicas que redirecionaram minha prática pedagógica, por meio de reflexões que viabilizaram o entendimento da necessidade de compreender a associação teoria/prática para conceber o aluno como sujeito em seu processo de aprendizagem.

As experiências proporcionadas pela Academia suscitaram reflexões que subsidiaram transformações significativas acerca da docência, bem como das teorias da aprendizagem, conforme afirma Bondía (2002, p. 24), “[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”.

Essas vivências acadêmicas deram suporte, não apenas a uma nova visão a respeito das relações interpessoais que se estabelecem no interior da escola, mas também, apontou para uma visão ampliada, fora do convívio escolar. Meu olhar acerca das relações entre os professores tomou uma nova dimensão, ou seja, o que parecia funcionar bem isoladamente, poderia ser mais eficaz se tivesse a chance de buscar harmonia: era a tão falada interdisciplinaridade.

A possibilidade de criar e fundamentar práticas educativas, na perspectiva de um novo contexto social, permitiu novas situações de construção de conhecimentos nas relações estabelecidas entre os colegas, uma vez que os diálogos entre as áreas

de conhecimento refletiam as tendências fixadas pela LDBEN nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996).

Aos 57 anos de idade, como professora e orgulhosa da profissão que escolhi, rememoro a época em que concluí o Magistério no ano de 1984, condição que permitiu meu ingresso na regência de classe já no ano seguinte, em 1985. Portanto, vivo essa experiência desafiadora há 38 anos e, felizmente, ainda “alimento” meus sonhos de professora com expectativas de crescimento e sucesso dos meus alunos. Fico encantada com o esforço e dedicação dos estudantes ao produzirem reflexões críticas acerca de situações cotidianas. O caminho percorrido na prática do dia a dia da escola me fez uma professora inquieta e sonhadora, porém, com os pés no chão, mais precisamente no “chão” da escola.

A proposta de trabalho final da graduação em Pedagogia, em 2000, foi extremamente importante no sentido de promover a concretização de minhas expectativas, de orientar reflexões acerca do cotidiano escolar. Assim, organizamos um minicurso sobre as relações interpessoais na escola. Essa experiência foi muito significativa, pois provocou relatos em diversas linguagens, apontando preconceitos, exclusão e o reconhecimento da necessidade de mudança de atitudes em relação aos colegas professores, aos alunos e, enfim, às relações interpessoais junto à comunidade escolar.

A graduação em Pedagogia impulsionou o amadurecimento no que tange à função da escola, mais especificamente à postura do professor no processo de construção do conhecimento. Abriu-se um leque de possibilidades por meio do diálogo com os colegas durante a realização das Atividades Complementares (ACs). Essa visão ampliada a respeito da educação marcou meu interesse, que também se ampliou em direção às práticas pedagógicas. Segundo Freire (2005),

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação (Freire, 2005, p. 45).

As ideias de Freire (2005) deram suporte para que eu continuasse perseguindo mudanças importantes na minha prática pedagógica, primando por inovações significativas que me conduziram a reflexões relevantes, no sentido de oportunizar

aos meus alunos a construção da autonomia enquanto sujeitos no processo ensino-aprendizagem. A educação bancária não cumpria mais seu papel, uma vez que a sociedade experimentava transformações tecnológicas intensas e rápidas.

A Secretaria de Educação e Cultura (SEC) promoveu a formação continuada, disponibilizando cursos como “TV na Escola e os desafios de hoje” em 2000, e “Regularização do Fluxo Escolar” em 2005, além de fomentar o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para a inserção de novas ferramentas nas práticas escolares, a fim de facilitar a construção de conhecimentos. Essa formação continuada proporcionada pela SEC oportunizou crescimento pessoal e profissional.

Atendendo à exigência da LDBEN nº 9.394 de 1996, com relação à formação específica, cursei uma nova graduação em História, direcionada aos licenciados em Pedagogia. Meu maior ganho foi fazer leituras adequadas num tempo oportuno. Revisitamos fatos históricos, considerando o lugar de fala dos autores. Foram descobertas enriquecedoras!

1.3.2 Quando a teoria transforma a prática: experiências transformadoras

O olhar de pedagoga fortaleceu as atitudes de uma professora inquieta. Com o intuito de compreender as dificuldades e comportamento dos meus alunos, busquei subsídios na Psicopedagogia a fim de transformar não apenas a minha prática, mas a relação social na comunidade escolar, o que me colocou aberta aos desafios apresentados pelas demandas sociais.

Foi nesse contexto que me tornei Orientadora do Pacto pelo Ensino Médio em 2014, Programa que buscou despertar a comunidade escolar para ações pedagógicas pautadas no “chão” da escola. Essa experiência foi muito importante, uma vez que a proposta permitiu a valorização das relações interpessoais na escola, promovendo a realização de atividades diversificadas e interdisciplinares.

Minhas experiências nesses 38 anos de práticas pedagógicas trouxeram momentos de trocas marcantes com meus colegas e alunos. Mas, as minhas inquietações a respeito das “marcas” adquiridas no processo de subjetivação, pelo qual passa cada sujeito em seu percurso formativo foram me conduzindo a reflexões acerca da função da escola para cada sujeito. Segundo o pensamento de Émile Durkheim (1975), a escola é responsável pela formação das novas gerações com o

intuito de que estas atendam às demandas da sociedade. Sobre esse enfoque, Durkheim (1975) questiona:

[...] de que maneira as práticas pedagógicas podem estar ligadas, ao mesmo tempo, às instituições formais e informais, elaboradas pela sociedade global e por qual percurso elas resultam de “ideias” produzidas pelo sistema escolar; por fim, a quais modelos pedagógicos recorrer para “ensinar” aos alunos, ao mesmo tempo, o sentido da “comunhão com os outros” e o sentido dos “saberes” científicos e literários (Durkheim, 1975, p. 21).

Ao longo da carreira, estive como gestora, coordenadora e professora, atuando em todas as etapas do ensino básico. Foram oportunidades importantes para aperfeiçoar o olhar sobre a educação por meio de ângulos diferenciados. As reflexões permitiram auto avaliações necessárias à decisão de me tornar aluna especial na disciplina Estudos da Memória, cujas discussões fundamentaram as tentativas de pleitear o ingresso no Mestrado em Educação.

Nesse ínterim, surge o Núcleo de Análise em Memória Social, Espaço e Educação (NUAMSEE), como oportunidade significativa de crescimento pessoal e profissional, ampliando minha visão quanto à relevância da memória individual e coletiva na sala de professores. Por essa razão, passei a indagar: O professor tem consciência do valor das memórias que são construídas na sala de professores?

Conforme Bondía (2002, p. 21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Se essas vivências me impulsionaram a repensar o sentido da escola, bem como o significado da sala de professores, então, a experiência certamente provoca mudanças necessárias à formação humana.

Hoje sou uma professora marcada pelas experiências que cada grupo social me proporcionou ao longo desse percurso. Num contexto de informações volumosas, corre-se o risco da pobreza de experiência, como alertou Benjamin (1987). Em contrapartida, a comunhão com os outros possibilitou a construção de saberes, cujas marcas significativas são evidenciadas nas diversas propostas didáticas que perpassam os encontros com meus alunos, com os quais busco fomentar o desenvolvimento da criticidade por meio de reflexões acerca da enxurrada de informações que os veículos de divulgação nos impõem.

Segundo Bondía (2002), “[...] a informação não é experiência. E mais, a

informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma ante experiência”. Esses encontros (aulas) são planejados, até hoje, com entusiasmo e compromisso em oportunizar experiências que permitam a percepção do sentido dos saberes científicos no cotidiano da vida.

1.3.3 A necessidade do desapego: a finitude dos ciclos

O Mestrado se configurou como um “sonho possível”, contudo a realidade pandêmica (Covid 19), portadora de sensações de medo, insegurança, afastamento social, que pareciam permanentes, era o “novo normal”. Esses dias inesperados e difíceis trouxeram desesperança e uma certa comodidade, assegurada pela conformidade veiculada na mídia, muitas vezes, prestadora de um serviço de desinformação.

Apesar dos desafios constantes, pode-se dizer que a pandemia também trouxe inovação e reinvenção nos modos de ser e de fazer. A necessidade de experienciar as referidas novidades, fez nascer também reflexões acerca de minha aposentadoria, mas ao mesmo tempo não me sentia preparada para tomar uma decisão tão importante, pois implicava em uma mudança brusca e radical. Comecei a “olhar” a vida de alguns colegas aposentados com o intuito de me reconhecer como tal.

Foi então, esse “olhar” o fio condutor em direção à necessidade de compreender quais sentimentos e sensações fazem parte do novo estado de vida do professor aposentado. Aos poucos fui trilhando o caminho da pesquisa, com a finalidade de “enfrentar” a dificuldade de me afastar da sala de aula, ambiente, cuja dinâmica me encanta pelo fato de “abrigar” interações promotoras de construção de conhecimentos, mediadores de mudanças defensoras da formação humana.

Nessa seara, a aproximação com colegas aposentados representou uma rica interação por meio das distintas abordagens realizadas no percurso de produção dos dados. Os diálogos, os testemunhos, as narrativas foram momentos de reflexões provocadoras de (re)significação e busca de sentidos para vivências e experiências advindas de memórias arquivadas.

1.4 UMA REFLEXÃO SOBRE A QUESTÃO DE PESQUISA

Para responder à questão proposta neste estudo, “Como a sala de professores

se constitui como lugar de memória?”, foram delineadas investigações dos elementos que compõem o espaço denominado sala de professores, com o objetivo geral de compreender a sala de professores como lugar de memória, (re)construindo as experiências de professores, no sentido de pensar as relações estabelecidas entre os educadores, nesse espaço permeado de lembranças marcadas por discussões, projetos, planejamentos de situações de aprendizagem em contextos diversos, pois o percurso desses educadores somam uma média de 25 a 30 anos de docência.

Neste contexto, buscamos a compreensão dessa sala como lugar de memória guiadas pelo pensamento clássico que nos aponta a memória como produtora de conhecimentos, situada no tempo e espaço. Entendemos como Bosi (2003), quando a autora discorre a respeito de atividades promotoras de tempos vivos, pois o tempo vivido por professores aposentados no espaço escolar é um tempo vivo.

Essa realidade advém das atribuições que decorrem da docência, no itinerário previsto pelo Estatuto do Magistério. Nosso olhar, como pesquisadora, chama atenção para as interações que produzem saberes, destacando a relevância da sala de professores na elaboração de técnicas e estratégias motivadoras do fazer pedagógico, consciente e intencional.

Não se pode ignorar a simbologia que permeia a sala de professores, cujo interior abriga saberes acadêmicos advindos da formação científica dos educadores, todavia, há também, saberes outros construídos por meio das várias experiências individuais e coletivas concernentes às trocas estabelecidas, com o objetivo de oportunizar relações pertinentes à formação humana em sua subjetividade.

Por essa razão, nossa investigação perpassou o interior da sala de professores, até mesmo quando ela não “existia” conforme nos mostra a Figura 3 do primeiro prédio escolar da comunidade. Visitamos e registramos vestígios das memórias construídas por esses grupos sociais que desenvolveram atividades escolares, influenciados pelas demandas sociais de cada momento histórico que compreende o recorte temporal proposto nessa pesquisa.

Figura 3 - “Prédio Escolar”

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

A imagem nos remete à época em que a escola era privilégio de alguns, ideologia que contrasta com o ideal proposto por Comenius (2001, p. 13), cujo pensamento fundamentou a pedagogia universal porque também, se alicerçou na revolucionária pedagogia cristã: “Ensinar tudo a todos”. Isso é desafiador, dada a imposição de relações marcadas pela organização social excludente, seletiva e desigual, cuja meta é a posse de coisas em detrimento do cuidado com as pessoas. Este é um cenário alimentado por ações individualistas, as quais promovem a formação de sujeitos, muitas vezes incapazes de perceber a riqueza das relações ancoradas no ofício de professor. Conforme Sousa Neto (2005),

E os ofícios, como decorrentes de um dado ritual, requerem oficinas, lugares onde se deve encontrar os artefatos para o trabalho – a matéria-prima que se manipulará, as ferramentas de que se disporá para a tarefa, os espaços em que o corpo se flexionará assumindo várias formas para o uso da força e da delicadeza em diferentes medidas (Sousa Neto, 2005, p. 250).

O autor nos convida a pensar acerca de materiais pedagógicos necessários à concretude da ação educativa. No entanto, revela também, a existência de material precioso decorrente da qualidade das relações interpessoais estabelecidas na oficina que caracteriza a sala de professores como espaço de saberes e experiências. Nessa perspectiva, o encontro entre os pares não se realiza apenas pelo dever do ofício, é também e, sobretudo, o entrelaçamento de ideias e ideais, tecendo os fios da identidade que se faz necessária no exercício da profissionalidade.

A identidade apontada por Sousa Neto (2005) permite situar os papéis das pessoas no interior da sociedade, marcando no tempo e espaço a pertinência daquele ofício nas trocas justificadas pelas relações que fundamentam os encontros. “Os ofícios requerem sempre e de maneira inexorável, um lugar que lhes identifique” (Sousa Neto, 2005, p. 253).

A pesquisadora Oliveira (2011, p. 52) comunga dessas ideias do autor com relação à identidade que promove unidade, sem desconsiderar a diversidade ao enfatizar que: “[...] o trabalho docente se reveste de uma singularidade ímpar que se caracteriza por alguns requisitos que lhe são peculiares e lhes diferencia de qualquer outra profissão”. Neste aspecto, o professor parece não reconhecer seu valor social, não se reconhecendo, inclusive como agente transformador em sua comunidade de atuação por meio de sua opção de prática educativa. Segundo Nóvoa (2013),

O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino (Nóvoa, 2013, p. 17).

O autor nos convida a refletir a respeito da formação e atuação do professor, ao mesmo tempo em que evidencia a interdependência entre a atuação e a formação, situando-os como processos contínuos imbricados. Ele alerta para a dependência entre ser pessoa e ser professor, no que tange à ação educativa, indicando a impossibilidade de cisão.

Em consonância com o pensamento desse autor, destacamos a afirmação de Medeiros (2016) ao se referir à constituição do *self*, esclarecendo a interação intersubjetiva como mecanismo de diálogo para a formação da memória experiencial. Assim, na identidade do professor permeia as relações vivenciadas até mesmo em grupos que antecedem o seu ingresso ao Magistério.

Concordando com Oliveira (2011, p. 49), “Fazer e ser professor implica numa caminhada que se inicia bem antes da escolha efetivamente realizada”, uma vez que as memórias construídas ao longo das vivências e experiências participam da e na formação do ser e do fazer social.

Na perspectiva de reconhecer a sala de professores como lugar de construção e reconstrução de memórias, organizamos encaminhamentos para sustentar nossas

inquietações. Assim, apresentamos na sequência os autores que deram suporte ao percurso estabelecido, bem como as etapas desse caminho.

1.5 CAMINHO PERCORRIDO

Não existe, no nosso entendimento, no trabalho científico, algo que mais exija um aprofundamento teórico e uma reflexão do pensar e da escrita do que o percurso metodológico. Para Minayo (2007, p. 14), “[...] a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”. É uma etapa que se constitui como um marco para a apreensão e discussão do objeto.

A pesquisa delineada por nós busca a compreensão da sala de professores como um lugar de memórias, e por isso, optamos por uma abordagem qualitativa no sentido de escutar os testemunhos e dar voz aos educadores aposentados que fizeram parte da etapa final da Educação Básica do Colégio Estadual Coronel Candido Silveira Santos (CECCSS), o antigo CEA, participando da história da educação dessa cidade.

A reconstrução dessas memórias foi tema das narrativas individuais e coletivas na etapa da coleta de dados, uma vez que o sujeito deve ser concebido enquanto ser social. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é construída no grupo social, portanto, buscamos nessa pesquisa responder ao questionamento central: Como a sala de professores se constitui em um lugar de memórias? A (re)construção dessas memórias sustenta a resposta para a pergunta central dessa investigação. Para tanto, percorreremos às trilhas constituídas, conforme dito anteriormente, por indagações que compõem a questão principal, quais sejam:

✓ Qual o significado da sala de professores para esses docentes aposentados?

✓ A sala de professores é considerada um ambiente relevante pelos docentes aposentados?

✓ Qual a importância dos testemunhos dos professores aposentados para a (re)construção da memória coletiva desses profissionais?

Com o intuito de assegurar a veracidade dos dados produzidos nessa investigação, bem como verificar a abordagem evidenciada em estudos anteriores acerca dessa temática, realizamos a consulta em repositórios, cujos aportes teóricos

indicaram a relevância da pesquisa proposta, apontando os teóricos que versam a respeito da perspectiva selecionada nesse estudo.

Vale ressaltar, que a pesquisa aqui realizada buscou um rigor científico, a fim de produzir resultados concernentes à proposta apresentada. Foram observadas as questões levantadas, tomadas como reflexões norteadoras, bem como os objetivos propostos para apreensão do objeto. Neste sentido, corroboramos com Minayo (2007) quando a autora reflete que:

Diferentemente da arte e da poesia que se baseiam na inspiração, a pesquisa é um trabalho artesanal que não prescinde da criatividade, realiza-se fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular (Minayo, 2007, p. 25-26).

Conforme a autora, esse trabalho artesanal nos possibilitou o pensar e o “manuseio” de alguns conceitos importantes para referendar o estudo. Portanto, a memória, a experiência, os saberes e os testemunhos fundamentaram os conhecimentos construídos. Assim, foram realizados estudos em teóricos os quais se debruçaram em reflexões que sustentam os conceitos mencionados, numa perspectiva capaz de abarcar as categorias contempladas (Apêndice C). Desse modo, autores como Halbwachs (1990), Ricouer (2007), Bondía (2002), Nora (1993), De Benedictis (2016) entre outros, fundamentaram a base dessa investigação.

Nesse cenário, analisamos a sala de professores como lugar de encontros, construção e reconstrução de memórias por meio da entrevista semiestruturada individual (Apêndice A) e o registro de lembranças das experiências vivenciadas na sala de professores. Para a pesquisa sobre o percurso do exercício docente, desenvolvemos a Narrativa Cartográfica (Apêndice B) como uma metodologia para a construção e reconstrução da memória individual e social dos docentes.

Buscamos com a Narrativa Cartográfica, reconstruir a memória de professores aposentados por meio de seus testemunhos, promovendo o entendimento a respeito das transformações oriundas das experiências que ultrapassam os muros da escola. Por essa razão, os testemunhos compõem o percurso metodológico, no sentido de oportunizar a rememoração de experiências e vivências que indicam o valor das relações sociais, como fundamento para a formação humana e profissional.

Pensarmos no papel que os professores exercem na sociedade ao longo da sua história, é compreendermos as transformações sociais ocorridas por meio da construção do conhecimento na evolução humana; é valorizarmos o fazer pedagógico de um profissional que prima pela formação humana, visto que o conhecimento é o cerne do desenvolvimento em todas as dimensões.

O testemunho é uma narração, um vestígio de uma experiência, o indício de uma ocorrência, fundamentado no contexto dos fatos. O “testemunho é um fenômeno social” (De Benedictis, 2016, p. 118). De Benedictis ainda enfatiza acerca do valor da narrativa nascida do sujeito da experiência, marcada pela presença, muitas vezes, invisível pela história oficial. Portanto, dar voz a esses professores aposentados foi uma tarefa das mais nobres, considerando os sentimentos que residem em cada narrativa.

Por essa razão, para investigar a relação entre a memória do grupo de professores aposentados, suas práticas educativas e seu fazer pedagógico, realizamos um encontro entre os colaboradores na biblioteca do Colégio Estadual de Tempo Integral de Aracatu (CETIA), cuja ambiência favoreceu o acesso a objetos e fotos que possibilitassem a rememoração de recordações, com a intenção de provocar evocação de lembranças de um tempo vivido coletivamente.

Vale ressaltar que no encontro acima mencionado foi considerado o horário e o local escolhidos pelos docentes (propusemos a sala de professores/CECCSS), porém uma nova “mudança” ocorreu nesse percurso, dificultando a efetivação da ideia inicial.

Com o intuito de organizarmos um grupo dialógico para a promoção de um momento de evocação de lembranças, instigando os professores a rememorem um tempo vivido, recordando experiências que permitissem a percepção da relevância da memória coletiva no percurso de formação humana de cada educador, realizamos a referida etapa com êxito.

Para Halbwachs (1990, p. 54), “Um homem, para evocar seu próprio passado tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças de outros”. Esse entendimento ocorre pelo fato de que o sujeito pode pertencer a diversos grupos, cujas experiências, apesar de serem individuais, ocorrem por meio das relações nos grupos sociais, nesse caso, a comunidade escolar.

O encontro com cada participante desse estudo foi organizado com a intenção de dialogarmos a respeito das experiências que a docência proporcionou e a implicação dessas experiências na formação humana individual e coletiva, pontuando

lembranças, rememorando situações significativas que compuseram a memória social desse grupo. Nesse sentido, propomos a recordação da sala de professores, bem como os sentidos que esse espaço físico e/ou simbólico representou em um tempo vivido, que não se quer esquecido.

Para analisarmos a sala de professores como lugar de memória, observamos objetos, frases, documentos, a disposição dos móveis a fim de verificarmos a intensidade da aventura afetiva com os frequentadores assíduos desse ambiente, enquanto marcadores da identidade dos educadores no exercício da docência, pretendendo, com isso, conhecer o ambiente de recordação que serviu de espaço de encontro de ideias e ideais, com o intuito de identificar indícios de teorias filosóficas que deram suporte aos objetivos educacionais propostos naquele contexto inicial e, também as alterações que as demandas sociais impuseram à educação aracatuense no decorrer do recorte temporal definido para esse estudo.

Os marcos legais que orientaram as práticas pedagógicas e a definição de estrutura curricular que selecionaram saberes escolares, foram observados na perspectiva do entendimento da função social da escola com as memórias produzidas naquele lugar. Segundo Nora (1993, p. 22), “[...] na falta dessa intenção de memória, os lugares de memória serão lugares de história”.

É por essa razão que, investigar a sala de professores como espaço tanto físico quanto simbólico nos inquietou e nos impulsionou a querer saber qual a relevância desse espaço no ambiente escolar, como deve ser organizado, qual o nível de liberdade de fala, construção, proposição dentro das discussões e dos projetos da escola, qual a sua finalidade de uso, bem como sobre o que costumavam falar os grupos que ali se reuniam.

A investigação acerca da importância da memória coletiva no processo de formação humana de professores aposentados nos conduziu a visitar o espaço que abrigou esses educadores nos anos 1980, para dar início ao processo de implantação do Segundo Grau, em Aracatu – BA.

Esse primeiro momento da pesquisa exploratória foi marcado pela constatação de que essa sala não existia. Cada participante desse estudo relatou que nem mesmo a prática de planejamento coletivo fez parte daquela ocasião. Dessa forma, cada professor pensava e organizava suas aulas, isoladamente. O encontro entre eles tinha como finalidade, dentre outras ações, organizar o desfile de 7 de setembro, o Dia das Mães, ou seja, as datas comemorativas. E, como não havia a sala de professores,

aproveitavam as reuniões de pais e mestres ou se encontravam na secretaria da escola ou em uma das salas de aulas.

A visita à sala de professores com a intenção de visualizar os elementos descritos pelos educadores possibilitou a compreensão daquilo que as palavras não são capazes de descrever. Os testemunhos, bem como registros que confirmaram os indícios apontados pelos participantes foram tratados com o método adequado ao estudo proposto, uma vez que a pesquisa social requer critérios, recursos e linguagem pautados na teorização específica, pois, conforme Ricoeur (2007):

Será preciso, contudo, não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos (Ricoeur, 2007, p. 156).

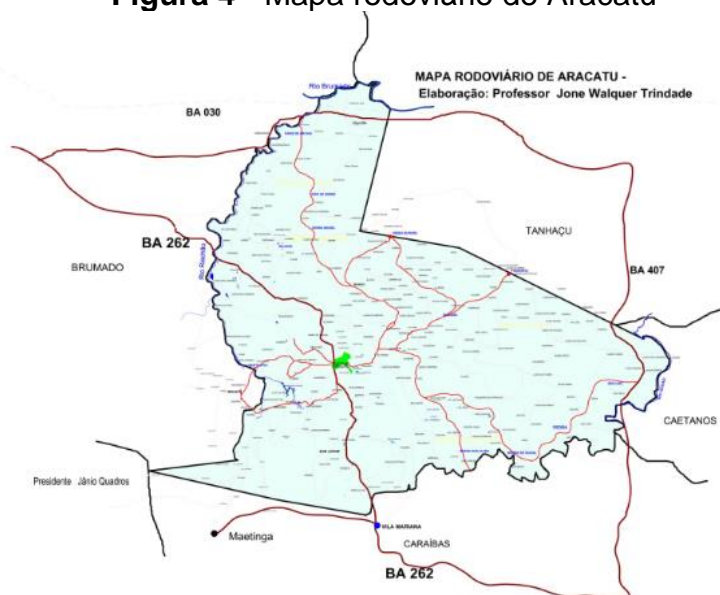
Nessa perspectiva, importa destacarmos que os rastros encontrados deram suporte ao aprofundamento que se almejou atingir como resposta à nossa questão de pesquisa. A ausência de arquivo público na cidade *lócus* desse estudo orientou-nos a adotar uma postura de ouvintes atentos à necessidade do confronto entre as narrativas dos participantes, visto que os registros ainda não foram organizados em um arquivo.

Dessa forma, a reconstrução da memória desses professores aposentados ocorreu por meio dos seus testemunhos, valorizando a narrativa oral, bem como o relato escrito acompanhado de imagens. Contudo, a leitura dos silêncios, gestos e sentimentos foram significativos para nosso entendimento da sala de professores como lugar de encontros, construção e reconstrução de memórias.

2 EDUCAÇÃO DE ENSINO MÉDIO EM ARACATU: A BUSCA PELOS RASTROS DA HISTÓRIA REAL

Neste capítulo, apresentamos um breve histórico da cidade de Aracatu, situada no sudoeste baiano, sob a ótica de moradores interessados em preservar a memória local, bem como evidenciar aspectos que marcaram e marcam a origem do município, caracterizando o percurso da educação formal e as práticas que decorrem de relações constituídas tanto no espaço escolar quanto por meio dele. A cidade é “cortada” pela BA 262 (conforme Figura 4), fato que a caracteriza como lugar de passagem para muitos habitantes da região e de outros estados e, muitas vezes, parada para um café com “fofão”, chimango doce, cuja origem é aracatuense.

Figura 4 - Mapa rodoviário de Aracatu



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Cheguei a Aracatu em 2010 e me encantei com o pôr do sol, de beleza singular. Enquanto aguardava o transporte no terminal rodoviário, admirava aquele espetáculo que se apresentava para todos, mas, apenas alguns se davam conta da preciosidade e rara beleza. Estes poucos observadores registraram de várias maneiras a boniteza do entardecer em Aracatu.

Figura 5 - Pôr do Sol em Aracatu: um convite à rememoração



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

O município de Aracatu foi criado pela Lei Estadual nº 1.708, publicada no Diário Oficial (DO) do Estado em 12 de julho de 1962 (Bahia, 1962). Quanto à sua origem, sabe-se, através de relatos orais, que o arraial de Gameleira dos Machados nasceu da Fazenda São Pedro, em meados do século XIX, em homenagem à tradicional família Machado e à Gameleira, árvore frondosa que chega a medir dez metros de altura.

A escolha do lugar para a instalação do arraial deve-se à presença de uma lagoa, rodeada de grandes lajedos e gameleiras. Segundo relatos orais, contou uma historiadora local, não apenas gameleiras e lajedos compunham aquela paisagem, pois, vivia ali também um grupo de índios, expulso pelo novo “proprietário” daquela terra já habitada. Em 1938, esse arraial passa a se chamar Aracatu em virtude de sua posição privilegiada, geograficamente. A palavra *Araka'tu* era usada pelos índios para indicar “dia bom, dia de tempo firme, bons ares”.

A Figura 6 mostra a lagoa que deu origem ao município, hoje espaço modificado pela ação humana.

Figura 6 - Lagoa que deu origem ao município



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Algumas gameleiras foram substituídas por construções diversas, conforme necessidade de cada situação social, marcando a relação homem e natureza nem sempre harmoniosa. O Município de Aracatu, Bahia, está inserido numa classificação de pequeno porte devido ao número de habitantes, de aproximadamente 14.000, conforme dados do último censo demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A maior parte da sua dinâmica econômica está baseada no serviço público, na migração sazonal de colheita de café e em benefícios públicos concedidos através de pensões e aposentadorias.

A cidade de Aracatu, situada no polígono das secas, sofre, anualmente, longos períodos de estiagem. A população rural não dispõe de recursos para investir na agricultura, que é dessa forma, predominantemente de subsistência, e como não conta com fábricas, empresas prestadoras de serviços, comércio forte ou outra fonte de renda, muitos jovens deslocam-se, então, para outras regiões em busca de trabalho, no caso, para a colheita de café nas fazendas dos estados da região Sudeste.

É importante conhecer a origem e história do CECCSS, pois, a compreensão do tempo presente também perpassa pela compreensão e valorização do esforço na conquista da escola, no tempo passado. Por meio de pesquisa historiográfica, com a análise de fontes documentais e orais, buscamos descobrir quem foi o Coronel Cândido da Silveira Santos, este personagem que dá nome ao Colégio e cuja história de vida se revela e se funde na própria fundação da escola.

Detentor da patente de Coronel da Guarda Nacional, Cândido da Silveira Santos nasceu em 08 de março de 1865, chegou a ocupar durante alguns dias a intendência do município de Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado. De posse do cargo, o Coronel Cândido mandou construir um casarão no então, Arraial de Gameleira dos Machados, atual cidade de Aracatu.

Com a intenção de transferir a sede da intendência do município de Brumado para essa localidade. Como não conseguiu alcançar seu objetivo, o Coronel, por volta de 1925, cedeu duas salas daquele casarão para que ali funcionasse uma escola, com o nome de Escola Coronel Cândido da Silveira Santos (ECCSS).

No início da década de 1970 foi construído um “prédio” na Praça Luiz Viana Filho, com duas salas, pátio, dois banheiros e sala para a diretoria. Em 1973, a primeira Superintendente Regional de Educação na região, com sede em Vitória da Conquista, transferiu o CECCSS para a atual sede.

Em 1974, a escola teve o seu primeiro diretor. Até então, as escolas ficavam sob a responsabilidade de uma delegada escolar. No ano de 2002, a Escola de 1º Grau Coronel Cândido da Silveira Santos atendia apenas o Ensino Fundamental (anos iniciais) e passou a se chamar Colégio Estadual Coronel Cândido da Silveira Santos (CECCSS), ampliando a oferta de vagas para o Ensino Fundamental (anos finais) e o Ensino Médio. Nossa pesquisa exploratória continua, norteadada pela segurança que a definição do objeto de pesquisa nos proporcionou.

2.1 PESQUISA EXPLORATÓRIA: PRIMEIRAS APREENSÕES

O diálogo com o Secretário Municipal de Educação nos fez perceber que a cidade tem necessidade de um arquivo público, “lugar de memória”, como disse Nora (1993). Segundo o secretário, a Secretaria tem registros datados a partir de 1998, ano em que a Coordenadoria Municipal de Educação foi substituída pela Secretaria Municipal de Educação.

É nessa realidade concreta que reside o *lócus* dessa pesquisa, a sala de professores. Um lugar, conforme De Benedictis (2016), ao se referir a um lugar social como espaço de pertencimento e construção de identidade. A autora dialoga com Ricouer (2007), enfatizando o espaço vivido, no qual os sujeitos vivem, trabalham e lutam. É a esfera social em que ocorrem as interações entre os membros de cada

grupo. Nesse sentido, esse lugar, a sala de professores, é o lugar de vivências, experiências, saberes e construção e reconstrução de memórias.

Através da Portaria nº 2.350, publicada no DO de 11 e 12 de abril de 1981, o referido Colégio passou a ser estadual, permanecendo com a oferta de ensino de 1ª à 4ª série, atualmente 2º ao 5º ano. No ano de 1984, com a Portaria nº 4.489, publicada no DO de 28 de março de 1984, foi autorizado o ensino de 5ª à 8ª série, atual 6º ao 9º ano. E, no ano de 2002, sob a Portaria nº 498, exposta no DO de 16 de janeiro de 2002, recebeu autorização para oferecer o Ensino Médio.

Era então uma nova realidade para se adaptar, uma vez que aquela equipe de professores estava preparada para atuar no Ensino Fundamental. A SEC organizou uma dinâmica de formação continuada e a sala de professores ganhou um novo sentido, tornando-se um ambiente de estudo para docentes em formação permanente, conforme impunha o sistema educacional.

Figura 7 - Colégio Estadual Coronel Cândido da Silveira Santos



Fonte: Arquivo da escola (2019).

Conforme documento consultado, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, durante a pesquisa exploratória, a implantação do 2º Grau foi uma experiência desafiadora, uma vez que as condições apresentadas pela estrutura física da escola de 1º Grau não eram favoráveis às exigências da Lei vigente (LDBEN nº 5.962/1971), cujo objetivo geral versa pela obrigatoriedade da formação profissional, assim expresso em seu Artigo 1º:

O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao

educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (Brasil, 1971).

Essa nova realidade trouxe imposições de um contexto social, notadamente impregnado por narrativas decorrentes da ordem social, alicerçada na preparação básica para o trabalho. A fim de atender as necessidades de uma sociedade, fundamentada na formação de técnicos capazes de ocuparem os diversos espaços no mercado de trabalho, a educação brasileira organizara seus currículos para o cumprimento das prerrogativas do referido marco legal ao afirmar no Capítulo I, Artigo 4º, § 3º que: “[...] para o ensino de 2º grau, o Conselho Federal de Educação fixará, além do núcleo comum, o mínimo a ser exigido em cada habilitação profissional ou conjunto de habilitações afins” (Brasil, 1971).

A comunidade aracatuense, nessa época, ansiava pela oportunidade de concluir a Educação Básica sem a necessidade de deslocamento para cidades vizinhas, no entanto, não contava com um espaço físico adequado. Vale ressaltar que para a maioria dos jovens, a situação econômica não permitia matricular-se em escolas de municípios vizinhos, como Brumado e Anagé. Somente aqueles abastados financeiramente conseguiam concluir a Educação Básica, pleiteando novas chances de aperfeiçoamento e formação para o trabalho, conforme está disposto na LDBEN.

Nessa perspectiva, a pesquisa foi norteada com o intuito de responder ao problema que motivou nosso estudo acerca das relações estabelecidas por um grupo de educadores que, no percurso de vida construíram memórias na comunidade escolar, atuando na última etapa da Educação Básica, no referido município.

2.2 A ESCOLHA E PROPOSIÇÃO DA SALA DE PROFESSORES COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA

Conforme foi dito, não encontramos registros nos catálogos oficiais acerca de estudos relativos às memórias construídas na sala de professores, no entanto, encontramos no trabalho do pesquisador Caria (2007, p.132) um estudo acerca da cultura profissional do professor, com reflexões sobre a cultura do professor que permitem inferências a respeito do lugar, no qual a categoria (professores) se encontra para trocas importantes quanto ao papel que lhes cabe.

Valorizar essa interação, intencionalmente direcionada à formação de sujeitos, significa compreender a importância da memória como produtora de saberes. Visitamos alguns sites, numa busca por “sala de professores” no *Google* e encontramos uma diversidade de descrições a respeito dessa ambiência, teoricamente destinada a acolher os professores em sua lida diária na dinâmica estrutural do sistema educacional vigente.

A diversidade a qual nos referimos retrata opiniões norteadas pela valorização de materiais pedagógicos, móveis, instrumentos que favoreçam a utilização das TICs, bem como a interação necessária à interdisciplinaridade e transversalidade. Características apontadas como promotoras de ambiência favorável à realização de diálogos, capazes de fomentar situações fecundas a respeito do processo de aprendizagem.

Um dos participantes da pesquisa contou-nos a respeito dessa sala em Aracatu, citando o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) como motivador na implementação das ACs. Segundo ele, a exigência de resultados para justificar a verba direcionada à educação trouxe a necessidade de diálogos, capazes de subsidiarem encaminhamentos efetivos nessa direção.

De acordo com as conversas informais com os professores aposentados, em novembro de 2022, numa ocasião de rememoração foi dito que, não havendo a sala para professores as raras reuniões eram realizadas na sala de aula ou na sala da diretoria (espaço pequeno), uma vez que o número de docentes assim permitia. Essas reuniões ocorriam apenas em datas comemorativas, como no Dia das Mães, da Independência do Brasil, de entrega de resultados finais (momento de dizer aos pais sobre o avanço ou permanência dos filhos naquela etapa de ensino).

Constatamos, portanto, a ausência da sala de professores nos primórdios da história da educação em Aracatu. A primeira instituição educacional tinha apenas duas salas de aula, um banheiro e um pequeno espaço reservado aos documentos e à diretoria da escola. Nesse cenário, contou-nos um ex-diretor: “[...] a gente não achava necessário que os professores se encontrassem [...] cada um fazia seu planejamento e correções em casa. Só mesmo quando tinha um desfile ou uma homenagem às mães, preparavam juntos”.

Dada a importância que esse lugar de encontro foi adquirindo ao longo da história da educação, podemos afirmar que as demandas sociais impõem dinâmicas

específicas no que concerne aos recursos considerados necessários às práticas pedagógicas indicadas em cada contexto social. Por essa razão, essa sala se modifica na disposição de objetos, todavia, o sentido permanece particular, individual. Sobre o lugar de memória, afirma Ricouer:

É em conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva (Ricouer, 2007, p. 156).

Nesse contexto de lembranças e recordações, não se pode esperar um “resgate” de memórias, uma vez que a dinamicidade decorrente das transformações imbricadas nas relações e interações sustentam os grupos sociais, cujos sujeitos marcam-se mutuamente por meio das trocas efetivadas ao longo das vivências, atravessadas pela diversidade de acontecimentos permeados por sentimentos distintos.

A primeira escola de Aracatu, desde a sua fundação, não possuía um lugar reservado aos professores; sua estrutura física não havia sido planejada com um espaço destinado aos professores, porém, abrigou a primeira equipe de docentes do curso profissionalizante, cujo objetivo foi preparar estudantes para o exercício da docência. Segundo narrativa de uma professora, os colegas conversavam sobre as situações da educação em qualquer lugar fora do “prédio escolar”, por exemplo, na porta da sala de aula e na saída da escola.

Nessa seara, o espaço organizado no CECCSS como sala de professores, tornou-se um lugar de (re)construção de memórias de professores. Oficialmente, esse foi o primeiro espaço pensado com essa finalidade, ou seja, a necessidade de novas instalações para a modalidade de ensino (Segundo Grau) trouxe, também, a novidade do “lugar” de encontro para os professores.

De acordo com relatos de professores, esse é um espaço de trocas importantes, uma vez que raramente se está só, fisicamente, por se caracterizar como um lugar de encontro. Ali, segundo narrativas docentes, é lugar de acolhimento à diversidade de saberes, cuja conversa possibilita a seleção de conteúdos norteadores dos vários currículos que compõem o fazer pedagógico em cada realidade escolar. Transcreveremos a seguir, alguns recortes desses relatos, identificando as falas como pesquisa exploratória.

A sala de professores é o recanto do docente para seu respiro. É o espaço da troca com os colegas tanto das experiências exitosas quanto suas frustrações e desafios [...] sempre com o propósito de encontrarem juntos as soluções para a melhor condução das aulas. A sala de professores é ambiente e tempo próprio para a interligação entre os saberes e fazeres das diferentes áreas do conhecimento nas ACs (Pesquisa Exploratória, 2022).

As trocas significativas decorrentes das relações que se estabelecem nesse ambiente geográfico, mas também simbólico são retratadas na experiência testemunhada pela professora, cuja vivência elege a comunhão e o diálogo como prática coletiva. É também lugar que “abriga” um tempo específico para compartilhar frustrações, desafios e experiências exitosas. Conforme Halbwachs (1990), a memória está sempre ancorada no espaço e no tempo, uma vez que são as relações sociais promotoras de vivências individuais e coletivas. Numa pesquisa exploratória realizada no ano de 2022, uma professora aposentada relatou:

Ah, se aquela mesa falasse [...]! É a mesa mais importante da escola. Quanta coisa foi dita ali! Tenho muita saudade de nossas conversas e do cafezinho que tinha um sabor especial. A reunião formal ou informal, passar notas, fazer pesquisas, contar casos, ouvir o colega que chega cansado da sala de aula [...] (Pesquisa Exploratória, 2022).

Temos que considerar a pluralidade de concepções evidenciadas pelos educadores ao se referirem a esse ambiente tão íntimo e significativo. Espaço de trabalho, lutas, conflitos, porém, com uma simbologia peculiar, haja vista que há, também, a possibilidade de diálogos informais, brincadeiras, casos, desabafos e cafés partilhados.

É uma ambiência, muitas vezes, restrita aos docentes; contudo, foi possível percebermos que outros funcionários da escola têm a liberdade de adentrar a sala no horário do café. Alguns professores costumam levar estudantes para a realização de avaliações pendentes, fato que muitos professores discordam, pois, compreendem a sala como um “Espaço de discussão dos objetos de conhecimento, buscam-se ali alternativas que viabilizem a experiência da construção do conhecimento, mas também, um lugar de descanso, de conversa informal, lugar também de dar boas gargalhadas” (Pesquisa Exploratória, 2022).

A riqueza de debates, certamente é proporcionada pela diversidade dos saberes que ali se encontram, produzindo a didatização de conhecimentos

acadêmicos direcionados aos vários sujeitos que fazem parte daquele universo escolar, cuja função social é oportunizar a construção de conhecimentos específicos, mas, também, promover a interdisciplinaridade que provoca a prática educativa integral, colaborando com a formação humana capaz de fomentar transformações sociais. O quadro abaixo sinaliza o olhar que alguns professores têm a respeito da sala de professores e as leituras que refletem expectativas promotoras de discussões importantes.

Quadro 1 - Para que serve a Sala de Professores?

EXPECTATIVAS	REALIDADE
Um lugar bem aconchegante para o descanso [...] sabe aquele lugar que o médico tem o conforto? Então o professor precisa [...].	Lugar de encontro para discutir sobre tantas coisas [...] alunos, aulas, projetos, mas também contar de nossa vida fora da escola.
Bem arrumada, com sofás confortáveis para recarregar as forças.	Lugar de conversar sobre a aprendizagem de nossos alunos, pensar atividades diferentes, lugar de aprender e ensinar [...] quanta coisa linda já fizemos ali [...].
Um espaço arejado, decorado com leveza e suavidade porque muita informação esgota quem já está cansado.	Ali a gente fala de currículo, situação de alunos, pais, colegas, nossa família, sonhos [...] é um lugar de prosa.
Um lugar acolhedor, limpo e agradável.	Lugar de encontrar os colegas para falar de trabalho, mas também, para falar das leituras que fazemos, leitura de livros, filmes, séries, Bíblia, leitura da vida.
Um lugar para o descanso [...] acho que o professor merece.	Espaço de conversa sobre aprendizagem de nossos alunos, troca de atividades pedagógicas, projetos, planejamento, correções de provas [...].
Lugar onde o professor pudesse encontrar tranquilidade.	A sala de professores tem dentro dela uma infinidade de universos porque cada professor é um mundo. Então tem exatas, pragmáticas [...] tem quem dá um bom conselho, quem olha com solidariedade, mas encontra-se quem tem inveja, quem quer apenas falar e não se dispõe a escutar [...] é um lugar plural.

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

As expectativas apontadas por esses docentes despertam nossos sentidos para novas perspectivas a respeito do perfil do professor pós-pandemia, tempo marcado pela angústia da insegurança, pela “imposição” de técnicas e estratégias necessárias às novas demandas sociais, e, sobretudo, um tempo de crescimento e

reinvenção profissional. Contexto propício ao autoconhecimento, exercício facilitador em direção ao entendimento desse ambiente que “abriga” memórias.

Conforme mencionado, adotamos o roteiro semiestruturado para dialogar com os participantes, cujo objetivo foi analisarmos a sala de professores como um lugar de encontro, construção e reconstrução de memórias em meio às seguintes indagações: Como era a sala de professores? O que havia nela? Quais objetos? Quem tinha acesso a essa sala? Por quê? O que ocorria nessa sala? Há alguma lembrança marcante pra você? Como era a relação com o diretor, coordenador e colegas? Você acha que seu trabalho como professor(a) é reconhecido pela comunidade aracatuense? Em quais aspectos? Aqui, Recordar fez uma pausa para rememorar e disse:

Quando eu cheguei aqui para ser professor em 1973, o prédio escolar tinha duas salas de aula, uma sala pequena para a diretoria, sala de professor não existia. O tempo foi trazendo mudanças [...] esse prédio foi derrubado e o CEA foi construído com um espaço para professores, mas, ainda não se falava em ACs, projetos interdisciplinares. O planejamento coletivo só apareceu com o FUNDEF e as avaliações externas. A gente tinha nessa sala de professores apenas um mimeógrafo, porque o álcool e estêncil (chamávamos de matriz - risos) e o papel ficava no armário da diretoria (muitas vezes, comprei papel). Então, essa sala era usada para mimeografar exercícios e provas, eu preparava minhas aulas em casa [...], nunca tive problemas com diretor, busquei sempre cumprir com minha obrigação, nunca trabalhei com coordenador pedagógico nesses anos todos [...]; quanto ao reconhecimento da sociedade, tenho o respeito e reconhecimento de ex-alunos que são cidadãos de bem, mas a comunidade não [...] (silêncio) (Entrevista concedida por Recordar em 2023).

O significado dessa sala trouxe muitas revelações da parte de **Saudade**, suscitando emoções de um tempo vivido e interrompido... ela recorda com alegria, mas, sobretudo, com saudade desse lugar, por excelência, lugar de construção de conhecimentos. A professora aposentada **Saudade**, narrou, assim como o professor **Recordar**, a ausência da sala de professores como espaço físico, todavia, o sentido está presente em sua fala:

No CEA não tínhamos esse espaço para os professores, quando a gente precisava reunir, usava a sala de aula. Alguns anos depois, quando os alunos aumentaram foi necessário irmos para o CECCSS, ali era um pouco maior, então tivemos a sala de professores onde se guardava material (pouco), os armários foram aparecendo devagar [...]; nosso relacionamento era bom, procurávamos nos ajudar em

meio às dificuldades pessoais e da profissão [...]; hoje quando encontro um bom profissional que foi meu aluno, fico muito feliz e realizada (Entrevista concedida por Saudade em 2023).

Sobre o lugar de memórias, a professora **Arrependida** relatou ter sido um desafio enfrentar a docência pela primeira vez:

Recém formada em minha terra natal, Brumado, assumi a sala de aula no início dos anos de 1980, numa realidade desconhecida. Foi desafiador, é verdade, mas como tive alguns professores no curso de Magistério que já pensavam a educação além do conteúdo formal, pude me ancorar na responsabilidade e compromisso desses educadores porque conseguiam ver a educação de forma ampla e igualitária. Meus professores do Magistério me ajudavam a preparar aulas para a formação de novos professores! Nesse tempo não havia a sala de professores, porém, lembro que quando mudamos de escola, como tinha espaço, uma sala ficou para nós, mas eu continuei fazendo meu planejamento em casa porque eu gostava e precisava de silêncio para planejar. Essa sala a gente usava para fazer cópias de alguma atividade (mimeografar) [...]; com os colegas aconteciam conflitos de vez em quando, mas na maior parte do tempo a gente tentava se ajudar, pois as dificuldades eram para todos. Por exemplo, a falta de material, eu mesma comprei giz muitas vezes porque também eu queria destacar com cores diferentes pra ficar bem claro para meus alunos. Quando encontro alunos bem encaminhados sinto que fiz minha parte, esse sentimento é muito bom! A sociedade de Aracatu eu não sei se por desconhecimento [...], não percebo reconhecimento (Entrevista concedida por Arrependida em 2023).

As memórias surgiam como uma espécie de “novelo” sendo desenrolado, num movimento de ir e vir, trazendo, além das palavras, os sentimentos de uma profissional que nunca teve a oportunidade de repensar seu percurso de trabalho com tamanha intensidade. A professora **Arrependida**, narra a história da sala de professores, destacando o momento no qual a sala física aparece, mas é possível perceber o sentido que essa ambiência vai adquirindo ao longo do tempo. Sem dúvidas, as lembranças retratam a riqueza das experiências vividas coletivamente, quando ela se refere à colaboração entre os colegas, mas também no suporte recebido pelos professores na formação para o Magistério.

Nossa investigação, baseada em relatos e testemunhos, traz as recordações como meio de reconstrução das memórias construídas nesse tempo de vivências na sala de professores. No capítulo que segue, abordaremos essas memórias evocadas pelas lembranças arquivadas, tomadas agora pela disposição pela oportunidade dada à rememoração.

Conforme Ricouer (2007), a memória está ancorada em um espaço que oportuniza vivências e possibilita a riqueza das experiências, permitindo a apropriação de práticas sociais capazes de conduzir na e para a formação humana. Assim, entendemos a memória social como construto coletivo e, buscamos outros olhares a respeito da memória de educadores aposentados por meio do Estado da Arte.

3 ESTADO DA ARTE

Para compreendermos a sala de professores como um lugar de memória, o Estado da Arte representou um importante subsídio para visualizarmos a produção de conhecimento acadêmico relativo a esta proposta de estudo. A leitura de trabalhos que tratam da temática “professores aposentados”, possibilitou o conhecimento da produção acadêmica catalogada e divulgada, além da verificação do enfoque dado pelo autor de cada estudo. A referida pesquisa permitiu também, a constatação de que a nossa proposta de estudo se apresenta relevante, visto que reconhecemos a sala de professores como um lugar de memória. Para tanto, as informações contidas nos resumos dos trabalhos selecionados indicaram a relevância dessa pesquisa com a abordagem proposta, configurando a pertinência da investigação apresentada.

Recorremos aos estudos já produzidos no campo da memória social, com o propósito de conhecermos as características das abordagens apresentadas, no sentido de justificarmos a relevância do nosso enfoque no que tange à memória de professores aposentados, na sala de professores, em Aracatu – BA, contexto de construção de saberes que permanecem, em sua maioria, na oralidade de uma sociedade, com sério risco de levá-los ao esquecimento, visto que o discurso de cada narrador é caracterizado pelo seu lugar de fala, ou seja, cada sujeito imprime sua carga emotiva, podendo suprimir ou enfatizar determinados dados.

Corroborando com essa ideia, Ricouer (2007, p. 455), evidencia que “As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela”.

Nesse sentido, importa ressaltarmos que cabe ao pesquisador/pesquisadora o compromisso com a veracidade do testemunho, uma vez que a investigação possibilita a comprovação de situações que carecem de uma resposta social com indicadores que demandam, muitas vezes, tomar decisões que afetam a coletividade. Desse modo, a postura criteriosa favorece a proximidade com a fidedignidade das narrativas. Nessa perspectiva, aponta De Benedictis (2016) que:

A busca pelo testemunho é uma realidade crescente nos dias atuais, o pesquisador/pesquisadora, principalmente o social tem

desenvolvido essa habilidade para se apropriar dos fenômenos sociais e contribuir com os fundamentos da ciência de forma qualitativa, o que corresponde a um olhar qualitativo (De Benedictis, 2016, p. 127).

Aqui cabe indagarmos, conforme Benjamin (1987, p. 114), quanto a: “[...] quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?”. A arte de contar os feitos, rememorando as experiências como produção de saberes favorece a (re)elaboração e (re)significação de sentidos. Este autor nos convida a pensarmos a respeito das imposições da vida moderna e os riscos que a humanidade corre ao desvalorizar as vivências de uma comunidade, tratando-as como passado no tempo e espaço, pois, esse “passado” constitui o sujeito agente do presente.

Adotamos com o tema em discussão um recorte temporal compreendido entre 2017 a 2022, realizado nos meses de outubro e novembro de 2022. Compreendemos que o Estado da Arte resulta de um amplo acervo teórico, sendo que esse formato de revisão bibliográfica nos possibilita um diálogo com os demais pesquisadores de áreas afins e nos apresenta a riqueza de dados produzidos em suas pesquisas. Segundo Ferreira (2002), esse tipo de pesquisa nos permite ter conhecimento de diversas produções acadêmicas em diferentes campos do conhecimento, tempo e espaço. A autora afirma que a pesquisa denominada Estado da Arte é, pois, o

Desafio de mapear e de discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (Ferreira, 2002, p. 257).

Portanto, a realização do Estado da Arte nos possibilitou identificar como a concepção de memória, em especial, a memória de professores aposentados expressa nos trabalhos, contribuiu para a valorização das experiências de vida desses profissionais que se empenham diariamente, colaborando na e para a construção de uma sociedade fundamentada no conhecimento, derivado da experiência. Conforme Bondía (2002),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Bondía, 2002, p. 21).

Em virtude do entendimento acerca do valor da experiência, pois, a ela se devem as transformações sociais necessárias, enfatizamos o sentido das memórias desses profissionais ao longo de um percurso ancorado em um tempo vivido e sentido, considerando as adversidades que permearam o exercício da docência em resposta às imposições sociais vigentes.

Nesse sentido, a reconstrução dessas memórias constituiu-se como tema das narrativas individuais e coletivas na etapa de coleta de dados para esse estudo. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é construída no grupo social, portanto, o sujeito não pode ser pensado afastado do seu convívio, ou seja, as memórias evocadas devem ser analisadas no contexto coletivo. Dessa forma, partimos para a busca nos bancos oficiais.

3.1 MAPEAMENTOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES

O Estado da Arte constitui como etapa significativa para a realização do trabalho acadêmico, pois orienta o pesquisador acerca dos encaminhamentos que fundamentam os procedimentos encadeados no processo da investigação. Desse modo, referencia o arcabouço teórico já construído sobre o objeto em pesquisa de forma crítica e reflexiva, no propósito de construir novos postulados, pautados na força argumentativa do pesquisador.

Temos que observar, portanto, algumas características do Estado da Arte, como o tempo e o espaço em que os estudos analisados foram desenvolvidos. Os recortes temporal e espacial são necessários porque as análises feitas se referem a concepções e as práticas presentes em determinados contextos sociais, políticos, econômicos, culturais, etc. Outra característica é o recorte temático, pois serve para definir e delimitar o que se busca mapear, possibilitando às pesquisadoras ou fazerem análises aprofundadas ou realizarem um panorama amplo sobre determinados temas. Ambas as características estão relacionadas com o tempo que a pesquisadora teve para fazer os levantamentos e análises.

O Estado da Arte consiste na Revisão Bibliográfica sobre a produção científica

de determinada temática em uma área específica de conhecimento. Essa revisão busca identificar quais teorias estão sendo construídas, quais procedimentos de pesquisa têm sido empregados para essa construção, bem como o que ainda requer discussão e que referenciais teóricos se utilizam para embasar as pesquisas em questão e qual sua contribuição científica e social.

Na tentativa de atingirmos nosso objetivo, no primeiro momento buscamos por memória de professoras aposentadas, obtendo um resultado expressivo de 1.420.320 títulos. A seguir, usamos o filtro área de concentração com a equação “Memória *AND* Professores Aposentados *AND* Saberes” no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no qual encontramos oito trabalhos que destacam a trajetória de formação de educadores.

Adotando dinâmica semelhante na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD), 28 resultados foram encontrados no dia 13 de outubro de 2022, com as palavras-chave, “Memórias de professores aposentados”. Neste Banco, encontramos 20 Dissertações e 8 Teses, das quais 5 versam acerca da memória e 3 estão relacionadas à formação continuada de professores.

Com a equação “Memória *AND* experiência *AND* saberes *AND* testemunho”, nenhum estudo consta com os referidos descritores. No Banco de Dados da UESB, no repositório do PPGEd, optamos pelo descritor “Memória” e tivemos acesso a 5 pesquisas que tratam a memória como campo amplo e relevante, com temáticas importantes para a compreensão do processo educacional no cenário brasileiro.

Dos trabalhos encontrados, há um que discute a memória de professores aposentados na perspectiva da atuação profissional num cenário histórico específico, o qual aponta a prática de professores que atuaram como docentes de História no período da História do Brasil, denominado Ditadura Militar. Esse estudo se aproxima do nosso foco no que diz respeito ao papel do educador na construção social, contudo, difere de nossa proposta no entendimento do “lugar” de memória.

Dessa forma, selecionamos no repositório do PPGEd o estudo que trata sobre as memórias construídas numa instituição escolar por meio das relações estabelecidas entre os profissionais da educação e aquela comunidade. Ainda no repositório da UESB, no Programa de Pós-Graduação em Memória Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), 43 estudos somam os achados acerca da pesquisa nesse campo, indicados pelo descritor “Memória”.

Apesar do recorte temporal definido entre 2017 e 2022, selecionamos dois

estudos situados anteriormente, a saber: um em 2013 e outro em 2014. Nossa decisão por essa escolha deu-se pela dificuldade em encontrarmos pesquisas que pudessem dar contribuições à nossa proposta investigativa.

Desse modo, os referidos trabalhos foram analisados na perspectiva de encontrarmos elementos que pudessem dialogar com nosso objeto de pesquisa. Entendemos e reconhecemos as diferenças, no entanto, alguns aspectos metodológicos, bem como autores de referência foram identificados enquanto possibilidades que, certamente, nos ajudaram no que concerne aos encaminhamentos de nossos estudos.

Os encaminhamentos sobre esta pesquisa decorreram do objetivo dessa proposta de estudo, no que diz respeito à relevância do objeto em questão, ou seja, verificar o Estado do Conhecimento acerca da sala de professores enquanto lugar de memória. Desse modo, a seleção dos repositórios, o recorte temporal e a escolha dos descritores foram delineados pelo *status* dos catálogos consultados a respeito da temática. Para Romanowski e Ens (2006),

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (Romanowski; Ens, 2006, p. 38).

Nesse sentido, a pesquisa do Estado da Arte, entendida aqui como Estado do Conhecimento, possibilitou o contato com trabalhos relativos à memória social e coletiva e ainda a respeito da memória de professores aposentados em uma perspectiva de formação continuada. No entanto, a nossa proposta de estudo esteve pautada nas memórias que foram construídas na sala de professores, possibilitando compreendermos se os saberes ali produzidos ultrapassaram os muros da escola.

Os estudos registrados nos repositórios mencionados indicaram pesquisas importantes no campo da memória social, salientando o percurso de docentes, bem como suas contribuições na construção social. Na sequência, apresentamos o mapeamento dos estudos encontrados, apontando a relevância desses registros, sinalizando e justificando a importância de nossa proposta de investigação, além de

reconstruir as memórias produzidas na sala de professores.

3.2 BUSCA NOS CATÁLOGOS

Entendemos que ao iniciarmos a busca pelo catálogo CAPES tivemos uma visão mais ampla acerca dos objetivos traçados, no sentido de compreendermos de que modo a memória social estava sendo apontada pelos pesquisadores no âmbito da educação, mais especificamente no que tange aos professores aposentados. Em seguida, apresentamos os resultados pela ordem investigada em cada repositório específico, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Resultados da Pesquisa nos catálogos consultados

Descritores	Quantitativo	Repositório
Memória AND experiência AND saberes AND testemunho	00	CAPES
Professores Aposentados	1.420.320	CAPES
Memória AND Professores Aposentados AND saberes AND testemunhos	08	CAPES
Memória de Professores Aposentados	28	BDBTD
Memória	43	PPGMLS/UESB
Memória	05	PPGEEd/UESB

Fonte: Produzido pela autora (2022).

Após a leitura das subseções, analisando o resumo e a metodologia, percebemos que a relevância dos estudos encontrados é evidente, pois demonstra a seriedade e o compromisso da Academia com as questões que marcam a sociedade em cada tempo e espaço. Tais pesquisas representam subsídios para nossa investigação a respeito da sala de professores como lugar de memória, à medida que nos conduz a reflexões significativas, orientando encaminhamentos relativos às referências bibliográficas secundárias, bem como sugestões metodológicas pertinentes à nossa proposta investigativa.

Ademais, conhecer a produção científica no campo da memória nos constrói enquanto pesquisador dessa área, com a pretensão de colaborar na produção de dados que possam enriquecer e solidificar conhecimentos capazes de fomentar discussões necessárias à educação. Indicaremos no Quadro 2 os achados em cada

repositório com o objetivo de evidenciar quantitativa e qualitativamente os dados que demonstram a relevância do Estado da Arte sobre a sala de professores como lugar de memória e as experiências de professores aposentados.

Quadro 3 - Dados dos trabalhos selecionados

ANO	AUTOR	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2013	Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues	Professoras Aposentadas em Território Rural/Ribeirinho: Identidades e Práticas Socioculturais	Universidade Federal do Pará (UFP)
2014	Lílian Aparecida de Souza	“Quando a gente recebe uma carta do estado dizendo que chegou a hora”: Memórias e trajetórias de uma professora aposentada	Universidade Estadual de Londrina/PR (UEL)
2021	Ariadne Cristiane Fantoni Silva	Flores-Ser na profissão: a construção da profissionalidade docente de professoras aposentadas	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
2022	Thayse Santos Vieira	Centro Educacional Moisés Meira: um lugar para a (re)construção da memória dos profissionais da educação	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Fonte: Produzido pela autora (2022).

Buscamos nos referidos bancos de dados a produção de conhecimentos relativos à memória social e coletiva, vinculada à presença ativa de professores na construção de saberes e fazeres que perpassam as trajetórias de vida, rompem paradigmas e transformam comportamentos. Os dados encontrados evidenciam a relevância do tema em sua polissemia (Gondar, 2016), uma vez que vários campos do conhecimento se apropriaram dessa categoria (memória) para a compreensão de inúmeros fenômenos. Contudo, enfatizam também, a importância da divulgação de pesquisas que podem dar suporte e aporte à análise social, sendo um ambiente de “encontro” entre autor e leitor. Ocorre ainda, a avaliação das instituições em sua tarefa de produzir conhecimentos, sem deixar de contribuir com transformações sociais que visam o acesso à qualidade de vida. Para Ferreira (2002),

Os catálogos passam a ser produzidos atendendo ao anseio manifestado pelas universidades de informar sua produção à comunidade científica e à sociedade, socializando e, mais do que isso, expondo-se à avaliação. É um sentimento de que trabalhos produzidos ao longo dos anos não devem ficar restritos às prateleiras das bibliotecas das universidades (Ferreira, 2002, p. 260).

Esses catálogos foram tomados como referência para verificarmos a produção e divulgação de trabalhos dessa natureza. Observamos, então, que os filtros funcionam como critérios importantes, permitindo conhecer de modo quantitativo, mas também, qualitativo o trabalho das diversas instituições e a prestação de serviço à sociedade, embora, muitas vezes, a comunidade participante não seja contemplada com o devido retorno.

Nesse cenário, pesquisamos os repositórios oficiais com o intuito de mapear estudos relativos à memória, numa perspectiva social e coletiva, conforme Halbwachs (1990) a categorizou. Para este autor, a memória é construída socialmente em cada grupo social, no qual o sujeito faz contato e vive experiências que marcam sua trajetória no tempo e espaço, coletivamente compartilhado, embora a sensação seja de que o lugar de fala do sujeito manifeste-se de modo singular.

Uma corrente de pensamento social é ordinariamente tão invisível como a atmosfera que respiramos. Só reconhecemos sua existência na vida normal quando a ela resistimos; mas uma criança que chama os seus, e que tem necessidade de sua ajuda, não lhes resiste (Halbwachs, 1990). Apreende-se então, que sendo um ser social desde a mais tenra idade, o homem está em grupo por necessidade primária e, cultivar relações interpessoais constrói memórias afetivas, apropriando-se da herança cultural, no sentido de formar-se como ser humano.

Nessa seara, encontramos estudos, cujos autores tomaram a temática na vertente que convinha aos respectivos lugares de fala, uma vez que o investigador é instigado a questionar a realidade na qual está imbricado. Necessário se faz, portanto, esclarecer que os trabalhos selecionados apontam para uma perspectiva de reconstrução e registro de memórias que carecem de preservação. Destacamos a memória de professores aposentados pelo lugar ocupado ao longo da história, em seus diferentes momentos de construção e reconstrução de saberes e fazeres, nos quais eles participaram ativamente.

Reconstruir memórias, marcando o tempo vivido, traz sentido às experiências testemunhadas. Narrativas que evidenciam experiências, além de buscarem memórias evocadas por meio de lembranças, também promovem integração. Nesse sentido, Rufino (2011) confirma a relevância da reconstrução dessas memórias no contexto da educação, demonstrando a função da rememoração no conjunto de lembranças que comprovam as facetas da participação de professoras na organização da sociedade, pois, as educadoras entrevistadas relataram experiências

de um tempo vivido, como sujeitos pertencentes a vários grupos que possibilitaram a construção da memória coletiva no espaço privado e na conjuntura pública, permitindo a preservação da história da educação.

Para Nora (1993, p. 9), “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos”. Portanto, a memória é dinâmica e nesse movimento de lembranças e esquecimento vislumbra-se um caminho, no qual a memória possa ser reverenciada como prática de formação humana no tempo e espaço, cuja voz de professoras aposentadas seja escutada. Todavia, entendemos que se faz necessário planejar encontros para ouvir os silêncios desses docentes numa sociedade que insiste em ampliar o volume e a velocidade dos acontecimentos, produzindo espaços superficiais e reduzindo o tempo que promove a experiência. Para Bondía (2002),

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (Bondía, 2002, p. 23).

De acordo com esse autor, a velocidade com que os fatos acontecem e desaparecem impede o convívio com a experiência, uma vez que o termo experiência para ele, é algo que vivenciamos, que nos passa, que nos toca, é um encontro com algo que se prova e que se experimenta com o corpo e os sentidos. Acrescenta ainda, que é de possibilidade única, subjetiva e imprevista. Portanto, todo ser humano, em condições necessárias e adequadas para experienciar, é munido de experiências importantes para o processo evolutivo da sociedade.

3.3 TRABALHOS SELECIONADOS

Seguindo a ordem dos trabalhos dispostos no Quadro 1, apresentamos a Tese “Professoras Aposentadas em Território Rural/ribeirinho: Identidades e Práticas Socioculturais”, desenvolvida no ano de 2013 por Rodrigues (2013), na Universidade Federal do Pará (UFP), com o intuito de tornar público a experiência de professoras aposentadas que (re)significaram seu novo estado de vida por meio de projetos sociais, numa comunidade rural/ribeirinha no Pará. A autora do estudo mostra, por

meio de testemunhos, o envolvimento dessas educadoras aposentadas em ações vinculadas à igreja, saúde, educação, ao lazer e à formação humana de crianças e jovens daquela comunidade.

A pesquisadora trata de uma temática relevante ao questionar o sentido que professoras aposentadas dão ao novo estado de vida. Por meio de narrativas e oficinas de memória, as participantes da pesquisa revelam o percurso de vida do professor após o exercício da docência, ou seja, essas profissionais aposentadas (re)significam suas vidas por meio de projetos sociais que buscam integrar, assistir, mas, acima de tudo, incluir com dignidade os sujeitos da comunidade.

A ênfase é dada à dedicação e ao compromisso dessas educadoras aposentadas, que passam a atuar em diversos setores da sociedade, visando o acesso ao básico conferido pela Constituição Federal de 1988 a todo cidadão. A autora apresenta como parte da metodologia uma oficina de memória, fundamentada na memória de imagem, que permite a evocação de lembranças, cuja simbologia vai além da individualidade, visto que o mais importante é a coletividade.

Apontamos para a relevância desse diálogo entre as diversas produções acadêmicas acerca das memórias construídas por professores aposentados. Nossa compreensão corresponde à necessidade de mais estudos que possam abarcar a importância da memória social, sobretudo, no que diz respeito às memórias produzidas por educadores, agentes na formação humana de cidadãos e cidadãs.

Em 2014 foi publicada a Dissertação “Quando a gente recebe uma carta do estado dizendo que chegou a hora’ - Memórias e trajetórias de uma professora aposentada”, cujo trabalho de Souza (2014) teve como finalidade compreender o professor como sujeito social, que vive em meio às contradições, às mudanças no sistema educacional, ao acúmulo de tarefas, às relações conflitantes com os alunos e a desvalorização financeira e social. A pesquisadora optou pela narrativa de vida, reconstruindo a trajetória profissional e social de uma professora que exerceu a docência durante 53 anos, na cidade de Jacarezinho – PR, atuou nos diferentes níveis da educação e dedicou-se, também, à gestão escolar durante alguns anos.

Desse modo, a trajetória de vida dessa educadora foi marcada por diversas e ricas experiências que exigiram respostas e renúncias, muitas vezes, afastamento do convívio familiar, uma vez que as demandas do ofício impunham comprometimento além do cumprimento de sua carga horária. A metodologia escolhida pela autora é descrita com detalhes interessantes, enfatizando a relação entre narradora e

pesquisadora de modo simples e significativo. As memórias relatadas pela docente retratam um tempo vivido com experiências partilhadas em grupos sociais que fizeram parte de seu percurso de vida pessoal e profissional.

Assim, como a professora investigada concebe a docente que foi se constituindo no cotidiano, nas práticas e pelas práticas? O depoimento da educadora revelou uma condição humana marcada pela consciência de que o percurso do exercício da docência passa pela formação pessoal e profissional.

Há um reconhecimento também, por parte da comunidade, no contexto da atuação da educadora com relação ao papel social desempenhado junto aos diversos grupos sociais, nos quais as relações foram efetivadas, no sentido de se constituir pessoa. Todavia, a formação continuada, sobremaneira, possibilitou rupturas significativas, permitindo aperfeiçoamento necessário à concepção da função social da escola. Sobre isso, Nóvoa (2022) afirma que:

A escola não se esgota no plano individual e constitui uma instituição central para a vida social; finalmente, porque a escola não pode ser vista apenas como um bem privado, arrastando uma lógica consumista, e tem de ser pensada também como um bem público e um bem comum (Nóvoa, 2022, p. 14).

Entendendo a escola como instituição social, cuja finalidade é oportunizar a transmissão do conhecimento acumulado, além de facilitar a produção de novos conhecimentos, temos que considerar a importância do profissional da educação na figura do professor que se coloca à disposição da sociedade para esse nobre fim.

Ademais, é um profissional que colabora na produção de agentes sociais, haja vista que cabe à educação formal preparar os sujeitos para a vida, conforme a LDB nº 9.394/1996, ao enfatizar em seu Artigo 2º que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996).

Em 2021, a escrita da Dissertação intitulada “Flores-Ser na profissão: a construção da profissionalidade docente de professoras aposentadas”, de autoria de Silva (2021), foi motivada em função da temática proposta pela autora, a saber: Ouvir as narrativas de professoras aposentadas, com o intuito de compreender como se construiu a profissionalidade dessas educadoras ao longo de suas trajetórias de vida profissional e pessoal, pois não seria possível apartar a profissionalidade da

pessoalidade.

O texto permite observar que a estrutura da narrativa é bastante clara ao leitor, esclarecendo o percurso do estudo proposto. Este corresponde à compreensão da construção da profissionalidade de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

As participantes colaboradoras ingressaram na docência em 1980 e hoje estão aposentadas. O texto apresenta um rico diálogo entre os teóricos selecionados pela pesquisadora, evidenciando a relevância do objeto pesquisado, somando ideias, provocando reflexões importantes a respeito da função social do profissional em questão, valorizando o professor na organização social. Bem articulado, o texto possibilita a compreensão do estudo, permitindo inferências bastante subjetivas no que concerne ao ofício do docente, permeado de sabores, mas também de dores, dadas as condições de trabalho, bem como as exigências formativas impostas pela sociedade.

A autora traz reflexões acerca da importância de alguns aspectos da formação continuada, que raras vezes são percebidos pelo sistema educacional, como por exemplo, a reflexão quanto ao fazer pedagógico que promove formação continuada e gera saberes significativos ao exercício da docência. Mostra ainda, a participação das educadoras em movimentos e sindicatos, como possibilidades de encontros que favorecem a construção da profissionalidade, marcando a docência como profissão de interações humanas e detenção de saberes.

Para Rocha e Rocha (2014, p. 12),

[...] as políticas de formação das novas gerações de docentes, na academia e no movimento sindical, necessitam propiciar espaços de encontro entre as distintas gerações para socializar as histórias de luta, registrá-las e divulgá-las para o conjunto dessa categoria profissional.

Por fim, a Dissertação “Centro Educacional Moisés Meira: um lugar para a (re)construção da memória dos profissionais da educação”, da autora Vieira (2022), apresenta o percurso de fundação de uma instituição educativa, traçando uma análise a respeito da função desse espaço como lugar de memória por meio de participantes que testemunharam as experiências, rememorando vivências significativas na formação humana de vários sujeitos daquela realidade.

A abordagem qualitativa com o método fenomenológico-hermenêutico permitiu

uma interpretação que suscitasse reflexões sobre o valor do papel social da escola naquela comunidade. Contudo, a análise desenvolvida pela autora também aponta para o significado do registro da memória social e coletiva que passa pelas relações estabelecidas nos grupos sociais.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória é construída coletivamente, pois o homem enquanto ser social estabelece vínculos que ultrapassam as necessidades imediatas, utilitaristas. Antes, as relações são cultivadas para dar sentido à existência. Portanto, é na coletividade que as memórias são produzidas por meio de valores e princípios que orientam comportamentos e condutas.

Diante dos trabalhos apresentados, consideramos que o campo da memória tem ocupado um espaço importante e relevante no cenário acadêmico nacional. A consulta aos diversos catálogos nos mostrou a constância e, sobretudo, a multimodalidade que referenda o termo “memória social”. Por essa razão, a memória se insere em áreas diversas, dada a polissemia que a envolve. Desse modo, compreendemos que os vários estudos encontrados tentam abarcar a amplitude do conceito, cunhado pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1990), apreendendo a memória enquanto produto social, ao mesmo tempo em que cada pesquisador busca a especificidade que orienta seu objeto de investigação.

É por esse caminho que aqui trilhamos, com o intuito de compreendermos a sala de professores como lugar de memórias. Caminhamos na perspectiva de apresentarmos elementos que possam contribuir para o fomento de pesquisas que promovam debates instigantes, no sentido de avançarmos em discussões que favoreçam ao entendimento da memória, como produtora de saberes nos diferentes espaços de experiências que ocorrem nas relações e interações entre os sujeitos.

Reconhecemos que esta busca pelo Estado da Arte é relevante, visto que o enfoque dado evidencia a importância da atuação do professor em sua trajetória profissional e aponta para nós a confirmação de aporte teórico ora selecionado. Todavia, sinaliza autores que se ocupam de categorias definidas em nossa proposta de investigação, sugerindo técnicas metodológicas que dialogam com o pensamento teórico clássico de nosso estudo.

Nessa perspectiva, reafirmamos a importância de que o estudo acerca da memória permite evocar lembranças, às vezes para alimentar a saudade e outras tantas vezes para dar sentido, para (re)significar saberes e experiências. Nessa compreensão, no próximo capítulo buscamos escrever sobre o *lócus* da pesquisa

como lugar de encontro, considerando os relatos das vivências dos participantes na sala de professores, o nosso lugar de memória.

4 A SALA DE PROFESSORES COMO LUGAR DE ENCONTROS, CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS

O objetivo do presente capítulo foi de analisar a sala de professores como lugar de encontros, construção e reconstrução de memórias. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória no dia 06 de outubro de 2022, numa conversa com moradores interessados na preservação da história local. Estes, contaram sobre o processo de construção da educação formal em Aracatu, relatando marcos importantes a respeito do itinerário seletivo permeado de interesses políticos e econômicos, características bem comuns na construção da educação brasileira, sobretudo, nas pequenas cidades. Apresentamos a seguir, conforme narrativa de um ex-diretor, a imagem da primeira sala de professores (já reformada), ambiente que acolheu os professores da primeira turma do ensino de Segundo Grau na comunidade aracatuense.

Figura 8 - Sala de Professores reformada



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Segundo De Benedictis (2016), a pesquisa exploratória possibilita a constituição de categorias capazes de municiar as análises, as fontes materiais ou narrativas. A autora enfatiza o valor do contato inicial com a ambiência que perpassa o objeto de investigação, destacando a fala das pessoas como subsídios importantes na definição dos encaminhamentos concernentes à seleção dos participantes colaboradores, bem como as estratégias de coleta de dados e análises de resultados.

Considerando que a cidade de Aracatu não dispõe de um arquivo público, não possuindo registros e documentos oficiais, iniciamos a busca pelos sujeitos da

pesquisa por meio da pesquisa exploratória, apontada por De Benedictis (2016) como momento que antecede a clareza no que se refere à compreensão do *lócus* da investigação. Para a pesquisadora, o contato com a realidade que cerca o objeto de estudo pode sedimentar perspectivas, porém, possibilita também, a abertura de novos encaminhamentos.

Com a intenção de localizar os prováveis professores que fizeram parte da equipe inicial para que a seleção pudesse ser viável à proposta da investigação, buscamos a equipe gestora (2023), diretora e vice-diretora que fizeram parte da primeira turma de concluintes do Magistério no ano de 1984. Numa sondagem inicial, a referida gestão sinalizou para a presença marcante de dois professores, cujas práticas pedagógicas, bem como o compromisso com a educação na comunidade influenciaram a escolha profissional dessas gestoras.

Um dos educadores citados, segundo relato de alguns membros da comunidade, é considerado polêmico por valorizar a prática tradicional na construção do conhecimento. Este ausentava-se do Conselho de Classe (CC), justificando que o conhecimento é construído em sala de aula. A comunidade externa apontou para duas educadoras que viveram experiências semelhantes no percurso da docência: ambas pediram afastamento para tratamento de saúde por necessidade de cuidarem de um câncer. As demais foram citadas pelas dificuldades em lidar com os desafios da carreira, faltava-lhes o gosto pela profissão escolhida. Assim, seis professores foram indicados para participarem desse estudo, no entanto, dois deles se manifestaram de modo negativo, alegando falta de tempo.

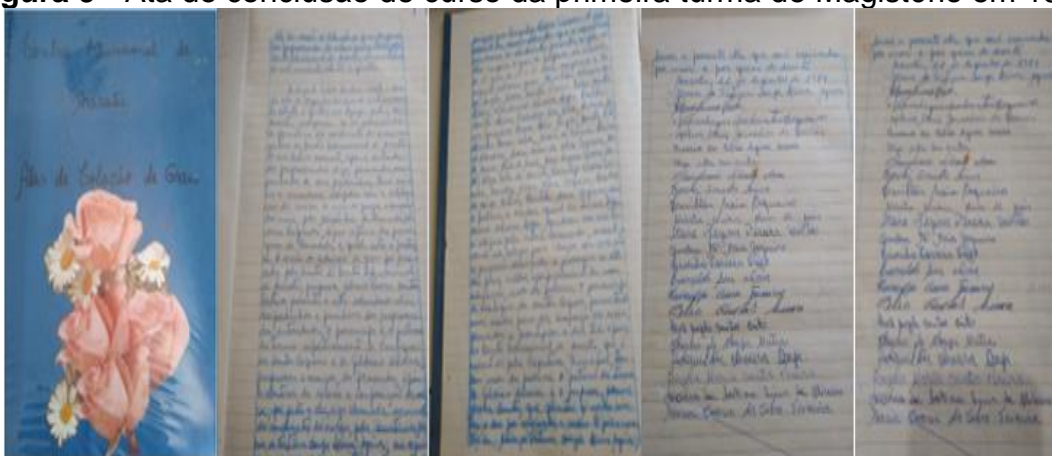
As indagações que nos inquietavam nos conduziram a um morador interessado e conhecedor da história local. Este nos relatou que a educação no município teve início com a construção de duas salas nos anos 1950, pelo então coronel Cândido Silveira Santos, intendente ligado à comarca do município de Brumado. Intendente, segundo o narrador, era uma espécie de prefeito que atuava como administrador dos serviços prestados à comunidade, ao mesmo tempo em que garantia a fidelidade dos moradores ao governo estadual.

Em seus primórdios, a escola de Segundo Grau em Aracatu atendeu alunos na formação para o Magistério no Centro Educacional de Aracatu (CEA), no período de 1982 a 2004, sendo os dois últimos anos com um currículo para a Formação Geral. A partir de então, houve alterações no espaço físico para o atendimento a esse nível de ensino e a nova estrutura física deu suporte ao Ensino Médio no CECCSS, *lócus*

desse estudo.

A primeira visita ao CEA permitiu o contato inicial a documentos com registros de alunos da primeira turma do Segundo Grau, antigo curso de formação para o Magistério, fundado em 1982. Foi possível visualizar a sala que deu suporte à construção das primeiras memórias desses educadores que fizeram parte do grupo social naquela ocasião. Os registros deixam evidente a presença de oito docentes. Destes, quatro vivem na comunidade e participaram dessa reconstrução. O documento Ata, apresentado na Figura 9 certifica a conquista desses pioneiros na implantação do curso profissionalizante (Magistério), avançando na busca pela autonomia no cuidado com os moradores daquela comunidade.

Figura 9 - Ata de conclusão de curso da primeira turma de Magistério em 1984



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Conforme relato de alguns narradores (professores), o espaço físico que abrigou as práticas pedagógicas facilitadoras na formação dos docentes presentes na primeira turma do CEA, gradualmente foi “ficando pequeno”, dada a demanda e imposições sociais a respeito das transformações que cada momento social requer. Dessa forma, um novo espaço foi providenciado em 2004. Essa instituição, a partir desse momento passou a ser o lugar de memórias para os grupos sociais comprometidos com a educação formal, Ensino Médio, em Aracatu.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), atualizado em 2022, a estrutura física desse ambiente é marcada por edificações e instalações antigas e de precárias condições para atender de forma plena às demandas e especificidades dos alunos do Ensino Médio. O colégio tem nove salas de aulas, divididas em duas construções: na primeira estão cinco salas de aula, um depósito que é usado como almoxarifado, a sala de professores, dois banheiros em precário estado de

funcionamento, um feminino e outro masculino; uma secretaria, uma sala pequena onde é acomodado um acervo bibliográfico e um pátio coberto.

O segundo bloco possui quatro salas e mais uma pequena que, precariamente, funciona como sala de aula, uma cozinha para a preparação da merenda escolar, um depósito para a merenda, dois banheiros para alunos, um pátio, um espaço cimentado e uma sala pequena que condiciona dez computadores, mas, devido às instalações elétricas antigas e inadequadas, apenas cinco funcionam, o que dificulta o uso das TICs nas aulas.

No ano de 2022, o Colégio recebeu 571 alunos matriculados no Ensino Médio, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno. Em relação ao quadro de docentes, a instituição conta com 24 professores, todos com Licenciatura Plena, com exceção de um com formação em Magistério e que se encontra em readaptação funcional. O número de professores quase nunca supre a demanda, tornando necessária a constante contratação de professores por regimes de trabalho temporário. O colégio oferece o Ensino Médio em todo o município, apresentando um contingente muito diferenciado em relação aos turnos de ensino da unidade escolar.

No turno matutino, observa-se que 30% dos alunos são provenientes da zona rural e a maior parte, 70% são da zona urbana pertencentes às famílias cujos pais, em sua maioria, estão inseridos no mercado de trabalho formal e buscam na escola, não só a necessária mediação que lhes facilite o ingresso ao sistema produtivo, mas também, aspiram à continuidade de seus estudos em cursos superiores, embora, muitas vezes, esse fato não seja tão observado na prática.

No turno vespertino, a situação se inverte e a maior parte dos alunos vive na zona rural, ou seja, o público desse turno corresponde a 70% das famílias dos estudantes, os quais vivem com dificuldade de se manterem, economicamente, haja vista que essas famílias enfrentam o problema da seca e da falta de distribuição igualitária dos recursos hídricos.

Ancoram-se, então, no trabalho da colheita de café, que se caracteriza pela saída dessas famílias no período de abril a setembro para as regiões de Minas Gerais e São Paulo. Como muitos de seus filhos precisam ajudar seus pais no aumento da renda familiar e sustento, grande parte desses estudantes fica fora da escola por um período aproximado de dois meses e meio. Essa ausência significa uma perda grande de aprendizagens, além de desestimulá-los a dar continuidade aos estudos.

Diante dessa realidade, o CECCSS incentiva e planeja a produção de um

Portfólio, inserindo nele atividades interdisciplinares de leitura e escrita. Solicita-se nesse conjunto de atividades, um exercício diário de produção textual, com o propósito de demonstrar, por escrito, pensamentos, reflexões e atitudes acerca de sua atividade na colheita. Mas, vale dizer que esta atividade de construção de um Portfólio não contempla a lacuna deixada no período em que o aluno não se faz presente na escola. Sabe-se, portanto, que o trabalho da colheita de café não é um trabalho leve; ocupa muitas horas, sai-se muito cedo, chega bem tarde, e assim, o aluno não dispõe de muito tempo para o cumprimento diário dessas atividades.

Essa dura realidade requer de todo do colégio uma intensa mobilização com planejamento e execução de intervenção que possa dar para esses estudantes a oportunidade de ler, estudar e aprender com dignidade. Assim, almeja-se criar um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) com aulas e exercícios *on-line*.

Conforme documento disponibilizado pela gestão escolar, PPP de 2022, outra questão observada no turno vespertino e de grande preocupação é a distância trilhada pelos alunos até chegarem à escola. Embora haja transporte escolar, muitos deles precisam percorrer longos percursos a pé, até dois quilômetros (2 Km). Alguns viajam em transporte escolar por cerca de 50 Km em estradas de chão, esburacadas e sem adequadas e seguras condições.

Em 2022 a escola enfrentou o problema da merenda, pois esta não é suficiente para suprir a fome dos estudantes oriundos da zona rural, que saem de casa muito cedo. Mas, ainda assim, de acordo com o recurso enviado do Programa Retorno Escolar Seguro (PRES¹), a escola está ofertando temporariamente almoço aos estudantes do diurno e ceia aos estudantes do noturno. Nesse sentido, a oferta de alimentação concernente às demandas e necessidades nutricionais durante o período letivo é assegurada no Artigo 4º da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, que versa sobre o atendimento da alimentação escolar. Assim, registra-se no referido Artigo:

O Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE - tem por objetivo contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de hábitos alimentares saudáveis dos alunos, por meio de ações de educação alimentar e nutricional e da oferta de refeições que cubram

¹ Instituído por meio do Decreto nº 20.663, de 23 de agosto de 2021, “[...] destinado a ações de transferência de recursos financeiros para atender a escolas públicas da rede estadual que necessitam se adequarem ao protocolo de segurança estabelecido pelos normativos dos órgãos federais, regionais e locais, configurando benefício complementar emergencial, em razão do estado de calamidade pública em saúde decorrente da pandemia da COVID-19, e dá outras providências (Bahia, 2021).

as suas necessidades nutricionais durante o período letivo (Brasil, 2009).

Devido às dificuldades vivenciadas, nota-se que apenas uma pequena parte dos estudantes tem perspectivas de continuarem estudando, buscando uma profissão e inserção no mercado de trabalho que garanta melhores condições de vida. As famílias de baixa renda e pouca ou nenhuma escolaridade não conseguem vislumbrar seus filhos em universidades, alegando falta de recursos para os manterem. As universidades públicas encontram-se na cidade de Brumado, a 30 Km, e no município de Vitória da Conquista, cuja distância é de 100 Km. São, respectivamente, o *campus* XX da UNEB, oferecendo o curso de Letras Vernáculas e o de Direito, e a UESB com uma maior oferta de cursos em diversas áreas.

Além disso, após o término do Ensino Médio, há a possibilidade de realização de cursos técnicos. E assim, alguns alunos, principalmente do turno matutino, se inscrevem nesses cursos, mais precisamente, naqueles que são oferecidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), também em Brumado. Entretanto, tem-se notado uma queda na quantidade de alunos concluintes do Ensino Médio e que continuam os estudos, seja em nível técnico ou superior. O fato é que, no ano de 2021, poucos alunos conseguiram adentrar a Universidade para frequentarem um curso superior.

Portanto, um conjunto de aspectos socioeconômicos, políticos, sociais e pedagógicos, incluindo despesas com transporte e/ou hospedagem limitam os anseios dos jovens estudantes, principalmente os da zona rural, cujas dificuldades são ainda mais acentuadas. Isso preocupa aos gestores e docentes dessa instituição, uma vez que o Ensino Médio está comprometido com o estímulo ao prosseguimento dos estudos, e a ampliação dos conhecimentos na Universidade faz com que a sociedade tenha mais pessoas criativas que pensem e atuem intensamente na sociedade, com mais oportunidades de trabalho, ascensão social e vida digna.

A partir desse lugar de memória, propusemos reconstruir as memórias que foram construídas nesse exercício de busca pela formação humana e pelo crescimento profissional. As relações estabelecidas com os pares na sala de professores produziram memórias que podem ser evocadas como experiências. Conforme explica Bondía (2002),

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p. 19).

O autor nos convida a cultivar a “arte do encontro” como possibilidade de vivência na perspectiva da experiência. Essa disponibilidade de se encontrar com o outro favorece a construção de saberes, desperta para a produção e socialização de modos de ser e fazer no exercício diário da formação humana.

As experiências vivenciadas foram suporte para reflexões que permitiram transformações tanto na prática pedagógica quanto na formação humana desses educadores que mantiveram laços afetivos em outros ambientes sociais. A experiência destacada pelo autor sinaliza os caminhos propostos pelo estudo em questão: fez-se necessário, portanto, parar para refletir acerca do tempo vivido na sala de professores, buscando os sentidos que perpassaram as lembranças evocadas.

Por outro lado, o estudo almejou a escuta paciente, suspendendo o juízo no sentido de permitir que as lembranças aparecessem recheadas de detalhes significativos, provocando não apenas o que é dizível, mas, sobretudo, o que as palavras não são capazes de comunicar, recorrendo a gestos e interrupções provocadas por emoções diversas.

Aqui temos a ideia de que apenas o educador exerce influência nas relações pedagógicas, no entanto, quanto saber é construído nesse encontro pedagógico permeado de curiosidade, conhecimento e afeição? Será que os conhecimentos construídos ultrapassaram os muros da escola? Qual a relação desses conhecimentos com os grupos sociais que perpassaram a trajetória desses profissionais para além do ambiente escolar?

Estes são questionamentos que conduziram e direcionaram o percurso de busca pela literatura que comporta autores, cujo entendimento sobre a memória traz pilares capazes de subsidiarem resposta à problemática desse trabalho. Nessa perspectiva, buscamos nos estudos já produzidos acerca da memória como objeto, aportes que sustentaram as bases fundamentais para as experiências que

atravessaram a trajetória de vida de educadores ao longo de sua vivência profissional.

Nesse sentido, entendemos que as inquietações a respeito do percurso pessoal e profissional desses professores suscitam a necessidade de referencial teórico, bem como da materialização do lugar, no qual as memórias foram produzidas através das relações estabelecidas na sala de professores, portanto, coletivamente.

Assim, pesquisar essas relações a partir do ano de 1982, marca do início do Ensino Médio aracatuense, nos conduziu à necessidade de contextualizar a realidade educacional vigente para a etapa final da Educação Básica. Cabe aqui refletirmos acerca da função da escola enquanto instituição social. Sobre o papel da escola, Nóvoa (2022) afirma que:

A escola não se esgota no plano individual e constitui uma instituição central para a vida social; finalmente, porque a escola não pode ser vista apenas como um bem privado, arrastando uma lógica consumista, e tem de ser pensada também como um bem público e um bem comum (Nóvoa, 2022, p. 14).

Entendendo a escola como um bem comum, cremos que a mesma desempenha papel importante na dinâmica social, uma vez que cabe a ela a promoção de oportunidades para a construção do conhecimento acumulado ao longo da história da humanidade. Assim, essa ambiência denominada escola é espaço de todos e para todos. Sendo parte da sociedade, também ela é caracterizada pelos grupos sociais, que em suas relações interpessoais constroem as memórias individual e coletiva.

Dito de outra forma, a escola é, por excelência, o lugar do saber, mas temos que considerar que não há apenas um saber, portanto, ela oferece o saber escolar integrado aos diversos saberes que a memória individual comunica na troca significativa e permanente ocorrida nas relações entre os sujeitos, que também são diversos, por isso mesmo se aproximam, formando um rico mosaico cultural.

Nesse sentido, essas memórias perpassam os diversos grupos sociais nos quais os sujeitos se inserem, pois, segundo Halbwachs (1990), a memória individual é levada pelo sujeito ao seu novo grupo social, constituindo, assim, um novo lugar de memória. É este “lugar de memória”, ocupado por educadores e educadoras que foi investigado na perspectiva da memória experiencial (Medeiros, 2016, p. 147), tomando as lembranças de gestos e atitudes do ser e fazer-se professor, até mesmo o esquecimento que atravessa as memórias desses docentes colaboradores nesse

estudo, a fim de identificar a função desse ambiente, na perspectiva de professores que vivenciaram situações pedagógicas relativas ao exercício da docência, no decorrer da trajetória profissional. Para tanto, os depoimentos dos profissionais da educação foram suporte para a leitura e análise das narrativas de testemunhos para respondermos à indagação que nos motivou nessa pesquisa.

A reconstrução dessas memórias permeia a formação humana e profissional de educadores que, no decorrer desse tempo ocuparam a sala de professores durante o recreio, as reuniões e ACs, compartilhando seus possíveis saberes, conhecimentos, lutas, dificuldades, bem como os saberes construídos ao longo do percurso profissional.

Além disso, são profissionais que, dedicando-se à comunidade escolar, puderam vivenciar experiências nas diversas trajetórias de vida de grupos sociais da escola e, conseqüentemente, foram marcados por elas. A sala também pode ser o lugar das influências pedagógicas partilhadas, refletidas, o lugar da troca, da mudança do percurso pedagógico, da visão para o exercício da docência e da construção da identidade social do professor.

Esse contexto permitiu a construção e reconstrução de memórias, e a possibilidade de marcar o percurso profissional de professores e, sobretudo, de professores aposentados. Esses momentos permanecem registrados nos grupos sociais, nos quais estes profissionais fizeram parte, deixando rastros e vestígios na formação social de novos educadores.

Para Nora (1993, p. 7), “Os lugares de memória existem porque não há mais meios de memórias”, ou seja, o autor aponta para a necessidade que a sociedade demonstra ter em relação à proteção das memórias porque sente a ausência dessa prática em nossa organização social tecnológica. A sala de professores, portanto, representa um espaço geográfico também permeado de sentido, de acordo com a vivência e experiência de cada um. A Figura 10, apresentada na sequência, mostra esse espaço de construção de memórias, lugar frequentado pelos participantes dessa pesquisa.

Figura 10 - Sala de Professores como lugar de memórias



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

É nesse lugar que, segundo Caria (2007, p. 131), os professores se reúnem para o encontro da “coletividade”, norteados pela consciência identitária a respeito dos saberes escolares e fazeres pedagógicos relevantes às práticas educativas comprometidas com o saber, marcando, assim, a presença transformadora.

A exemplo disso, na imagem acima podemos visualizar a frase, “Nenhum de nós é tão bom, quanto todos nós juntos”. Ao pensarmos sobre a frase, remetemos para as seguintes questões: Qual o sentido dessa frase para os professores? Que lugar é este? O que acontece nesse espaço? Qual a importância dos recursos disponíveis na sala? E os seus armários, o que havia dentro deles? Tais pontos podem promover sentido para o pensar sobre a sala, em particular, para os sujeitos da pesquisa.

Neste sentido, Bondía (2002, p. 21) nos conduz para a seguinte reflexão: “E pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. Assim, cada reunião, os momentos vividos e objetos desse e neste lugar nos inspiram à criatividade e à imaginação como pesquisadora. Para tanto, uma outra questão nos vem à lembrança: Seria esse o “lugar de memória” definido por Nora (1993)?

Segundo o autor (1993, p. 9), “[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Desse modo, o sentido atribuído a cada objeto da sala é marcado pela vivência particular dos sujeitos que por ali passam,

elaborando significados nas experiências individual e coletiva.

Por essa razão, compreendemos as relações e interações realizadas nesse espaço como oportunidade de amadurecimento profissional no que tange às experiências educativas, cujo objetivo conduz ao fazer pedagógico coerente com as demandas sociais daquele tempo experienciado.

Desse modo, a ação do educador é, por excelência, promover situações nas quais a garantia da preservação da cultura seja assegurada. Para tanto, necessário se faz compreender os processos e níveis de aprendizagens imbricados em teorias que sinalizam práticas, enunciando a significância da referida preservação, haja vista que o professor atua buscando facilitar o acesso ao conhecimento acumulado, bem como promover a produção de novos conhecimentos.

Sendo a memória um campo multimodal, diversas são as áreas que a tomam como referência para estudos das diferentes maneiras de produção cultural em seus aspectos sociais e históricos, apresentando concepções variadas, uma vez que a necessidade de compreender e dar sentido à existência é recorrente no que concerne à formação humana e aos processos de subjetivação.

Entendemos que a memória construída por esses educadores em suas relações é permeada de emoções e representam saberes não apenas escolares porque carregam em si, também, conhecimentos que ultrapassam os currículos didáticos. A disposição para escutá-los possibilitou a reconstrução de memórias significativas produzidas ao longo das vivências da carreira docente nesse tempo de colaboração com a formação de jovens na e para a comunidade aracatuense. Por meio de seus testemunhos, apresentamos nossas apreensões, no capítulo que segue.

5 A MEMÓRIA DE PROFESSORES APOSENTADOS POR MEIO DE SEUS TESTEMUNHOS

O objetivo do presente capítulo foi de contar acerca da oficina de memória realizada com os colaboradores no intuito de oportunizar momentos de evocação de lembranças por meio de objetos, fotos e documentos para suscitar testemunhos de vivências das relações na sala de professores.

Importa ressaltar que dos quatro professores aposentados selecionados para nossa pesquisa, um não se dispôs a dialogar conosco na reconstrução das memórias construídas na sala de professores via *WhatsApp*. Foram várias abordagens sem retorno. Decidimos ir ao encontro dessa professora com a intenção de oportunizarmos uma conversa mais próxima, até mesmo para ver de perto a postura, os gestos e o silêncio via rede social.

A professora nos recebeu em seu comércio (uma loja de brinquedos) bem frequentada nesse momento por conta da demanda do Dia da Criança. Era o dia 03 de outubro de 2023, semana que antecede os preparativos para a comemoração do dia das crianças nas escolas. Nesse cenário, me apresentei como a pesquisadora que tentou dialogar via *WhatsApp*, apresentando, também, nossa proposta de pesquisa.

Ela nos acolheu, justificando que marcaria uma outra data para nosso encontro, uma vez que ela estava “arrumando” os brinquedos para as vendas. Após a semana da criança, reiniciamos o contato por meio da rede social com o intuito de abordá-la pela lembrança do combinado anteriormente no momento da nossa visita ao comércio e, mais uma vez não obtivemos retorno.

Enquanto autora, já havia até iniciado a escrita acerca do comportamento da professora, no entanto, decidimos realizar uma última tentativa presencial. Nessa ocasião, ela nos acolheu e foi possível apresentar com mais clareza a proposta de trabalho ora encaminhada, bem como a importância de seu testemunho como professora aposentada, membro da equipe docente nesse recorte temporal. A figura seguinte mostra o local onde o diálogo aconteceu.

Figura 11 - Encontro com a Professora Superação



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A conversa fluiu com leveza. A professora contou-nos acerca de sua trajetória profissional, apontando como lembrança marcante seu retorno à escola após tratamento do câncer, diagnóstico que a afastou da docência por cerca de três anos, o que justifica a escolha do nome **Superação**. A experiência, segundo ela, mais triste foi também relativa ao momento da volta ao trabalho, marcada pela negativa do então diretor da Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC). Este informou a ela acerca da impossibilidade de retomada do trabalho, pois ela estava doente, portanto, limitada para as atividades de sala de aula.

Emocionada, a professora **Superação** continuou seu relato justificando a escolha do seu codinome, pois conseguiu com a solidariedade dos colegas concluir sua formação continuada naquele momento e finalizar seu tempo de regência com êxito, conforme salientou: “Meus colegas me ajudaram a retornar depois de um momento muito difícil e a permanecer até o fim”.

5.1 OFICINA DE MEMÓRIA

Antes da descrição da dinâmica “oficina de memória”, julgamos importante apresentar alguns dos lugares nos quais o encontro com os colaboradores ocorreu: O primeiro encontro com a professora Arrependida ocorreu em frente ao Centro de Cultura (Figura 12), em um banco para uma conversa, quando apresentamos o projeto de pesquisa e solicitamos a participação dela, destacando a importância das narrativas das lembranças de sua trajetória profissional, bem como os testemunhos

da participação e vivências na sala de professores. Nossa conversa foi interessante; a professora narrou, com brilho nos olhos, fatos importantes acerca do início de sua carreira docente e se comprometeu com entusiasmo a participar da reconstrução daquelas memórias.

Figura 12 - Encontro no Centro de Cultura



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

O nosso segundo encontro com a referida professora, deu-se na sala de sua casa, uma vez que ela estava cuidando da neta. Conforme mostra a Figura 13, essa sala foi lugar de rememoração de experiências de formação continuada, de preparação de aulas comprometidas com a realidade em que a escola estava inserida.

Figura 13 - Sala do 2º encontro com a Professora Arrependida



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Importa esclarecer, que a disponibilidade dos participantes foi manifestada de

modo particular, uma vez que da realidade de “ocupação” decorre também a abertura às perspectivas a respeito de ser e estar na comunidade. De maneira singular, os professores aposentados **Arrependida** e **Recordar** mostraram-se mais envolvidos com a oportunidade de rememorar para registrar seus feitos e realizações como professores naquela comunidade.

O professor **Recordar** preferiu conversar em sua casa, evidenciando a mesma atenção quando acolheu ao nosso convite via rede social. Mostrou-nos um escritório onde prepara até hoje atividades de Matemática para alunos do Fundamental II (rede municipal), escreve poemas e registra também muitas histórias de pessoas que marcaram a sociedade aracatuense.

Em sua casa, as experiências da docência intrinsecamente ligadas às vivências da formação humana foram rememoradas por meio de palavras, enquanto ele compartilhava sobre as viagens de trem de Brumado a Caculé para estudar, que às vezes duravam 03 dias. Ele também falou sobre sua atuação como diretor de escola e como Secretário de Educação no município, fazendo comparações entre o ensino de sua época como estudante e as transformações ocorridas ao longo desse caminho.

Foi nesse momento em que as palavras não conseguem expressar, e o silêncio fala, a emoção enche o pensamento e o coração sente a desvalorização de um trabalho realizado com competência, mas também com renúncias. No segundo encontro propusemos uma Cartografia Narrativa. Qual não foi minha surpresa ao ser recebida com uma espécie de diário/autobiografia já preparada antecipadamente para facilitar nosso trabalho. Ele estava entusiasmado com nossa conversa acerca das memórias construídas com a participação dele na condição de professor.

Nesse dia, encaminhamos o diálogo para a prática pedagógica e formação profissional no contexto da sala de professores, considerando o tempo vivido, bem como as vivências acumuladas. **Recordar** falou a respeito das influências recebidas dos professores que participaram de sua formação como professor, descreveu experiências interdisciplinares nos anos 1970, enfatizando que aqueles professores já praticavam a interdisciplinaridade.

Conforme narrou o professor, no início de sua carreira a escola não dispunha de sala para professores, e cada planejamento era realizado em casa, uma vez que esse espaço só foi fisicamente estruturado nos anos 2000, em Aracatu. Portanto, não havia a estrutura física; no entanto, o advento do FUNDEF (Brasil, 1998) apresentou uma nova dinâmica relativa aos resultados nas avaliações externas, reconfigurando

as ACs e norteadando o planejamento escolar pedagógico.

Entendemos a construção dessas memórias na sala de professores como produção de saberes, marcando a convivência de professores ao longo desse itinerário de vida profissional e pessoal. Esses saberes deram suporte às práticas educativas também lembradas por esses professores, uma vez que as experiências pedagógicas tiveram origem na sala de professores, nas interações ali estabelecidas, como falaremos no capítulo a seguir.

A segunda etapa de produção de dados foi adotada com a intenção de reconstruirmos a memória de professores por meio de seus testemunhos. Assim, organizamos uma oficina de memória na biblioteca do CETIA, em respeito ao desejo dos participantes em conhecerem a nova unidade escolar entregue à comunidade, em 07 de julho de 2023.

A referida instituição foi projetada para atender ao novo Ensino Médio de tempo integral, cuja sala de professores não estaria disponível em condições adequadas à realização da oficina por se tratar de um dia letivo e a sala seria ocupada por professores regentes. Além disso, os participantes indicaram o lugar escolhido como uma oportunidade para recordarem experiências vividas em outro lugar (sala de professores/CECCSS), fazendo uma ponte entre os objetos que estiveram naquele contexto anterior e a estrutura escolar que a comunidade pode fazer uso hoje.

Nesse cenário, o ambiente foi organizado com objetos e fotos que pudessem despertar lembranças significativas ao exercício da docência daqueles professores, conforme mostra a Figura 14. O mimeógrafo, a máquina de datilografia, a sineta, o aparelho telefax, o giz, bem como fotos de eventos foram inspiradores naquela conversa prazerosa. Ah! O álcool foi derramado sobre uma folha de papel, em um dado momento do diálogo e a professora **Saudade** exclamou: “Parece que estou sentindo o cheiro das provas [...] risos”.

Figura 14 - Oficina de memória/Biblioteca CETIA - 2023



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Para essa etapa, convidamos os colaboradores de acordo com a disponibilidade de cada um, enviando um convite (*card*), conforme Figura 15, solicitando a confirmação de presença para assegurarmos a participação e a produção de dados almejados para aquele momento de rememoração.

Figura 15 - Convite para Oficina de Memória



Fonte: Produzido pela pesquisadora (2023).

Cabe salientarmos, que a divergência entre o local apresentado pelo convite e o lugar da realização da oficina fora explicitado anteriormente, confirmando as ideias de Halbwachs (1990) quando este afirma a presença de muitas memórias (memória coletiva) na formação de grupos sociais. Nesse encontro foi possível observarmos que, apesar da ausência de dois professores participantes da pesquisa, estes marcaram presença na rememoração dos professores presentes.

Recordar justificou a ausência, explicando que não estaria na cidade naquelas datas apresentadas como sugestões. Quanto à **Superação**, inferimos a impossibilidade de comparecimento por questões pessoais, uma vez que não respondeu ao nosso convite naquele momento. Dessa forma, o encontro foi realizado entre as professoras aposentadas **Arrependida** e **Saudade**, no dia 13 de novembro de 2023, tendo como participantes duas professoras aposentadas, colaboradoras nesse estudo, bem como uma colega que ainda está na ativa e duas alunas da primeira turma de Segundo Grau (curso de Magistério), iniciado oficialmente no ano de 1982.

Às referidas alunas, fora solicitado objetos que também fossem desencadeadores de recordações, com a finalidade de provocarmos a evocação de lembranças. Tivemos pasta de estágio, álbum de fotografias, vestido de formatura, convite de formatura e muitas risadas proporcionadas pelos nomes das pessoas que apareciam nas fotos. Os fatos vinham à tona numa referência certa ao pensamento de Maurice Halbwachs (1990), quando o autor aponta a memória como construção social e, ainda que cada sujeito se apresente de modo individual ao grupo social, as memórias se entrelaçam nas relações estabelecidas.

Ali, diante dos meus olhos e ouvidos, aquelas rememorações me atravessavam de alguma forma e, naquele instante a experiência de Bondía (2002) foi acessada porque já fazia parte de minhas memórias, embora o autor não estivesse ali. Foi encantadora a constatação de que a recordação de um sujeito desperta a lembrança de outro, confirmando os estudos de Halbwachs (1990), na perspectiva das relações e vínculos, nos quais as vivências são ancoradas.

Para este objetivo, delineamos as questões suscitadas no capítulo anterior, as quais nos conduziram a alguns relatos das vivências e experiências desses participantes nesse ambiente de relações e troca de saberes. Conforme as lembranças foram sendo evocadas, as respostas foram surgindo a respeito desse lugar de memórias, considerado pelos participantes como lugar de troca de conhecimentos. A lembrança que eles tiveram acerca da sala de professores é que, inicialmente havia apenas uma mesa e algumas cadeiras. A professora **Arrependida** narrou:

Um pouco mais tarde chegaram os armários para guardar livros, o giz e as “matrizes” de atividades e avaliações. Embora fosse dito ser proibida a entrada de estudantes em nossa sala, a gente sempre

permitia, às vezes até convidava o aluno pra entrar quando tínhamos alguma pendência, pois nosso relacionamento com eles era bom (Entrevista concedida por Arrependida em 2023).

As lembranças externadas eram sempre atravessadas por emoções reveladas por meio de expressões como olhos arregalados e brilhantes, acompanhados de suspiros e, por diversas vezes, boas risadas. **Arrependida** continuou:

É certo que havia aquele aluno que gostava de fazer perguntas para testar o conhecimento do professor porque a gente estava começando uma nova modalidade de ensino, era a formação para o Magistério! Era preciso ler [...], estudar muito para não deixá-los sem respostas. Eu assistia sempre o jornal pra levar novidades pra eles (Entrevista concedida por Arrependida em 2023).

A professora **Saudade** concordou com a colega, acrescentando:

Nosso relacionamento com o diretor, acredito que foi razoável, discordava de algumas atitudes, mas a gente entendia (naquela época), não tínhamos a cultura do confronto ou questionamento, cabia a nós a obediência até mesmo para não perder o emprego. O tempo passou, trazendo possibilidades de diálogo. Não tivemos experiência com coordenação pedagógica (Entrevista concedida por Saudade em 2023).

Foi possível observar na fala da professora **Saudade**, o poder exercido pelo diretor, bem como a concepção de educação que fundamentava as práticas educativas baseadas na compreensão vigente a respeito do papel da escola, mas também acerca das relações de poder, permeadas pelos aspectos políticos daquele momento histórico.

5.2 UM ZERO À ESQUERDA: QUAL O VALOR DO PROFESSOR?

No que tange ao reconhecimento social aracatuense, todos os participantes pronunciaram, literalmente e de modo profundo, isto é, suspiraram para externarem o desejo de serem vistos como agentes sociais transformadores. Apesar do que dizem acerca do valor do professor quando repetem: “É a profissão que forma todas as outras profissões”, estamos ainda, distantes da compreensão do valor da ação pedagógica efetivada em cada instituição escolar.

Nesse ponto da conversa, o professor **Recordar** apontou a falta de conscientização a respeito do papel do professor. Segundo ele, a comunidade aracatuense nem sequer lembra que ele passou mais de duas décadas colaborando na formação de adolescentes e jovens que atuam nas mais diversas atividades na sociedade de Aracatu e/ou outras cidades do Brasil, quiçá no mundo.

A professora aposentada **Saudade** salientou: “[...] depois que saí da escola ninguém nunca me procurou como professora [...]. Estou feliz e emocionada agora, não pela grandiosidade da estrutura dessa escola, mas pela companhia de vocês, pela nossa conversa, pelo nosso encontro”.

Arrependida pontuou que achava que não era valorizada porque não nasceu em Aracatu, no entanto, descobriu que o professor aposentado não é visto, não é escutado, também em sua terra natal, portanto, não é considerado.

Para **Superação**, o professor aposentado é como um “zero à esquerda”. Aqui ninguém nos comunica nada. Outro dia, uma escola nova foi inaugurada e nós que começamos tudo isso, não fomos convidados! A sociedade não vê o professor aposentado”.

Ao ouvir esse relato, bem como o desejo de que a oficina fosse realizada numa sala da escola nova, fiquei pensando em minha postura enquanto escola, pois sou professora regente nessa escola nova. Por que não os convidamos para conhecer a nova estrutura escolar? Foram reflexões pertinentes, pois esse reconhecimento, inicialmente deve estar em nós, profissionais da educação, unidos pela identidade consciente das memórias que construímos e dos conhecimentos que essas memórias geram, transformando pessoas aptas a transformarem realidades.

Essa realidade desperta em nós a necessidade de repensarmos esse momento da vida do professor, assim como há memórias que não queremos esquecer, existem professores que não devem ser esquecidos! Sobre esse estado de vida, sabemos de algumas iniciativas interessantes, a saber: Clube de Educadores Aposentados de Caculé (CEAC), Clube de Educadores Aposentados de Brumado (CEAB) e Clube de Professores Aposentados de Guajeru (CPAG). São alternativas promotoras de visibilidade social, pois permitem a inclusão e interação entre os pares, na perspectiva de participação e atuação social.

Não é nossa intenção tecer comentários acerca dessas experiências, todavia, a ciência da existência de alternativas de grupos sociais, cujos membros caracterizam-se pelas práticas educativas, merece atenção pelo fato de preservar

uma ação eficiente, empregando-a em outro ambiente.

Cabe enfatizarmos que as memórias construídas na sala de professores são geradoras de saberes e estes são “carregados” para outros grupos sociais e, após encerramento da trajetória profissional continuarão como facilitadores no que se refere à produção de conhecimentos, portanto, o professor aposentado continua sendo um educador, embora na maioria das vezes não seja reconhecido. Talvez isso justifique a presença de duas professoras resistentes à aposentadoria.

5.3 QUANDO A APOSENTADORIA NÃO É UM FIM

Conforme dito anteriormente, encontramos duas professoras contemporâneas dos professores participantes da pesquisa, cujo tempo de serviço ultrapassa as exigências do Estatuto do Magistério, no entanto, se mantiveram em sala de aula, alegando o gosto pela regência como motivação para a permanência nas atividades. Ambas são da área de Linguagens e ministram aulas em dois turnos, às vezes complementam na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Aqui elas serão identificadas como professoras **A** e **B**, como forma de preservar a privacidade delas nas narrativas apresentadas a seguir, cuja intenção é explicar o sentimento por elas alimentado, o que as tocou e/ou ainda toca nas relações estabelecidas na sala de professores. Para a professora **A**, o ambiente escolar se confunde com sua própria vida e assim narrou:

A sala de professores aparece nos anos 1990 como espaço físico porque já no início dos anos 1980, quando começamos o Segundo Grau aqui, nós preparávamos as atividades para nossos estudantes, conforme aprendemos em nossa formação para o Magistério. A gente estudava muito para colaborar na formação de novos professores. Quando a estrutura física se tornou real para os professores, muita coisa boa foi dita e realizada ali. A sala de professores é lugar de ensinar e aprender. Eu me sinto tão bem que não penso em aposentadoria, pois ela não é um fim para mim. Sei que uma hora terei que sair, mas não faço planos para isso (Entrevista concedida pela Professora A em 2023).

A professora **B** destacou a convivência com os colegas na sala de professores como oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Segundo ela, as trocas de conhecimentos ocorridas ali não se limitavam ao conteúdo programático, conforme relatou: “[...] falávamos também de nossas angústias familiares e dúvidas com nossos

filhos”. Para ela, essa sala surgiu e foi se modificando de acordo com as demandas impostas à educação, ou seja, as transformações sociais foram adentrando essa ambiência de convivência e experiências.

Ressaltamos a presença ativa das professoras **A** e **B** no Novo Ensino Médio de Tempo Integral em Aracatu, como profissionais contemporâneos dos participantes colaboradores desse estudo. Todavia, constatamos que elas não são coetâneas, uma vez que a prática educativa ainda faz parte de seu projeto de vida.

Nessa perspectiva, percebemos a pluralidade de ideias e ideais presentes na sala de professores, bem como o aprendizado intrinsecamente ligado às relações interpessoais, como narrou a professora **A**: “Nesse caminho longo, conheci e convivi com colegas de todo tipo de pensamento. Lidamos com conflitos também”. A professora **B** concordou: “Isso é verdade, nesse tempo todo, foram muitas situações difíceis. Por exemplo, a desunião nos momentos de greve”.

Compreendemos a diversidade que permeia a sala de professores como parte da formação pessoal e profissional do professor, pois este se faz membro do grupo social ao se colocar como professor numa instituição, levando saberes de outros grupos, dos quais também faz parte. É nessa troca, cujas memórias são construídas, que a Cartografia Narrativa nos auxiliou na produção de dados para nossa investigação.

A cartografia, segundo Deleuze e Guatarri (2019), não se refere a métodos rígidos e a processos pré-determinados, mas está relacionada à dinamicidade do pensamento que não se apresenta de forma linear, isto nos faz pensar que as lembranças podem ocorrer num tempo mais distante, mas também surgem sobre fatos mais recentes. Optamos em dar aos participantes a liberdade para evocar as lembranças significativas, descartamos o direcionamento cartesiano, pois a nossa intenção foi obter a reconstrução dessas memórias.

5.4 CARTOGRAFIA NARRATIVA

Propusemos a Cartografia Narrativa durante a oficina e, aos poucos, os professores foram organizando acontecimentos da carreira docente, à medida que as lembranças foram surgindo, marcando fatos e situações significativas ao longo desse tempo. Ao pensar a respeito da referida técnica, senti necessidade de “traçar” a minha

trajetória para facilitar o entendimento da atividade a ser realizada pelos professores.

Figura 16 - Cartografia Narrativa da Pesquisadora



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dessa forma, na Figura 16 apresentamos as recordações que naquele momento surgiram como lembranças importantes em minha formação pessoal e profissional. Começo contando a respeito do prazer que eu sentia ao ir para a escola desde a infância, pois ficava encantada com tudo que ali havia para aprender. Até o nome de minha primeira professora eu achava lindo – Florisbela – quando tive que mudar de turma, também o professor era diferente, mas tão bem preparado como a professora anterior. Lembro de como esperávamos pelo recreio, recordo alguns colegas.

Continuo minha cartografia narrativa, rememorando alguns fatos de minha formação inicial (Magistério), o momento alegre da “formatura” o desejo e a necessidade de continuar aprendendo, pois o professor se faz ensinando e aprendendo. Repensar a prática, conhecer e refletir sobre as novas teorias pedagógicas permitiram minha inserção em vários cursos de formação e atualização. Ah! As lembranças das vivências com meus ex-alunos. Como é bom recordar!

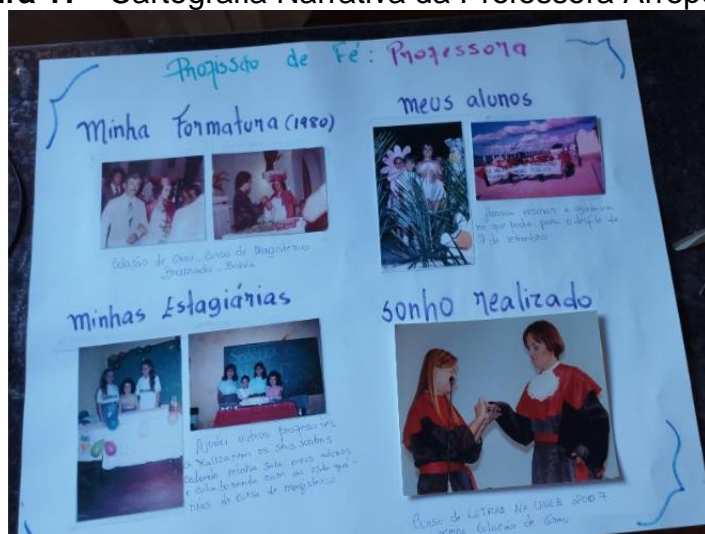
Após apresentar meu percurso, por meio da evocação de lembranças individuais e coletivas, os participantes foram conduzidos a pensar acerca de alguns momentos relativos às experiências na educação formal, incluindo a família, a escolha da profissão, os alunos, os colegas e a formação permanente. Quantas lembranças foram evocadas! Pessoas, lugares, objetos, situações, relações! Foi um exercício raro,

porém, valioso! Valioso!

Essa experiência me permitiu, ao mesmo tempo, a rememoração e reconstrução de memórias, mas também suscitou reflexões sobre escolhas e omissões ao longo desses anos de docência. Foi uma oportunidade de avaliar o caminho percorrido, sobretudo, o sentido das relações construídas, seja com colegas ou com autores, sustentando práticas educativas coerentes com as demandas sociais.

A explicação da atividade foi realizada com êxito. O material foi colocado à disposição das duas professoras aposentadas presentes na oficina para a feitura da narrativa cartográfica, apresentamos, conforme a Figura 17, o registro das lembranças rememoradas pela professora **Arrependida**, a única participante a dar uma devolutiva relativa à atividade proposta apontando o percurso por ela percorrido em cada etapa priorizada por esse momento de recordação.

Figura 17 - Cartografia Narrativa da Professora Arrependida



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Segundo ela, as reflexões promovidas pela pesquisa permitiram o reconhecimento da missão cumprida, pois a sensação de algo inacabado que provocava arrependimento deu lugar ao sentimento de tempo vivido com memórias inesquecíveis.

Nosso intuito de reconstruir a memória de professores aposentados por meio de seus testemunhos levou-nos a tratarmos com critério científico os discursos e as narrativas apresentadas pelos professores aposentados, cujo diálogo foi norteador pelas ideias desenvolvidas por Ricouer (2007) sobre a importância do testemunho de quem esteve e experienciou as diversas situações enfrentadas pelos sujeitos

envolvidos no fazer pedagógico, que perpassaram o percurso dos professores aposentados no contexto definido para esse estudo.

Em sintonia com o referido autor, recorreremos à pesquisadora e estudiosa da memória, De Benedictis (2016), que, por essa razão, subsidiou na compreensão da narrativa oral que fundamenta os testemunhos, na perspectiva da reconstrução da memória coletiva desses profissionais. Para a pesquisadora, o testemunho é um fenômeno social e como tal favorece à reconstrução de memórias, cujo registro marca a preservação de interações no âmbito da elaboração e efetivação das práticas educativas, como veremos a seguir.

6 RELAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA DO GRUPO DE PROFESSORES APOSENTADOS E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS/SEU FAZER PEDAGÓGICO

No presente capítulo, trazemos reflexões pautadas no pensamento produzido por alguns autores que tratam da memória como construção social, geradora de saberes. Levantamos alguns questionamentos, cuja finalidade foi de provocar reflexões acerca do valor da memória como produtora de saberes. Apresentamos também os dados concernentes às investigações das interações entre os docentes na sala de professores, com o objetivo de identificar qual a relação estabelecida entre as memórias construídas e a prática educativa dos participantes colaboradores nessa pesquisa.

A (re)construção da memória está intrinsicamente conectada com a nossa identidade; ela guarda nossa vivência, experiência, nos fala quem somos e do mundo à nossa volta, por isso, é tão importante evocá-la. Mas, ela não se constrói apenas com características pessoais, a memória cultural e artística, material e imaterial tem papel fundamental em nosso pertencimento a determinada sociedade no tempo e espaço. Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é um produto social, na qual características ou fatos sociais, espaciais e temporais vão sendo compartilhados e assimilados por determinados grupos, fornecendo dados para a constituição das memórias individuais.

A memória é, portanto, construída por meio das experiências vividas nos grupos sociais em que cada sujeito se insere, compartilhando saberes e fazeres, marcando a trajetória individual e coletiva. Halbwachs (1990, p. 26), afirma que “[...] em realidade, nunca estamos sós. Temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. O autor evidencia as marcas que a convivência nos impõe na condição de seres de relações. Desse modo, a apropriação dos saberes está intrinsecamente vinculada às memórias construídas coletivamente. Em sintonia com o autor, a pesquisadora De Benedictis (2016) nos revela que:

Essas memórias são individuais e coletivas e se materializam no espaço ao qual o grupo faz parte. Esse espaço é o lugar, a esfera social onde os sujeitos vivem e trabalham um ambiente para além do físico, é o espaço das lutas, das diferenças, das interações, dos grupos e das relações sociais (De Benedictis, 2016, p. 65).

É nesse lugar de encontro e interação entre sujeitos diversos, que os saberes são compartilhados e a memória é construída, fundamentada nos valores e princípios individuais e comunitários. A evocação dessa memória implica rememorar espaço, tempo, pessoas, acontecimentos, de forma concreta, uma vez que não se trata de reminiscências, como teorizou Platão (1960). Para este teórico, a lembrança é a reminiscência daquilo que já se conhecia, conhecimento acessado no mundo inteligível, vivido anteriormente.

As experiências que fazem parte da memória desses profissionais não podem ser consideradas apenas como aulas preparadas e realizadas, pois, conforme nos lembra Bondía (2002), a experiência nos passa, nos toca, nos atravessa de tal modo que implica transformação. Ela traz sensações que conduzem ao redirecionamento, haja vista que afeta a postura do sujeito enquanto protagonista, agente em sua subjetivação, em suas relações sociais.

Nessa perspectiva, não podemos desprezar que o esquecimento é parte da dinâmica da memória, no entanto, temos que considerar que a memória ainda que construída, ela não é passado. Ela é movimento presente e permanente, como afirma Nora (1993):

[...] memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

A rememoração se dá no contexto da recordação, envolve outros sujeitos que colaboram, evocando lembranças ora nítidas ora esfaceladas em um presente aberto, pulsante em que os sujeitos (re)constroem, recordam um tempo vivido num espaço que foi palco de experiências transformadoras.

Nesse sentido, há uma certa curiosidade pelos lugares de memórias, uma vez que também há a possibilidade do esquecimento. O referido autor, salienta que “[...] há locais de memórias porque não há mais meios de memórias” (Nora, 1993, p. 7).

Portanto, a memória é um campo multimodal (Gondar, 2016). É utilizada nas mais diversas ciências, adotando significados e sentidos peculiares e singulares na perspectiva das análises subjetivas e interpessoais, ancoradas num tempo e espaço significativos. Com esse entendimento, cabe indagarmos: Qual a relevância das

memórias produzidas na sala de professores? Qual a relação dessas memórias com sua prática educativa? Qual o significado da sala de professores para a construção e reconstrução de sua ação pedagógica?

A sala de professores é vista como lugar de memória, ao tempo em que entendemos e reconhecemos quais memórias foram ali construídas e quais experiências atravessaram a trajetória desses educadores nas interações que perpassaram os sentidos elaborados por cada docente.

Refletimos acerca das possíveis transformações ocorridas no percurso de atuação desses educadores que se puseram a serviço da construção social por meio do fazer pedagógico, durante mais de 30 anos, no exercício diário da docência, cujo compromisso se voltou para a formação humana.

A referida formação humana é pautada na função social da escola, incluindo os diversos aspectos que compõem a estrutura curricular em seus vários elementos. A dinâmica da interação entre os sujeitos participantes da comunidade escolar é permeada pelos saberes que alicerçam o fazer pedagógico, num movimento dialético, haja vista:

A escola não é apenas, com efeito, um local onde circulam fluxos humanos, onde se investem e se gerem riquezas materiais, onde se travam interações sociais e relações de poder, ela é também um local – local por excelência nas sociedades modernas – de gestão e transmissão de saberes e de símbolos (Forquin, 1992, p. 28).

Para o autor, as relações estabelecidas no ambiente escolar estão além do cumprimento de uma rotina cotidiana, pois, a intencionalidade das escolhas favorece a transmissão de saberes, caracterizando posturas e ações marcadas por símbolos que justificam a cultura escolar comunitária.

Evidenciarmos a importância da memória da experiência de vida de professores aposentados que, na sua singularidade, deixaram marcas no espaço e tempo em que compartilharam saberes, trouxeram contribuições acadêmicas no tocante à identificação de quais teorias estão sendo construídas sobre o tema em questão, assegurando a importância de lembrarmos sobre as experiências de grupos de educadores aposentados que contribuíram e contribuem na formação humana da sociedade.

6.1 MEMÓRIAS QUE PRODUZEM SABERES: A EXPERIÊNCIA DA SALA DE PROFESSORES PARA ALÉM DO ESPAÇO FÍSICO

Interessante perceber, que mesmo em momentos do percurso docente desses colaboradores, em que não havia a sala de professores fisicamente, a mesma existia como fazer conceitual, uma vez que as trocas, os diálogos ainda que realizados no portão da escola, nos corredores, entre um café e outro foram carregados de sentido e significado, influenciando a prática educativa nas diversas situações de aprendizagem pensadas e preparadas com a finalidade de oportunizar a construção do conhecimento.

As questões apresentadas a seguir, direcionam, com flexibilidade o nosso diálogo com os professores aposentados. A eles perguntamos: você fazia o planejamento de suas aulas na sala de professores? Poderia citar uma lembrança boa? Havia ali material adequado e suficiente para suas atividades pedagógicas? O planejamento era individual ou coletivo? Por quê? Você acredita que essas experiências influenciaram sua formação como professor(a)? Como?

Cada professor fez seu relato, apontando sua prática educativa como resultado de sua formação acadêmica atrelada às experiências do dia a dia na escola e na sala dos professores. As trocas ali efetivadas sempre auxiliavam a realização de uma atividade com os alunos, o entendimento de um comportamento de algum estudante e a elaboração ou reflexão acerca de encaminhamentos na sala de aula. Transcrevemos a seguir, a narrativa de cada professor. Segundo **Arrependida**,

A gente não tinha o costume de planejar juntos no início, mas nossas conversas na sala de professores nos ajudavam a pensar uma atividade para nosso aluno ou até mesmo mudar alguma coisa em nosso planejamento, com uma nova ideia que surgiu ali durante a conversa com os colegas. O material, nunca tivemos o suficiente, muitas vezes tive que comprar [...] o tempo foi passando e fomos aprendendo juntos como planejar e a importância do planejamento coletivo. A lembrança boa que eu guardo era ver meus alunos felizes no estágio, tornando-se professores (Entrevista concedida por Arrependida, 2023).

A professora **Arrependida** deixa claro a influência das trocas realizadas no decorrer das conversas na sala de professores, fato que nos conduz ao entendimento de que essas trocas produzem conhecimentos e redirecionam as estratégias já

traçadas anteriormente. Para a professora **Saudade**, embora a experiência do espaço físico da sala de professores tenha sido por um tempo relativamente curto, ela narra:

Como eu disse antes, não tínhamos a sala de professores por um longo tempo, mas a gente contava para os colegas nossas dificuldades com os alunos [...] às vezes eu até passava minha “matriz” de atividade para o colega, ela me dava a “matriz” que ela tinha preparado. O material era sempre regrado, eu comprava com meu dinheiro, muitas vezes fiz isso para facilitar meu trabalho e ajudar meu aluno. Lembro que minha formação no Magistério não falava de planejamento coletivo, aprendi que eu não poderia ir para sala de aula para improvisar, mas a ideia de planejar juntos foi chegando aos poucos. Isso foi positivo porque surgiam ideias diferentes para nossas aulas. Uma lembrança boa desse tempo [...] a alegria dos alunos ao concluir o curso de Magistério, a formatura era um momento muito bonito (Entrevista concedida por Saudade em 2023).

Fica claro com o testemunho da professora **Saudade** o valor das interações na sala de professores quando ela relata que a diversidade de ideias pode modificar a prática educativa, visto que desperta para reflexões sobre a própria formação, atitude necessária ao exercício da auto avaliação. Compreendemos o diálogo entre os professores como oportunidade significativa no sentido de fortalecer o vínculo com a função social da escola, pois à medida que os professores narram suas experiências pedagógicas, o sucesso e as adversidades ficam evidentes para a tomada de decisão rumo ao caminho escolhido. Ao ser abordado, o professor **Recordar** nos contou:

Eu acredito que a formação do professor é permanente. Nesses anos todos de trabalho, tive vários colegas e, a conversa com eles nos intervalos ou em reuniões me ajudaram muito a ser professor. Apesar de gostar de fazer meu planejamento sozinho, os exemplos da prática dos colegas me davam sempre ideias novas [...] eu que gostava de elaborar problemas de matemática com os fatos do dia a dia, escutar os casos, era sempre bom para preparar os desafios para meus alunos. A gente contava sempre com pouco material, mas na minha formação em Magistério, observei meus professores usando sempre o que tinham à disposição. A lembrança boa que tenho era ver alunos com vontade de aprender (Entrevista concedida por Recordar em 2023).

Pode-se entender por meio da narrativa do professor **Recordar**, o entrelaçamento entre as memórias construídas e o fazer pedagógico, uma vez que se forma não apenas com os conhecimentos acadêmicos, mas também sendo “atravessado” pelos saberes postos em comunhão nas interações entre os pares na

sala de professores. A dinâmica que permeia o ser e o fazer-se professor possibilita o amadurecimento do compromisso assumido pelo exercício da docência, ainda que as adversidades determinem certas “paradas”. Para **Superação**, esse foi um processo desafiador pela necessidade do repentino afastamento, contudo, ela nos disse:

Antes de me afastar para o tratamento, a gente estava começando a planejar juntos, mas mesmo quando eu preparava as aulas sozinha, nós falávamos de nossas atividades e até trocávamos algumas coisas [...] o material era pouco, a gente dividia, às vezes. Os momentos de contar alguma coisa da turma sempre traziam ideias para outras aulas. Quando eu retornei com muitas dificuldades (emocionada) [...]. Nossa! Meus colegas me acolheram e me ajudaram muito a preparar minhas aulas. Uma lembrança boa que me veio agora foi ver o esforço de uma aluna para ajudar um colega a concluir o estágio, ela fez tudo pra ele não desistir (Entrevista concedida por Superação em 2023).

Observamos em cada relato, a influência das ideias de um colega na preparação das atividades de cada professor, pois cada participante em sua narrativa apontou a experiência da “troca” como momento de definição das estratégias, visto que a interação entre eles suscitava reflexões e transformações na prática educativa.

Podemos inferir a riqueza desses diálogos entre áreas diversas, uma vez que os professores eram de áreas diferentes e, além disso, ministravam aulas no curso de formação para o Magistério inicialmente, cujas disciplinas orientavam para conhecimentos julgados necessários à formação docente, tornando-os aptos para ministrarem aulas no padrão apresentado pela lei em vigor, nas modalidades impostas pela necessidade social.

Pode-se observar o valor da interação entre disciplinas distintas, pois a necessidade de apoio imposta pelo pioneirismo desses professores na formação profissional de jovens e adultos para o Magistério, traz reflexões acerca da interdisciplinaridade/transdisciplinaridade – conceitos que somente aparecem nos anos 1990. Ou seja, a prática educativa desses profissionais, guiados pela necessidade, apresenta traços relevantes a respeito de teorias ainda não formalizadas, normatizadas pelo sistema educacional formal, cujos saberes representam e colaboram com a formação humana dos sujeitos sociais.

Buscamos vestígios por meio dos relatos de professores aposentados, a fim de compreender o sentido e o significado da sala de professores em sua trajetória profissional, entendendo o percurso de atuação docente atrelado às experiências e

aos saberes. Para tanto, o papel social do docente foi tomado como presença ativa, analisando suas práticas pedagógicas planejadas e compartilhadas na sala de professores.

Investigar a importância da memória coletiva no processo de formação de professores aposentados, fundamentado nos estudos desenvolvidos por autores cujas narrativas evidenciam conexões na perspectiva da vinculação entre a prática educativa e a construção da memória, destacando a memória como produto coletivo.

Compreender a sala de professores como lugar de memória, implica considerar a memória social carregada de símbolos e significados capaz de deixar rastros importantes na constituição do sujeito. Essa vivência se materializa em sociedade, sendo formada por vários grupos com funções diversificadas.

É no cumprimento desses papéis, atendendo aos apelos sociais que a qualidade das relações se efetiva. Portanto, destacamos a pluralidade de saberes que adentram os grupos sociais, bem como a relação desses saberes com a formação humana e a subjetividade de cada sujeito, na construção da prática educativa.

Segundo Abbagnano (2007, p. 865),

Este verbo – saber - substantivado é usado como conhecimento em geral, e neste caso designa: qualquer técnica considerada capaz de fornecer informações sobre um objeto; um conjunto de tais técnicas; ou o conjunto mais ou menos organizado de seus resultados.

Sem desprezar as muitas mudanças pelas quais a humanidade e a sociedade passaram nesse percurso, percebemos que a necessidade de pertencimento a um grupo é intrínseca ao ser humano. Ainda que o avanço tecnológico tenha evidenciado práticas sociais individualizadas, as relações interpessoais continuam sendo canal de manifestação de aspectos relevantes ao crescimento pessoal e coletivo.

É por essa razão que destacamos a importância das relações construídas na sala de professores, salientando que a compreensão desse ambiente na trajetória de vida dos educadores, bem como as experiências que oportunizaram a construção de saberes de professores aposentados representam subsídios para o entendimento de práticas pedagógicas que viabilizaram o cumprimento da função social da escola. Conforme Oliveira (2011),

Estes saberes experienciais, resultantes das memórias e representações do professor, compõem um arcabouço cultural que em

conjunto com os saberes teóricos fundamentam as ações docentes, direcionando as práticas educativas no contexto da sala de aula e a postura do professor em relação à comunidade escolar, seja no relacionamento com seus pares, com a direção, funcionários, pais, etc. (Oliveira, 2011, p. 54).

Nesse cenário, constatamos que a experiência viabiliza mudanças no sujeito que concretamente se envolve e se deixa marcar pelos vestígios das relações que configuram cada grupo social. Aqui, a sensibilidade provoca autorreflexões significativas e pertinentes, despertando reações intersubjetivas e, de acordo com Medeiros (2016),

[...] o processo formativo do indivíduo inicia desde a infância, através da convivência nos grupos sociais de pertença, nas instituições sociais (família, escola, igreja, movimentos sociais e comunitários, etc.), o indivíduo constitui de forma intersubjetiva ao longo de sua vida assume os papéis sociais na construção e reconstrução de sua identidade como um construto social (Medeiros, 2016, p. 152).

É nesse itinerário de experiências e autorreflexões que a formação humana se realiza, no interior dos grupos sociais, nas relações estabelecidas entre os membros dos diversos grupos, nos quais a discussão permite a construção de memórias acerca dos entraves que impedem uma prática pedagógica atenta à realidade dos estudantes, na perspectiva da formação profissional.

Essas relações marcam a presença, também, do outro que fala de suas motivações e sentidos; todavia, escuta e promove a dialogicidade que permeia os encontros significativos porque oportuniza o exercício da subjetividade. A pertinência desse diálogo se justifica pela construção de memórias que dão suporte aos saberes, os quais fundamentam a existência e a identidade dos grupos sociais pela riqueza das interações por vezes conflituosas, devido à diversidade que caracteriza e evidencia o lugar de fala de cada sujeito.

Por essa razão, a memória é um produto social, subsídio para a construção de saberes. De acordo com Foucault (2008, p. 204), “[...] o saber é um conjunto de elementos indispensáveis à constituição de uma ciência, ainda que isso não ocorra; são elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva”. Constatamos, portanto, que os encontros permitem a experiência e provocam nos sujeitos relações pautadas na troca de saberes, perpassando a formação humana.

Parafraseando Tardif (2014), o professor é portador de um saber que resulta

das instituições de formação profissional, dos currículos, bem como da prática diária. Essa pluralidade de elementos que perpassam o fazer pedagógico nos inspira a pensar a prática educativa como resultado das memórias construídas e reconstruídas durante a trajetória docente de cada professor. São experiências sentidas individualmente, embora vivenciadas coletivamente.

Dada a complexidade do conjunto diverso que atua como fundamento da prática escolar, a experiência sinaliza a consciência da intencionalidade do ato educativo, uma vez que integra saberes necessários ao exercício da docência. Conforme afirmam Oliveira e Barreto (2021),

Os saberes advindos da experiência têm importante papel no processo de sustentação da prática dos professores, visto que é por meio dessa prática cotidiana que os diversos saberes vão se manifestando, o que contribui significativamente para um fazer docente de maneira consciente (Oliveira; Barreto, 2021, p. 5).

Ademais, as relações que antecedem ao ato educativo (encontro entre docente/discente) pressupõem uma postura comprometida com a preparação de uma situação de aprendizagem. Dessa maneira, as experiências proporcionadas pela Academia fundamentam ações concretas no percurso docente.

Evocar memórias é parte da condição humana, pois a rememoração promove a (re)significação de sentidos e a produção de saberes responsáveis pela construção e (re)construção de elos que sustentam o fluxo da cultura no interior da escola, via sala de professores.

É na pluralidade desse espaço que acontece a formação contínua exigida pelo sistema educacional, entretanto não se pode apartar o crescimento acadêmico da formação humana, uma vez que o sujeito deve ser tomado em sua integridade. A formação permanente exigida corresponde ao avanço tecnológico intenso, bem como ao surgimento de novas demandas para a preparação do estudante na perspectiva de inserção social protagonista agente.

Nesse exercício diário, o professor se faz, repensando práticas, resultados, experiências, expectativas, sugestões, analisando teorias, mas, sobretudo, reconhecendo o seu papel social que ultrapassa os muros da instituição, alcançando a dinâmica de outros grupos sociais por meio de imagens registradas e arquivadas.

6.2 MEMÓRIA IMAGEM: INFERÊNCIAS

A riqueza de emoções e sentimentos trazidos pelas lembranças evocadas nos momentos de recordações proporcionadas pelo estudo das memórias, construídas na sala de professores, nos envolveu de tal modo, a ponto de nossa orientadora sugerir o registro de uma imagem desse lugar, onde memórias importantes foram construídas.

Cabe salientarmos, que os professores aposentados evidenciaram em todos os momentos a alegria de serem abordados para narrarem fatos, situações de suas vivências no contexto escolar. A emoção externada com palavras, por meio do silêncio nos conduziu à seguinte indagação: Qual a imagem que você guarda da sala de professores? É sobre essa questão que veremos a seguir.

Instigamos os participantes a grafarem uma imagem dessa sala. Houve uma certa resistência, justificando que não tinham habilidades para o desenho, mas poderiam descrever a aparência do espaço, conforme imagem abaixo. A professora **Arrependida** preferiu fazer uso de um aplicativo para mostrar a imagem que sua lembrança guarda e, os demais professores descreveram; as imagens foram representadas no formato que se segue na Figura 18:

Figura 18 - Representações imagéticas da Sala dos Professores



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

É notadamente visível nos registros imagéticos o sentido de coletividade, o que nos faz inferirmos as relações e interações ali efetivadas, conduzidas pela comunhão de objetivos que regem a educação formal. Todavia, apesar das determinações legais vigentes a respeito de currículo, metodologia e avaliação, não podemos apartar os

saberes acadêmicos dos conhecimentos do senso comum que se encontram impregnados na essência de cada participante que adentra a sala de professores.

Essa interação conta ainda com a afetividade que perpassa as trocas de conhecimentos científicos entre os pares, num movimento humanizador, portanto, educativo. A memória imagem a qual nos referimos reporta ao que nos diz Santo Agostinho (2007):

Ali se conservam também, distintas em espécies, as sensações que aí penetraram cada qual por sua porta: a luz, as cores, as formas dos corpos, pelos olhos; toda espécie de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pelas narinas; todos os sabores, pela boca; enfim, pelo tato de todo o corpo, o duro e o brando, o quente e o frio, o suave e o áspero, o pesado e o leve, quer extrínseco, como intrínseco ao corpo. A memória armazena tudo isso em seus vastos recessos, em suas secretas e inefáveis sinuosidades, para lembrá-lo e trazê-lo à luz conforme a necessidade. Todas essas imagens entram na memória por suas respectivas portas, sendo ali armazenadas (Agostinho, 2007, p. 96).

Contudo, também nos aproxima do pensamento de Arroyo (2013) à medida em que nos faz pensar acerca da imagem de nosso ser professor, posto que ao “imaginar” a sala de professores, certamente imprimimos ali a nossa imagem de profissional construída ao longo do caminho, nas interações, nas memórias produzidas, como bem pontua o referido autor que:

Os tempos de escola invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós (Arroyo, 2013, p. 27).

Essas imagens e autoimagens são produzidas pelas experiências vividas no percurso da docência, nos diversos encontros e desencontros, na convivência também permeada de conflitos internos e externos, individuais e coletivos. Desse modo, salientamos nossas impressões acerca da memória imagem por meio do registro dessa memória que fora construída e descrita...

O modelo que a maioria guarda na memória é de salas com carteiras enfileiradas, quadro-negro, giz, livro, caderno e um professor – que fala o tempo todo e passa tarefas. Em função dessa lembrança, muitos

alunos, ao participar de debates, apresentação de vídeos e filmes ou dinâmicas de grupo ficam com a sensação de que estão sendo “enrolados”. Nesse momento é importante mostrar para eles que recursos variados também fazem parte da aprendizagem (Barreto, 2006, p. 170).

A pesquisadora nos lembra o poder da imagem que guardamos na memória, indicando a lembrança a respeito do professor, evocada por muitos alunos. Essa imagem retrata a figura produzida por uma experiência anterior, seja numa vivência presencial e pessoal ou ainda por meio de um conhecimento apropriado via narrativa oral.

Compreendemos as experiências individuais e coletivas, como momentos apropriados à construção de imagens significativas ao processo de formação humana inerente a cada sujeito, pois a referida formação se dá ao longo do percurso de crescimento pessoal e social. Nas relações entre os pares, no espaço e no tempo vivido por sujeitos também plurais, apesar da comunhão de objetivos que fundamentam a existência dos grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, realizamos a rememoração e reconstrução de memórias de professores aposentados em Aracatu – Bahia, construídas na sala de professores, num recorte temporal que compreende a implantação do Segundo Grau (1982) ao final da jornada de trabalho dos educadores pioneiros nessa iniciativa, hoje aposentados.

Esse objeto de pesquisa “A sala de professores como um lugar de memórias” serviu de estudos científicos e de narrativas/testemunhos dos participantes dessa investigação, pilares sobre os quais nos mantivemos com o propósito de dar nossa contribuição à comunidade acadêmica no âmbito que nos cabe pisar, de modo a assegurar o valor científico que ora nos compete.

Os professores selecionados residem em Aracatu, desenvolvem outras atividades, no entanto, guardam muitas lembranças desse tempo e foram atravessados por experiências marcantes, portanto, significativas. Cabe salientarmos a importância do conhecimento construído pelos teóricos basiladores dessa pesquisa para a compreensão das memórias reconstruídas pelos participantes colaboradores.

Conforme destacado no capítulo sobre a metodologia, a análise de dados se deu de maneira qualitativa, sustentando-se nos estudos referentes ao comportamento, atitudes e sentimentos decorrentes das relações efetivadas nos grupos sociais, mais especificamente, na sala de professores.

O presente estudo nos fez pensar acerca de questões pertinentes a respeito do papel social do professor, sobretudo, no valor das memórias construídas na sala de professores. Nos fez refletir sobre a existência ou não do reconhecimento que a comunidade dispensa ao professor aposentado, na valorização do trabalho realizado no decorrer do exercício da docência.

Embora confirmamos a multimodalidade da memória, entendemos também a lacuna existente no que concerne aos estudos a respeito da sala de professores como lugar de memória, uma vez que as interações ali efetivadas proporcionam oportunidade de ação responsável e comprometimento com as transformações na dinâmica social.

A reconstrução das memórias produzidas por professores aposentados na sala de professores confirma os objetivos apresentados em relação à dinâmica nas

relações interpessoais, indicando a pluralidade de saberes que adentram esse lugar de memórias. Contudo, evidencia a diversidade desses que ultrapassam os muros da escola, apontando o sujeito como um ser de relações.

A base teórica selecionada foi importante para estabelecermos diálogos com os participantes e testemunhos da pesquisa e fundamentarmos esse processo de (re)construção. Isso possibilitou atender ao primeiro objetivo específico do trabalho por meio do qual se pretendeu analisar a sala de professores como um lugar de encontro, construção e reconstrução de memórias.

A busca pelo Estado da Arte possibilitou situar nosso estudo, conferindo-lhe a relevância efetiva, pois não encontramos registro de nenhum trabalho centrado na sala de professores como lugar de memórias. Este dado ampliou nossa responsabilidade com o uso das técnicas selecionadas na produção de dados, bem como na análise das narrativas orais e escritas.

Algumas adversidades surgiram nos primeiros contatos com os participantes indicados pelos moradores da comunidade, como fora dito, seis professores foram sugeridos, todavia, dois não responderam ao nosso contato inicial. Outra dificuldade foi com relação a ausência do arquivo público na cidade, o que nos fez ir em busca de moradores interessados na preservação da história, das memórias. Tudo isso concorreu para o aperfeiçoamento de nossa postura como pesquisadora, pois compreendemos a cada passo, a necessidade da disciplina e determinação com relação ao foco da pesquisa.

A oportunidade de promover o diálogo com cada colaborador, oferecendo-lhe a possibilidade de recordar fatos e pessoas para refletir sobre suas ações e até omissões, de certa forma despertou em nós reflexões a respeito das relações que perpassam nossos encontros na sala de professores durante as ACs, no cotidiano de nosso fazer e ser professor.

Ouvir dos professores aposentados com palavras e por meio do silêncio (pois o silêncio também fala) o quanto eles gostariam de ser lembrados, valorizados pela sociedade nos revela o cumprimento de nossa tarefa em dar voz e visibilidade a esses agentes transformadores que são, muitas vezes, impedidos de falar pelo fato de não serem considerados trabalhadores, ou seja, inativos não “servem” mais.

O desenvolvimento desse trabalho, cujo foco foi a memória, especificamente na sala de professores com docentes aposentados, nos permitiu repensar a função da escola e o papel social do professor. Se a sociedade se modifica de acordo com

as demandas que aparecem, é bem verdade que esses novos profissionais necessitarão de um professor.

As experiências desse tempo deixaram em nós as marcas próprias da busca pelo conhecimento da história real. “Acho que recordar é pensar de novo o que fizemos e como fizemos, mas hoje pensamos diferente”. Constatamos, nos passos dados para frente e nos recuos necessários, durante a travessia desse percurso rico em experiências, que a produção de memórias ocorre no grupo social, mais especificamente nas relações ali efetivadas. Ficou claro nos relatos dos participantes que a sala de professores é lugar de memória, sobre isso, ouvimos da professora **Saudade** ao sentir o cheiro do álcool no papel: “[...] parece que estou sentindo o cheiro das provas”.

Verificamos ainda, a necessidade dessa interação e, sobretudo, os saberes advindos das trocas que se fizeram necessárias, pois estas suscitaram novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que favoreceram a evocação de lembranças “arquivadas” na memória. Entendemos também, no exercício da pesquisa, que a memória é individual e coletiva, pois abarca o sujeito em sua subjetividade, sem desconsiderar a vivência comunitária. Aqui a professora **A** menciona: “[...] a sala de professores é lugar de aprender e ensinar”.

Nossa abordagem aqui, refere-se à produção de dados no caminho percorrido durante a investigação, nas ocasiões promovidas pela metodologia adotada, bem como as técnicas selecionadas. A “oficina de memória” foi um momento precioso. Ali a conversa, permeada de memórias “selecionadas” via lembranças, fazia a gente voltar no tempo, recordando também das minhas vivências como estudante do curso de Magistério nos anos 1980.

Perceber a emoção da professora aposentada durante esse encontro foi gratificante pela oportunidade de dar voz àquele silêncio de tantos anos. A professora **Saudade** falou: “Depois que saí da escola ninguém me procurou como professora”. Ao mesmo tempo, ela se vê feliz e diz: “Estou feliz agora, não pela estrutura dessa escola, mas pelo nosso encontro”.

Esse momento valioso provocou reflexões acerca da minha postura enquanto professora regente e alguns questionamentos surgiram: Por que a própria escola não percebe de modo concreto a existência do professor(a) aposentado(a)? Por que cobramos da sociedade esse reconhecimento se a própria instituição não o vivencia? Esse cenário inquietou também a pesquisadora, no sentido de sugerir estudos que

abarcam a proposta de pesquisar a respeito da vida de professores aposentados. O que eles fazem? Como vivem e qual o papel social desses profissionais?

Compreendemos a memória ancorada num tempo e espaço, cuja construção ocorre por meio das interações entre os sujeitos que se relacionam nos grupos sociais primários e/ou secundários, na perspectiva de trocas promotoras de vínculos que tecem o “tecido” social e, portanto, “marcam” as vivências porque são carregadas de sentidos.

O sentido é atribuído ao que o sujeito experimenta, vivencia e transforma em saber num movimento de mão dupla, pois é a experiência com o outro nos grupos sociais o itinerário da construção da memória social. Essa reflexão nos faz pensar o testemunho como elemento fundante na declaração de cada participante de nossa investigação, uma vez que ele esteve presente na sala de professores.

Entendemos, portanto, a rememoração como uma oportunidade de revisitação a esse lugar e ao tempo, uma vez que por meio de lembranças significativas as memórias construídas tornam-se evidentes nesse processo de reconstrução individual e coletivo. O referido processo, não se dá como “resgate”, pois a memória não pode ser resgatada, tomada em sua inteireza, mas a recordação propicia um retorno às “dependências” mais profundas dos “guardados” da memória.

Desse modo, os participantes colaboradores (professores aposentados) não são os “mesmos” frequentadores daquele espaço, assim como o espaço e o tempo são outros, ou seja, a vida propõe movimento e nessa dinâmica a memória se apresenta viva em sua reconstrução.

Assim, tratamos os participantes desse estudo como seres de interação, mais precisamente sujeitos ativos numa ambiência de comunicação de saberes, portanto, as experiências relatadas testemunham vivências, as quais o grupo social ora investigado proporcionou aos professores assíduos nesse lugar de memórias.

Precisa-se de “ouvidos atentos” para narrativas comprometidas com a transmissão da cultura comunitária, pois em decorrência de mudanças na dinâmica social provocadora de alterações na conduta dos sujeitos em suas relações, corre-se o risco do esquecimento. Ocorre também com os professores aposentados, cujas memórias são carregadas de saberes acadêmicos, todavia, trazem saberes da cultura escolar, muitas vezes denominados arcaicos, ultrapassados, porém, permeados de testemunhos de sentidos.

Diante dos relatos dos participantes, foi possível observar as contradições impostas pela sociedade aracatuense a respeito da valoração do professor no exercício da docência, bem como na situação de aposentado. Nesse contexto, percebemos professores aposentados insatisfeitos em relação ao reconhecimento social pelo tempo dedicado ao Magistério naquela comunidade. Ao mesmo tempo, ficou explícita a alegria do dever cumprido e o contentamento ao ser reconhecido(a) por um(a) ex-aluno(a).

As memórias construídas por esses docentes na sala de professores ao longo desse tempo (início da docência até a aposentadoria), foram compartilhadas conosco num processo de reconstrução, uma vez que a memória é viva e está inserida na dinâmica da sociedade. Para os participantes dessa pesquisa, recordar é motivo de orgulho, saudade, gratidão, mas também de tristeza, decepção. Para uma participante “[...] ninguém aqui comunica alguma coisa com o professor aposentado, é como se a gente nem existisse”.

Ficou evidente, a lacuna existente entre professores aposentados e sociedade, sobretudo, quando aqueles encerram o exercício da docência; numa sociedade carente de produtividade, parece que não “servem” mais ao sistema, fundamentado no utilitarismo. Percebemos a carência do entendimento da própria atuação social, uma vez que a comunidade não “vê” o professor aposentado como sujeito agente, podemos enfatizar, o que fora dito anteriormente em relação a novos estudos acerca da realidade que envolve as vivências dos professores nesse novo estado de vida – o professor aposentado.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2007.

ARROYO, Miguel González. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAHIA. **Lei nº 1708, de 12 de julho de 1962**. Cria o município de Aracatu, desmembrado do de Brumado. Salvador, 1962.

BAHIA. **Decreto nº 20.663 de 23 de agosto de 2021**. Institui o Programa Retorno Escolar Seguro – PRES e dá outras providências. Salvador, 2021.

BARRETO, Denise Aparecida Brito. **Representações sociais do professor de Educação de Jovens e Adultos sobre leitura e escrita**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11807>. Acesso em: 15 set. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. 331p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação [on-line]**. Rio de Janeiro, ANPED, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 09 jun. 2022.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 14 out. 2022.

BRASIL. Legislação Informatizada. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Publicação Original. Brasília, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDBEN e dá outras providências. Brasília, 1996. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bas_es_2ed.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e dá outras providências. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm. Acesso em: 14 out. 2022.

COMENIUS, Jan Amós. **A Didática Magna**. Introdução, Notas e Tradução: Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa, PT: Fundação Caloutre Gulbenkian, 2001. Disponível em: http://www2.unifap.br/edfísica/files/2014/12/A_didactica_magna_COMENIUS.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

DE BENEDICTIS, Nereida Maria Santos Mafrá. Memória e espaço social: Concepções teóricas da memória social. *In: Memória e Geografia Social de Mulheres em Rio de Contas - BA*. Edições UESB, 2020. p. 41-63.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Educação**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação e Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, (6): 49-28, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1844359/mod_resource/content/1/T2%20-%20Forquin_saberes_escolares.pdf. Acesso em: 08 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GONDAR, Jo. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus: Revista de Estudos Interdisciplinares em Memória Social**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. p. 09-40.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 1990.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico, 2010. Brasil, 2010.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafrá. **Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas – BA, nas décadas de 1920 a 1960**: reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade. Tese (Doutorado) – Curso de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade do Estadual do Sudeste da Bahia, 2016. 337f. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Tese-Shirlene-Santos-Mafrá.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara AunKhouri. Proj. História. São Paulo (10) dez. 1993.

NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. Porto, Porto Editora, 2013.

NÓVOA, António. **Escolas e Professores**: proteger, transformar, valorizar. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p.

OLIVEIRA, Sandra Mara Vieira. **Formação da identidade docente**: estágio supervisionado, memórias e representações sociais. Dissertação (Mestrado em Educação), Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011. 141 f. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/4732>. Acesso em: 14 set. 2023.

OLIVEIRA, Edmila Silva de; BARRETO, Denise Aparecida Brito. Histórias de vida e formação: influências e motivações para a docência do ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, e034584, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.34584>.

PLATÃO. **Diálogos I**: Mênon, Banquete, Fedro. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1960.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ROCHA, Maria da Consolação; ROCHA, Wanderson Paiva. A precarização do trabalho educacional na prefeitura de Belo Horizonte: desafios para a ação sindical. **FINEDUCA - Revista de Financiamento da Educação**, 4. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/fineduca/article/view/66400>. Acesso em: 15 set. 2023.

RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos. **Professoras aposentadas em território rural/ribeirinho**: identidades e práticas socioculturais. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2013.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, set.- dez., 2006, p. 37-50. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná, Brasil.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. A memória como forma de preservação da história da educação: diálogos entre duas professoras aposentadas. **Momento**, Rio Grande, v. 20, n. 1, p. 29–58, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/2126>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SILVA, Ariadne Cristine Fantoni. **Flores-Ser na profissão[manuscrito]**: a construção da profissionalidade docente de professoras aposentadas. Dissertação - (Mestrado) -Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2021. 223f.

SOUZA, Lílian Aparecida de. **“Quando a gente recebe uma carta do estado**

dizendo que chegou a hora”: memórias e trajetórias de uma professora aposentada. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2014. 87f.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 dez. 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VIEIRA, Tayse Santos. **Centro Educacional Moisés Meira**: um lugar para (re) construção da memória dos Profissionais da educação. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2022. 168f.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro da Entrevista Semiestruturada



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)



Linha de Pesquisa: Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação

Mestranda: Iraci Souza Nunes Marques

Orientadora: Profa. Dra. Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Este estudo objetiva compreender como a sala de professores se constitui como um lugar de memória para docentes aposentados em Aracatu - BA. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, cuja coleta dos dados, será fundamentada nos testemunhos de 04 educadores aposentados, residentes em Aracatu.

Problemática:

Como a sala de professores se constitui como um lugar de memória?

Objetivo Geral:

Compreender a sala de professores como um lugar de memórias para docentes aposentados em Aracatu - BA

Objetivos Específicos e Questões Norteadoras do Diálogo com os Docentes

I Analisar a sala de professores como lugar de encontros, construção e reconstrução de memórias

Este capítulo tem como objetivo analisar a sala de professores como um ambiente de trocas significativas, por meio de interações que marcaram a construção e reconstrução de memórias num tempo vivido por docentes aposentados. Para tanto, algumas questões foram elaboradas para mediar um diálogo flexível, porém orientado no sentido

de favorecer a apreensão do nosso objeto.

1. O que é recordar, pra você?
2. Qual a importância da sala de professores na sua formação pessoal e profissional?
3. Essa sala faz você recordar o quê?
4. Você acredita que a sua presença nessa sala colaborou na construção e reconstrução de memórias? Por quê?

II Reconstruir a memória de professores aposentados por meio de seus testemunhos

Para este objetivo, delineamos algumas questões que possam nos conduzir a alguns relatos das vivências e experiências desses participantes nesse ambiente de relações e troca de saberes.

1. Como era a sala de professores? O que havia nela? Quais objetos?
2. Quem tinha acesso a essa sala? Por quê?
3. O que ocorria nessa sala? Alguma lembrança marcante pra você?
4. Como era a relação com o diretor, coordenador e colegas?
5. Você acha que seu trabalho como professora é reconhecido pela comunidade aracatuense? Em quais aspectos?

III Investigar a relação entre a memória do grupo de professores aposentados e suas práticas educativas/ seu fazer pedagógico

Pretendemos neste capítulo, investigar as interações entre os docentes na sala de professores no sentido de identificar qual a relação estabelecida entre as memórias construídas e a prática educativa dos participantes colaboradores nessa pesquisa. As questões apresentadas a seguir, versam nessa direção.

1. Você fazia o planejamento de suas aulas na sala de professores? Poderia citar uma lembrança boa?
2. Havia ali material adequado e suficiente para suas atividades pedagógicas?
3. O planejamento era individual ou coletivo? Por quê?
4. Você acredita que essas experiências influenciaram sua formação como professor(a)? Como?

Apêndice B – Cartografia Narrativa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)



Linha de Pesquisa: Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação

Mestranda: Iraci Souza Nunes Marques

Orientadora: Profa. Dra. Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis

Prezado(a) participante colaborador(a),

O Diário das minhas vivências/experiências docentes tem o propósito de contribuir para o exercício da rememoração, lembrança e escrita de memórias construídas ao longo das etapas de formação como professor(a), bem como no tempo vivido na sala de professores. Nele você deve narrar a experiência vivenciada em cada momento lembrado.

Explore os seguintes aspectos:

- ✓ Como decidiu cursar o Magistério;
- ✓ Onde e como foi;
- ✓ Quais as dificuldades;
- ✓ Quando começou dar aulas;
- ✓ Como foi essa entrada;
- ✓ Como era a sala de professores nos anos iniciais de trabalho;
- ✓ Que atividades eram desenvolvidas;
- ✓ O que aprendeu;
- ✓ O que ensinou;
- ✓ Que objeto dessa sala traz lembranças;
- ✓ Quem frequentava essa sala;
- ✓ Impressões sobre esse tempo vivido;
- ✓ Interação entre os colegas;
- ✓ Conflitos.

ATIVIDADES QUE DEVEM CONSTAR NO DIÁRIO:

✓ Inserção de material (fotos, escritos, documentos, objetos) para a construção de uma **Cartografia Narrativa** sobre: **eu e a escola: minha infância, os professores, eu professor(a), minha formação, minha família, meus alunos, colegas, supervisor, diretor, merendeira**

✓ Para essa narrativa você deve considerar: o seu espaço de vida; suas lembranças; o espaço social da escola; os professores; suas aprendizagens; como era o ensino? Tem algum material? Objeto? Fotografe e insira no seu mapa/memorial cartográfico

✓ O que faz de alguém um bom professor? Qual o papel social do professor? O que aprendemos com os nossos professores?

✓ Com base nas lembranças evocadas, registre os momentos significativos, abordando os pontos que seguem:

- Você e a sua profissão;
- Você e seus alunos;
- Você e a escola;
- Você e a família;
- Você e os colegas de trabalho;
- Desafios da profissão;
- Expectativas da profissão;
- Desencantos/Decepções.

Prezado(a) colaborador, finalize seu diário de bordo elaborando considerações acerca da proposta de registrar memórias construídas e reconstruídas no percurso de ser e fazer pedagógico. Sua contribuição é muito valiosa para nós!

Apêndice C – Categorias Trabalhadas na Pesquisa

Categoria - A sala de professores como um lugar de memória para os participantes

A sala de professores faz você recordar o quê?	
Você acredita que a sua presença nessa sala colaborou na construção e reconstrução de memórias? Por quê?	
CATEGORIA: A sala de professores como um lugar de memória para os participantes.	
Professores Aposentados	
CODINOME 1 - Recordar	
CODINOME 2 - Saudade	
CODINOME 3 - Arrependida	
CODINOME 4 - Superação	

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Elaboração: NUNES, Iraci (2023).

Categoria - Análise das experiências vivenciadas na sala de professores pelos participantes

O que ocorria nessa sala?	
Alguma lembrança marcante pra você?	
CATEGORIA: Análise das experiências vivenciadas na sala de professores pelos participantes.	
Professores Aposentados	
CODINOME 1 - Recordar	
CODINOME 2 - Saudade	
CODINOME 3 - Arrependida	
CODINOME 4 - Superação	

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Elaboração: NUNES, Iraci (2023).

Categoria - Análise do sentimento de pertença e reconhecimento dos participantes pela comunidade aracatuense

Você acha que seu trabalho como professora é reconhecido pela comunidade aracatuense? Em quais aspectos?

CATEGORIA: Análise do sentimento de pertença e reconhecimento dos participantes pela comunidade aracatuense.

Professores Aposentados

CODINOME 1 - **Recordar**

CODINOME 2 - **Saudade**

CODINOME 3 - **Arrependida**

CODINOME 4 - **Superação**

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Elaboração: NUNES, Iraci (2023).

Categoria - Compreensão acerca das vivências das práticas pedagógicas para os participantes

Você fazia o planejamento de suas aulas na sala de professores?

Poderia citar uma lembrança boa?

CATEGORIA: Compreensão acerca das vivências das práticas pedagógicas para os participantes.

Professores Aposentados

CODINOME 1 - **Recordar**

CODINOME 2 - **Saudade**

CODINOME 3 - **Arrependida**

CODINOME 4 - **Superação**

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Elaboração: NUNES, Iraci (2023)

Categoria - Relação entre planejamento coletivo e construção das memórias nos grupos sociais que adentraram a sala de professores

O planejamento era individual ou coletivo? Por quê?

O planejamento era individual ou coletivo? Por quê?

CATEGORIA: Relação entre planejamento coletivo e construção das memórias nos grupos sociais que adentraram a sala de professores.

Professores Aposentados

CODINOME 1 - **Recordar**

CODINOME 2 - **Saudade**

CODINOME 3 - **Arrependida**

CODINOME 4 - **Superação**

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Elaboração: NUNES, Iraci (2023).

Categoria - Compreensão acerca da vivência/experiência na sala de professores como saber no cotidiano para os participantes

Você acredita que as experiências vivenciadas na sala de professores influenciaram sua formação como professor(a)? Como?

CATEGORIA: Compreensão acerca da vivência/experiência na sala de professores como saber no cotidiano para os participantes.

Professores Aposentados

CODINOME 1 - **Recordar**

CODINOME 2 - **Saudade**

CODINOME 3 - **Arrependida**



CODINOME 4 - **Superação**

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Elaboração: NUNES, Iraci (2023).

ANEXOS

Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP UESB/BA

	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA													
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP														
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA														
Título da Pesquisa: A SALA DE PROFESSORES COMO LUGAR DE MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE DOCENTES APOSENTADOS EM ARACATU - BAHIA														
Pesquisador: IRACI SOUZA NUNES MARQUES														
Área Temática:														
Versão: 1														
CAAE: 74658023.4.0000.0055														
Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB														
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio														
DADOS DO PARECER														
Número do Parecer: 6.424.635														
Apresentação do Projeto:														
<p>“Este projeto objetiva compreender a sala de professores como lugar de memória, destacando a participação de educadores aposentados como população investigada para responder à questão que motiva esse estudo: como a sala de professores se constitui um lugar de memória para docentes aposentados em Aracatu-BA? Nesse sentido, por meio de entrevistas semiestruturadas (individuais e coletivas) bem como oficinas de memória e narrativa cartográfica, buscaremos a reconstrução de memórias construídas por esses educadores ao longo do exercício da docência no recorte temporal que compreende a oferta inicial do ensino médio, última etapa da educação básica em Aracatu – BA até o encerramento da carreira docente desses profissionais (1982 a 2013). Autores como: Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Bondia (2002), Nora (1993), De Benedictis (2016), entre outros, fundamentam os diálogos que permeiarão as discussões necessárias ao entendimento dos sentidos que a sala de professores representa para esses profissionais. Ademais, as palavras chaves: memória – narrativa – testemunho – saber, serão âncoras para as reflexões que as narrativas e depoimentos nos proporcionarão. Desse modo, compreender a sala de professores como um lugar de memória implica reconhecer a relevância da participação dos professores aposentados com suas narrativas e testemunhos para a construção da memória social do Colégio Estadual Coronel Cândido Silveira Santos em Aracatu-BA”.</p>														
<table border="1"> <tr> <td colspan="3">Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)</td> </tr> <tr> <td>Bairro: Jequiezinho</td> <td colspan="2">CEP: 45.208-510</td> </tr> <tr> <td>UF: BA</td> <td colspan="2">Município: JEQUIE</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (73)3528-0727</td> <td>Fax: (73)3525-8883</td> <td>E-mail: cep@uesb.edu.br</td> </tr> </table>			Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)			Bairro: Jequiezinho	CEP: 45.208-510		UF: BA	Município: JEQUIE		Telefone: (73)3528-0727	Fax: (73)3525-8883	E-mail: cep@uesb.edu.br
Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)														
Bairro: Jequiezinho	CEP: 45.208-510													
UF: BA	Município: JEQUIE													
Telefone: (73)3528-0727	Fax: (73)3525-8883	E-mail: cep@uesb.edu.br												
Página 01 de 05														

Anexo B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

CONVIDAMOS o(a) senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

- 1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: **Iraci Souza Nunes Marques**
- 1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: **Profa. Dra. Nereida Maria Santos Mafra De Benedictis**

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA A Sala de Professores como Lugar de Memória: Narrativas de Docentes Aposentados em Aracatu - BA
2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):
2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO:
3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:
3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO

MODERADO

ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R:

6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R:

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R:

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R:

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R:

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R:

6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

R:

6.8. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R:

6.9. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R:

6.10. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.:

6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R:

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: *Iraci Souza Nunes Marques*

Endereço:

Fone:

E-mail:

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, 13 de novembro de 2023.

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ela responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Vitória da Conquista, 13 de novembro de 2023.

Assinatura do(a) pesquisador

Anexo C – Termos de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS
(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPA em 14/02/2020)

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

TÍTULO DA PESQUISA:	A Sala de Professores como Lugar de Memórias Narrativas de Docentes Aposentados em Aracaju-BA
PESQUISADOR RESPONSÁVEL:	<i>Isabel Souza Nunes Marques</i>

Estado ciente, esclarecido e assegurado quanto:

- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE),
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a qualquer das partes envolvidas na pesquisa, e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/ 1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

AUTORIZO através do presente documento, e **CONSENTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima indicada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de de gravações (sons e imagens)

da minha pessoa
 do indivíduo pelo qual sou responsável

Aracaju, 24/10/2023

Isabel Souza Nunes Marques
Assinatura do(a) participante (e/ou do seu responsável)

Assinatura do(a) pesquisador

Impressão Digital
(Se for o caso)

Página **1**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB Aracaju
(71) 3528-8727 | cep@uesb.edu.br

Rubrica:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa do UESB em 14/02/2023)

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

TÍTULO DA PESQUISA:	A Sala de Professores como Lugar de Memória: Narrativas de Docentes Aposentados em Aracaju-BA
PESQUISADOR RESPONSÁVEL:	Inaci Souza Naves Marques

Estando ciente, esclarecido e assegurado quanto:

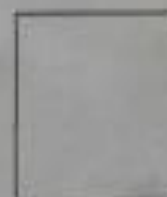
- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE),
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a qualquer das partes envolvidas na pesquisa, e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 3.296/2004).

AUTORIZO, através do presente documento, e **CONSINTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima realizada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de gravações (sons e imagens)

- da minha pessoa
 do indivíduo pelo qual sou responsável

Aracaju, 24/10/2023

Estivani da Silva Aguiar Araújo
 Assinatura do(a) participante (e/ou do seu responsável)



Assinatura do(a) pesquisador

Impressão Digital
(Se for o caso)

Página 1

Anexo D – Autorizações para Coleta de Dados

AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS
(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

Eu, Olga Neira dos Santos Lima, ocupante do cargo de gerente do(a) Colégio Estadual Coronel Cândido Silveira Santos, **AUTORIZO** a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado A Sala de Professores como Lugar de Memória: Narrativas de Docentes Aposentados em Aracati-BA, dos pesquisadores Íraci Souza Nunes Marques após a aprovação do referido projeto pelo CEP/UESB.

Em tempo, asseguro disponibilidade da infraestrutura e dos recursos necessários para viabilizar a execução do procedimento, conforme explicitado no projeto, em atendimento à alínea "b" do ponto 3.3, e do item 17 do ponto 3.4.1, ambos do título 3 da Norma Operacional CNS nº 001/2013.

Aracati, 12/09/2023

Olga Neira dos S. Lima
 Ass. do(a) responsável pela autorização da coleta

Carimbo

Olga Neira dos Santos Lima
 Gerente
 Número nº 3760278
 Ins. nº 26.226.200-0-0. 16/02/2019

Impressão Digital
 (Se for o caso)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Inepê
 (71) 3526-0727 | cep@uesb.edu.br

AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Atestado aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/07/2023

Eu, Ana Célia Alves Oliveira, ocupante do cargo de gestora do(a) Escola Municipal Centro Educacional de Aracati, **AUTORIZO** a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado A Sala de Professores como Lugar de Memória: Narrativas de Docentes Aposentados em Aracati-RN, dos pesquisadores Iraci Souza Nunes Marques após a aprovação do referido projeto pelo CEPUESB.

Em tempo, asseguro dispor das infraestruturas e dos recursos necessários para viabilizar a execução do procedimento, conforme explicitado no projeto, em atendimento à alínea "b" do ponto 3.3, e do item 17 do ponto 3.4.1, ambos do título 3 da Norma Operacional CNS nº 001/2013.

Aracati, 13/09/2023

Ana Célia Alves Oliveira

Ass. direta responsável pela autorização da coleta

Carimbo:

Ana Célia Alves de Oliveira
Diretora do Centro
Educativo de Aracati
CPF: 896.594.025-49



Impresso Digital
(Se for o caso)